

CELSO ALCÂNTARA DA CUNHA

**A UMBANDA E A DIVINIZAÇÃO
DO ELEMENTO ÁGUA**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciência das Religiões no Curso de Mestrado em Ciência das Religiões, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor Krzysztof Dworak
Co-Orientador: Prof. Paulo Jorge Soares Mendes Pinto

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 25/11/2020, perante o Júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º 254/2020, de 3/11/2020, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor José Brissos-Lino

Vogal:

Prof. Doutora Hélia Correia Brancons Carneiro (Instituto de Serviço Social) – Arguente

Orientador:

Prof. Doutor Krzysztof Dworak

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Lisboa

2019

À minha Mãe

AGRADECIMENTOS

Este é o momento em que se torna extremamente difícil usar as palavras adequadas para expressar o meu profundo agradecimento a todos os que me ajudaram e, de alguma forma, me deram a força e a ajuda necessárias para a concretização deste trabalho.

Na verdade, a realização deste trabalho de dissertação só foi possível graças aos diversos níveis de colaboração que me foram dedicados e que contribuíram para atenuar todas as dificuldades inerentes à sua preparação e conclusão.

Em particular, torna-se importante realçar e agradecer os contributos seguintes:

- À Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia – ULHT, na pessoa do seu Administrador, o Professor Doutor Manuel Almeida Damásio, pelas facilidades que me foram concedidas para que pudesse concretizar a conclusão e entrega do presente trabalho de Dissertação de Mestrado.
- Ao Prof. Doutor Krzysztof Dworak, Orientador Científico, por todo o interesse demonstrado, bem como pelos valiosos conselhos e comentários com que acompanhou o desenvolvimento, aprofundamento e conclusão deste trabalho.
- Ao Prof. Paulo Jorge Soares Mendes Pinto, Co-Orientador Científico, por todos os seus inestimáveis ensinamentos, conselhos e salutar grau de exigência com que acompanhou este trabalho.

Por último mas, não menos importante:

- Aos que, inadvertidamente, me estou a esquecer de expressar a minha gratidão.

A TODOS, O MEU PROFUNDO RECONHECIMENTO...

... BEM HAJAM!

RESUMO

Esta dissertação pretende estabelecer um paralelismo original entre as ‘Fases do Ciclo da Água’ e ‘Orixás da Umbanda’, uma religião sincrética de raiz Africana centrada na sacralização das ‘Forças da Natureza’.

O primeiro capítulo trata da troca contínua de água na hidrosfera, que se perpetua nas três ‘Fases/Processos de Transferência Principais do Ciclo Hidrológico’: ‘Evaporação, Precipitação e Escoamento’.

O segundo capítulo apresenta uma pesquisa aprofundada sobre as ‘Origens, Fundamentos e Prática Religiosa da Umbanda’, nomeadamente a influência da ‘Diáspora Luso-Afro-Brasileira’, na sua implementação e vinda para Portugal, e no ‘Sincretismo’ entre ‘Orixás’ e «Santos Católicos».

No terceiro capítulo referem-se algumas particularidades importantes das ‘Religiões Tradicionais Africanas’ presentes na Umbanda, como sejam o carácter animista e um Panteão presidido por ‘Um Único Deus Criador’, assessorado por um conjunto extenso de ‘Orixás’ que representam as ‘Forças da Natureza’, procedendo-se depois à apresentação da distribuição inovadora proposta dos ‘Orixás da Água’, por cada uma das três ‘Fases do Ciclo Hidrológico’.

Na conclusão comenta-se, sucintamente, a distribuição realizada dos ‘Orixás’ pelas três ‘Fases do Ciclo da Água’, tecem-se algumas considerações acerca do ‘Afrocentrismo’ e da ‘Teologia Afro-negra’ e identificam-se outras áreas de desenvolvimento futuro relacionadas com Religiões e com a ‘Simbologia dos Quatro Elementos’.

Palavras-chave:

Ciclo Hidrológico, Diáspora, Orixá, Umbanda.

ABSTRACT

This dissertation pretends to establish an original parallelism between the ‘Phases of the Water Cycle’ and ‘Umbanda Orishas’, an African root syncretic religion, based on the Nature Forces sacredness.

The first chapter deals with the continuous change of water in hydrosphere, which is perpetuated through the three ‘Main Transferring Processes/Phases’ of the ‘Hydrologic Cycle’: ‘Evaporation, Precipitation and Draining’.

In the second chapter a deep research on the ‘Origins, Basis and Religious Practice of Umbanda’, are presented, namely the influence of ‘Portuguese-Afro-Brazilian Diaspora’ on Umbanda implementation and migration to Portugal, and on the ‘Syncretism’ between ‘Orishas’ and «Catholic Saints».

The third chapter tells some important peculiarities on ‘African Traditional Religions’, also presented in Umbanda, like the animism character and a Pantheon chaired by ‘Only One Creator God’, helped by a large set of Orishas, whose act as Nature Forces, and afterwards the proposed innovative distribution of ‘Water Orishas’ by each one of the three ‘Hydrologic Cycle Phases’, is exposed.

In the conclusion the innovative distribution of ‘Water Orishas’ by the ‘Water Cycle Phases’, is briefly commented, some considerations on ‘Afrocentrism’ and ‘Afro-black Theology’, are referred, and some other themes to develop, related with Religions and the ‘Four Elements Symbolize’, are identified.

Key-words:

Hydrologic Cycle, Diaspora, Orisha, Umbanda.

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

A, a

a.E.C. – Antes da Era de Cristo

al. – Abreviatura do termo em Latim «alii», que significa ‘outros’.

’ – Apóstrofo, usado para abreviar preposições simples.

‘...’ – Dois apóstrofos ou aspas curvas simples, a usar para realçar o termo no interior.

“...” – Aspas curvas duplas, usadas em citações colocadas no seu interior.

«...» – Aspas angulares, usadas para destacar qualquer termo estrangeiro colocado no meio.

B, b

/ - Barra vertical, usada para indicar hipóteses alternativas, ou.

C, c

cm – Centímetro.

D, d

D’, d’ – Abreviatura da preposição simples ‘de’, passível de ser usada antes de palavras começadas por vogal.

E, e

et – Termo em Latim que significa ‘e’.

et al. – Abreviatura da expressão em Latim «et alii», que significa ‘e outros’, usada em referências bibliográficas com seis ou mais autores.

M, m

mod. – Modificado.

N, n

N. – Abreviatura de ‘Nossa’.

P, p

p. – Página.

pp. – Páginas.

R, r

... – Reticências, usadas para indicar texto em falta ou passível de ser subentendido.

S, s

S. – Abreviatura de ‘São’.

Sra. – Abreviatura de ‘Senhora’.

Sto. – Abreviatura de ‘Santo’.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – O Ciclo da Água.....	15
1.1 – Generalidades.....	16
1.2 – Fases do Ciclo da Água.....	17
1.3 – Considerações Finais.....	19
CAPÍTULO 2 – Umbanda: Origens, Fundamentos e Prática.....	21
2.1 – Origens da Umbanda.....	22
2.1.1 – Proveniência da Diáspora Luso-Africana do Brasil.....	22
2.1.2 – Alguns Aspectos Históricos da Origem da Umbanda no Brasil.....	24
2.1.3 – Início da Umbanda em Portugal.....	31
2.2 – Bases da Umbanda.....	35
2.2.1 – Definição de Umbanda.....	35
2.2.2 – Principais Fundamentos da Umbanda.....	35
2.2.3 – Fundamentos Complementares.....	38
2.3 – Princípios Práticos da Umbanda.....	47
2.3.1 – Aspectos Práticos Dominantes na Umbanda.....	48
2.3.2 – Sincretismo na Umbanda.....	57
2.3.3 – Linhas de Trabalho da Umbanda.....	61
2.4 – Considerações Finais.....	63
CAPÍTULO 3 – Orixás da Umbanda e o Ciclo da Água.....	65
3.1 – Religiões Africanas Tradicionais.....	66
3.2 – Deuses Iorubas da Água/Orixás da Água na Umbanda.....	67
3.2.1 – Orixá Regente da Fase de Evaporação da Água Superficial.....	67
3.2.2 – Orixás Regentes da Fase de Precipitação da Água.....	71
3.2.3 – Orixás Regentes da Fase de Escoamento da Água.....	84
3.2.3.1 – Orixás Regentes do Escoamento Superficial da Água.....	85
3.2.3.2 – Orixás Regentes do Escoamento e Armazenamento da Água.....	96
3.2.3.3 – Orixá Regente do Escoamento Subterrâneo da Água.....	103
3.3 – Considerações Finais.....	107

CONCLUSÃO.....	109
BIBLIOGRAFIA.....	114
ÍNDICE REMISSIVO.....	123

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro I – Plantas de Uso Corrente em ‘Terreiros’ no Brasil.....	54
Quadro II – Equivalências entre ‘Orixás’ e “Santos Católicos”.....	59
Quadro III – Equivalência entre ‘Orixás’ e “Deuses Hindus”.....	60
Quadro IV – Equivalência entre ‘Orixás’ e “Budás/Buddhas e Bodhisattvas”.....	60
Quadro V – “Sete Linhas de Trabalho da Umbanda”.....	62
Quadro VI – Atributos Práticos do ‘Orixá Oxumaré’.....	69
Quadro VII – Atributos Práticos do ‘Orixá Nanã’.....	73
Quadro VIII – Atributos Práticos do ‘Orixá Euá’.....	77
Quadro IX – Atributos Práticos do ‘Orixá Iansã’.....	81
Quadro X – Atributos Práticos do ‘Orixá Oxum’.....	86
Quadro XI – Atributos Práticos do ‘Orixá Logun Ede’.....	90
Quadro XII – Atributos Práticos do ‘Orixá Obá’.....	94
Quadro XIII – Atributos Práticos do ‘Orixá Iemanjá’.....	98
Quadro XIV – Atributos Práticos do ‘Orixá Olokum’.....	101
Quadro XV – Atributos Práticos do ‘Orixá Xangô’.....	105

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema do ‘Ciclo Hidrológico’	18
Figura 2 – Exemplos de ‘Pontos Riscados’	42
Figura 3 – Ilustração do ‘Orixá Oxumaré’	68
Figura 4 – Ilustração do ‘Orixá Nanã’	72
Figura 5 – Ilustração do ‘Orixá Euá’	76
Figura 6 – Ilustração do ‘Orixá Iansã’	80
Figura 7 – Ilustração do ‘Orixá Oxum’	85
Figura 8 – Ilustração do ‘Orixá Logun Ede’	89
Figura 9 – Ilustração do ‘Orixá Obá’	93
Figura 10 – Ilustração do ‘Orixá Iemanjá’	97
Figura 11 – Ilustração do ‘Orixá Olokum’	100
Figura 12 – Ilustração do ‘Orixá Xangô’	104

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Esta dissertação pretende estabelecer um paralelismo original entre as diversas fases do ‘Ciclo da Água’ e Deuses¹, Divindades² e/ou Deidades³ de diferentes religiões de raiz Africana, centrando-se principalmente nas religiões politeístas tradicionais da África Central e Ocidental dos povos Iorubas, base do carácter Africano da Umbanda. Um paralelismo que não se encontra na literatura e que detém uma relevância impar, não só por a água ser um dos quatro elementos básicos da criação: - ‘Água, Ar, Fogo e Terra’ -, mas também e, em especial, devido à importância fundamental da água para a preservação da vida humana, estreitamente relacionada com o ‘Ciclo Hidrológico’ e/ou com a sua constante renovação e purificação.

Na verdade, sabe-se desde tempos imemoriais que os povos têm vindo a considerar da maior importância todas as ações de petição da protecção divina para combater as suas aflições, fossem elas de que tipos fossem. Por outro lado, também é certo que a maioria das civilizações antigas nasceram perto de água, de grandes rios, de lagos e/ou do mar, tal era a importância da água para a sobrevivência do ser humano, nomeadamente na rega dos campos e na pesca para a alimentação, bem como na deslocação de pessoas e bens, quer por via fluvial, quer marítima. Além disso, sempre que chovia em demasia ou as cheias eram mais prolongadas o homem antigo atribuía essas calamidades ao facto das Deidades não estarem satisfeitas com ele, devido a ter feito algo que provocara a sua fúria. A seca, a falta de chuva, ou as cheias tardias também eram sentidas de modo similar. Se não chovesse era muito importante que existisse uma fonte de água perto dos campos, passível de permitir o seu transporte para a rega, ou se as chuvas e as cheias fossem tardias poderia já não haver tempo suficiente para que as sementes germinassem e dessem o seu fruto, isto é, em qualquer dos casos a fome e a morte podiam tornar-se uma constante da vida humana.

¹ Seres supremos, Divindades dos cultos pagãos ou de quaisquer outras religiões, excepto a Judaica (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013) que, em geral, moram em lugares distantes, a que o homem não tem acesso, como sejam Aruanda, Asgard e o Monte Olimpo.

² Deuses, Seres divinos (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013) que fazem a ligação ao homem em diversos cultos.

³ Seres divinos, Divindades (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013), Seres de natureza divina, geralmente próximos do homem e relacionados com os elementos da natureza.

Nesta conformidade, no Capítulo 1 tecem-se algumas considerações sobre o planeta Terra e as religiões do homem antigo para depois se debruçar sobre o ‘Ciclo da Água’, o ‘Ciclo Hidrológico’, e os seus diversos processos de transferência, estádios ou fases.

Nos Capítulos subsequentes, começa-se por traçar, baseados numa pesquisa bibliográfica aprofundada, as origens, os fundamentos e os princípios práticos da Umbanda, tendo em consideração o sincretismo dos diversos Deuses, os Orixás, do Panteão Religioso Africano da Umbanda para, depois, passar a relacionar os chamados ‘Orixás da Água’ com as várias fases e/ou reservatórios do ‘Ciclo Hidrológico’.

Em particular, o Capítulo 2 trata da Umbanda, nomeadamente das origens da “diáspora Luso-Afro-Brasileira”, dos aspectos históricos mais relevantes da implementação da Umbanda no Brasil e da sua transnacionalização para Portugal, dos fundamentos religiosos e procedimentos rituais básicos, a que acrescem os seus princípios práticos, com diversos aspectos dominantes relacionados com o seu funcionamento, como sejam o Templo/Tenda/ /Centro/Terreiro, a organização sacerdotal, a sequência prática e os materiais usados nos rituais, o sincretismo do ‘Panteão de Orixás’, em especial com o ‘Catolicismo’, bem como com o ‘Hinduísmo e Budismo’ e as ‘linhas de trabalho da Umbanda’.

No Capítulo 3 expõe-se o paralelismo inovador que estabelece a distribuição proposta de ‘Deuses’, ‘Orixás do Panteão Religioso da Umbanda’ pelas referidas ‘Fases e Reservatórios’ do ‘Ciclo da Água’, debruçando-se sobre o relacionamento existente e descrevendo as características básicas de cada um dos ‘Deuses’ cujas especificidades se relacionam com os ditos ‘Processos de Transferência, Fases ou Estádios’ do ‘Ciclo Hidrológico’. De salientar, é ainda o facto de, em geral e em particular no contexto da ‘Ciência das Religiões’ se poder dizer que os ‘Panteões de Deuses Africanos’ e, em especial, o dos ‘Orixás da Umbanda’ poderem ser considerados dos ‘Panteões’ mais completos, sob o ponto de vista de relacionamento com cada uma das diferentes ‘Fases/Estádios’ do ‘Ciclo da Água’.

Em acréscimo, na Conclusão procede-se a uma síntese final em que se salienta a pertinência do trabalho proposto e realizado, tendo em conta o tipo inovador de desenvolvimento e abordagem do tema.

Na Bibliografia apresenta-se a lista das referências genéricas e especializadas, todas com elevado nível de credibilidade, quer em termos da prática conhecida quer pela confirmação conferida pelas referências dos seus pares, que são utilizadas ao longo do texto do trabalho, de acordo com o estilo de referenciação bibliográfica que usa o apelido do autor seguido da data da publicação e, eventualmente, da página ou páginas consultadas, o estilo autor-data e/ou

autor-data-página, das normas estabelecidas pela ‘American Psychological Association’ [APA], 2001, de uso aconselhado nas normas para a redação e apresentação dos diversos tipos de Teses a submeter à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia [ULHT], e que a presente dissertação de Mestrado pretende cumprir (Primo & Mateus, 2014, p. xxx-xliii).

Por fim, importa informar que a narrativa da presente dissertação foi realizada sem ter em consideração as alterações de escrita introduzidas pelo último acordo ortográfico, alterações tão amplamente contestadas que se julga relevar e legitimar a opção adoptada.

CAPÍTULO 1

O CICLO DA ÁGUA

CAPÍTULO 1 – O Ciclo da Água

Neste capítulo começa-se por apresentar algumas generalidades relacionadas com o planeta Terra e o seu ciclo da água, o ciclo hidrológico. De seguida, procede-se uma exposição sucinta das diferentes fases/estádios/etapas por que passa a água durante todo o percurso, salientando-se o facto de a água ter sido sempre considerada um elemento essencial à vida na Terra, razão pela qual nas religiões do homem antigo se cultuavam variados Deuses, Divindades e/ou Deidades que regiam a água nas suas diversas formas.

1.1 – Generalidades

Vista do espaço a Terra apresenta-se como um globo maioritariamente de cor azul, razão pela qual é correntemente denominada ‘planeta azul’ ou, ainda, ‘planeta da água’. De facto, a água é o composto químico básico da hidrosfera, uma das camadas constituintes da estrutura da Terra⁴, que desempenha funções da maior importância e ocupa cerca de 70% da superfície terrestre. Na hidrosfera a água apresenta-se, principalmente, nos estados sólido e líquido, distribuídos por três reservatórios básicos: os oceanos, que contêm cerca de 97% da água da superfície terrestre, os glaciares polares, cujos gelos retêm cerca de três quartos dos restantes 3% e a água doce continental dos rios, lagos e pântanos com a parte remanescente. De considerar, são ainda as águas subterrâneas e a água contida nas nuvens da atmosfera, bem como o facto de na Terra a água ser o único composto químico que, simultaneamente, se encontra nos três estados físicos: sólido, nos glaciares polares, líquido, nos oceanos e nas águas doces das águas subterrâneas, rios, lagos e pântanos, e gasoso, nas nuvens da atmosfera (Allégre, C., 1996, p. 1-5), (Duarte, P. A., 1999).

⁴ Na Terra, em termos de estrutura podem considerar-se as camadas seguintes (Duarte, P. A., 1999):

- Atmosfera: a camada gasosa que atinge uma altura de cerca de 1.000 km, basicamente, constituída por 78,084% de azoto/nitrogénio, 20,946% de Oxigénio, 0,934% de Árgon e 0,036% de outros gases;
- Hidrosfera: o conjunto das já referidas massas de água, que ocupam 70% da superfície terrestre;
- Litosfera/Crosta: a camada superficial sólida, com espessuras que variam entre 5 e 10 km sob os oceanos e vão de 25 a 90 km nos continentes;
- Manto: a camada pastosa abaixo da litosfera, com temperaturas que variam de 870°C junto à crosta até 2.200°C junto ao núcleo e uma espessura de cerca de 2.900 km, em que os elementos químicos predominantes são: silício, alumínio, ferro e magnésio;
- Núcleo: a região interior da Terra, com temperaturas que vão de 2.200°C a 5.000°C no interior e composta de ferro e níquel fundidos, embora devido às grandes pressões na parte mais central esses elementos químicos já se encontrem no estado sólido.

Como complemento importante ainda interessa mencionar a chamada biosfera, isto é, a parte do planeta Terra habitada pelo ser humano, onde existe vida quer animal quer vegetal, bem como todos os elementos importantes para a manutenção dessa mesma vida⁵. Além disso, o homem, como ser vivo, faz parte da biosfera e interage com os outros seres vivos, umas vezes de modo harmónico e noutras desarmonicamente, (Allégre, C., 1996, p. 7-9), (Conhecer melhor o planeta Terra, 2008-2016), (Planeta Terra).

A evaporação das águas superficiais funciona como uma etapa de destilação que purifica a água. Esta água, transportada pela atmosfera sob a forma de vapor condensa-se, quando a temperatura baixa, e vai formar as nuvens, que se movem pela acção do vento e, ao chocarem entre si, autodestroem-se, dando origem à chuva e, em condições de temperaturas mais frias, à neve que cai sobre parte dos continentes, isto é, à segunda fase de transferência fundamental do ciclo da água. No entanto, a chuva purificada pela evaporação pode não se apresentar totalmente pura devido à sua interacção com poeiras poluentes, como no caso das chamadas ‘chuvas ácidas’. Note-se ainda que, parte da chuva que cai na superfície terrestre, rios e oceanos também se vai infiltrar no solo. Com efeito, a água da chuva, quando transpõe a camada de solo móvel e penetra nas rochas duras, mas porosas, torna-se subterrânea e vai purificar-se, no decurso do seu trajecto através das rochas porosas. Se a água da chuva estiver poluída, se tiver ficado inquinada durante o seu trajecto à superfície ou se ocorrer a sua incorporação em águas usadas, o percurso subterrâneo vai purificá-la por acção combinada dessa filtragem e de bactérias existentes na litosfera. Em suma, poderá dizer-se que no ciclo da água existem duas etapas de purificação: uma atmosférica e outra subterrânea. Além disso, a maneira como a chuva se vai distribuir pela superfície terrestre vai ainda determinar o clima dos vários continentes, a sua vegetação e, conseqüentemente, o desenvolvimento da vida e do homem (Allégre, C., 1996, p. 4-5).

1.2 – Fases do Ciclo da Água

Nas religiões antigas, o elemento água é um dos mais importantes, visto ser o elemento provedor básico da vida e da fertilidade, pelo que a época das chuvas e, mesmo, as cheias eram, frequentemente, esperadas com grande ansiedade.

⁵ Elementos provenientes da atmosfera, litosfera e hidrosfera, com sejam o ar, a água, o solo, o calor, a luz e os alimentos (Conhecer melhor o planeta Terra, 2008-2016), (Planeta Terra), (Zimbres, E., 2011, 23 de Março).

Nestas religiões, o elemento água é muitas vezes considerado um elemento feminino e, como tal, uma Deusa ou Deidade quase sempre ligada ao amor, às paixões e à maternidade (Husain, S., 1997/2001, p. 92-103). De facto, o homem antigo sempre dependeu da água para a sua subsistência e havia sempre um Deus ou Deusa e, por vezes, mais do que um, relacionado com cada uma das fases do ciclo da água.

Em termos das fases do ciclo da água, cientificamente denominado ciclo hidrológico, convém salientar que, basicamente, no ciclo da água, figura 1, se tem uma troca contínua de água na hidrosfera, entre a atmosfera e a água do solo, isto é, águas superficiais, subterrâneas e seres vivos, designadamente das plantas, num movimento contínuo em que se perpetuam os três processos de transferência principais que se seguem (Zimbres, E., 2011, 23 de Março):

- Evaporação de água dos oceanos, rios, lagos, etc., aliada à evapotranspiração das plantas e animais terrestres para o ar;
- Precipitação devido à condensação do vapor de água contido nas nuvens que cai directamente na terra e/ou no mar;
- Escoamento superficial da água da chuva sobre o solo que, em geral, também irá acabar por atingir parcialmente o mar.



Figura 1 - Esquema do 'Ciclo Hidrológico' (United States Geological Survey [USGS], em Zimbres, E., 2011, 23 de Março).

Destes processos de transferência do ciclo hidrológico poderão considerar-se duas fases de transferência de água fundamentais. A primeira, com início na transferência da água da superfície terrestre para a atmosfera, numa passagem do estado líquido ao gasoso quer por evaporação directa, quer pela transpiração das plantas e animais - a evapotranspiração. Em especial, a vegetação desempenha um papel de grande importância no ciclo hidrológico, uma vez que uma parte significativa da água da chuva, que cai, é absorvida pelas suas raízes e acaba por voltar à atmosfera por evaporação da sua transpiração. Como se viu, na segunda fase de transferência de água fundamental tem-se a transferência da água armazenada na atmosfera que regressa à superfície terrestre por precipitação, sob as formas de chuva, granizo ou neve, e acaba por ter diversos destinos. Com efeito, uma parte desta precipitação volta à atmosfera por evaporação, outra infiltra-se no solo e vai alimentar lençóis freáticos e rios subterrâneos. A formação e/ou manutenção destes lençóis freáticos e rios subterrâneos vai contribuir para a regularização da precipitação restante, isto é, dos caudais de chuva que, ao escorrer dos pontos de maior para os de menor altitude da crosta, alimenta os diversos reservatórios de água disseminados pela superfície terrestre, tais como pântanos, lagos, rios, riachos, mares e oceanos, para além de também cair sobre animais e vegetação, dando origem à já referida evapotranspiração, especialmente a água que fica retida nas folhas das plantas e que ao ser evaporada volta à atmosfera sob a forma de vapor (Zimbres, E., 2011, 23 de Março).

Nesta conformidade, o ciclo da água funciona como um agente modelador da crosta terrestre que, por intermédio da erosão, transporte e deposição de sedimentos provocados pela precipitação da água da chuva, acaba por condicionar a cobertura vegetal da superfície terrestre e, em geral, toda a vida na Terra (Zimbres, E., 2011, 23 de Março).

1.3 – Considerações Finais

Neste contexto, o relacionamento entre as várias religiões, maioritariamente antigas, e o ciclo da água encontram-se Deuses, Divindades e/ou Deidades protectores das diferentes formas e estados em que a água pode ocorrer e se apresenta perante o ser humano desde nascentes, fontes, ribeiros e rios, incluindo os rios subterrâneos, bem como aos géiser, cujas águas pertencem, por exemplo, à Deidade Africana Xangô e às termas, com águas consideradas muito especiais, que pertencem a Deusas dedicadas à cura, como sejam a Deusa Romana Salus e a Deusa Grega Higia.

Quando os rios se tornam mais largos ou se dá a junção de outros rios, podem surgir rápidos e formar-se lagos e lagoas. Descendo os rios, por vezes, também se podem encontrar cascatas, cachoeiras e cataratas. No final da descida, aparece a foz, depois da foz, vem o mar e do mar tem-se o oceano. Enfim, a partir de todos estes estágios de permanência da água, o sol provoca a sua evaporação, que ao condensar forma as nuvens. Das nuvens, vem a chuva, a lama, os pântanos, isto é, o recomeço de todo o ciclo da água e, para as suas diversas fases, existem Deuses, Divindades e/ou Deidades do Panteão Religioso da Umbanda que será considerado nos próximos capítulos.

CAPÍTULO 2

UMBANDA: ORIGENS, FUNDAMENTOS E PRÁTICA

CAPÍTULO 2 – Umbanda: Origens, Fundamentos e Prática

Este Capítulo trata das bases da Umbanda, tendo em consideração não só as origens, os fundamentos religiosos e o seu Panteão de Orixás no âmbito da sua prática litúrgica, mas também a realidade do povo Africano/negro, com a sua inserção como escravos, desde o início da colonização Europeia, nomeadamente da chamada “Diáspora Luso-Africana”, que colocou em confronto a imposição de Cristianização, com a dinâmica de fé e visão de Deus da sua Religião Africana (Ramos Ventura, P.P., 2016, p. 2), (Sweet, J.H., 2003, p. 255).

2.1 – Origens da Umbanda

Nas origens da Umbanda começa-se por considerar as principais áreas de captura de escravos e os grupos étnicos predominantes da “Diáspora Luso-Africana” que seguiu para o Brasil, para depois se debruçar sobre alguns dos aspectos históricos mais relevantes da origem da Umbanda no Brasil, bem como da sua chegada a Portugal.

2.1.1 – Proveniência da Diáspora Luso-Africana do Brasil

Ao longo da história, os negros Africanos foram, frequentemente, vistos como seres sem alma, sem espírito e sem hipóteses de salvação eterna. Os Senhores, católicos, tinham escravos negros que eram obrigados a abandonar as suas tradições e religiões Africanas, vistas como diabólicas e desprezadas, razão pela qual os escravos negros tinham de ser cristianizados, para que passassem a ser vistos como “indivíduos de bem e com alma limpa ou purificada”. Os colonos brancos funcionavam, então, como “intérpretes das Sagradas Escrituras e os detentores do conhecimento teológico”, pelo que tinham o dever de ensinar ao negro um novo modo de sentir a fé, de estar com Deus e, mesmo, de se ver a si próprio (Ramos Ventura, P.P., 2016, p. 2, 3).

O convívio, ao longo dos séculos, entre indivíduos de diferentes grupos étnicos, provenientes das várias áreas de captura de escravos, provocou mudanças significativas de comportamento e desenvolvimento na “diáspora Luso-Africana” do Brasil (Ramos Ventura, P.P., 2016, p. 1-3), (Sweet, J.H., 2003, p. 39-48).

Entre 1441 e 1770, as principais áreas de captura de escravos da Costa Atlântica⁶ podem dividir-se em três grandes regiões culturais, cada uma com múltiplas identidades étnicas e linguísticas (Sweet, J.H., 2003, p. 31-38):

- Alta Guiné – descritos como escravos da “Guiné”, termo que acabou por se tornar sinónimo de ‘Africano’, causando algumas confusões de identidade. Com efeito, os primeiros escravos Africanos da “diáspora Luso-Africana” foram capturados entre 1441 e 1518, primeiro período, com escravos da Senegâmbia e Alta Guiné que seguiram para a Península Ibérica e Ilhas Atlânticas, enquanto entre 1518 e 1580, segundo período, já começaram a seguir para o Brasil, devido ao início da colonização;
- Baixa Guiné – referidos como escravos ‘Mina’. Esta é a origem da maior parte dos escravos Africanos capturados no terceiro período, que decorreu desde 1580 até à década de 90 do séc. XVII, geralmente, destinados ao Nordeste Brasileiro;
- África Central – mencionados como “Angolas”, começaram a surgir em Portugal ainda no século XVI, tornando-se a proveniência predominante dos escravos capturados para o Brasil a partir de finais do século XVII, isto é, o quarto período e última fase da escravatura, embora ainda continuasse a ter lugar a vinda de escravos provenientes das Alta e da Baixa Guiné.

Embora em número e influência muito mais reduzidos, é ainda de mencionar uma quarta área de captura de escravos na Costa Oriental de África, ou seja, dos escravos provenientes de Moçambique (Sweet, J.H. 2003, p. 37).

Como religião, a Umbanda integra-se nos chamados “Cultos Afro-Brasileiros”, herdeiros das crenças dos escravos Africanos que foram levados para o Brasil a partir do século XVI, principalmente provenientes da Costa Ocidental de África, aonde predominavam dois grandes grupos étnicos de povos Africanos (Santos, T.L., 2009, p. 1):

- Os Sudaneses, da região do Golfo da Guiné, actual Nigéria e Benim, principalmente, da “Baixa Guiné” e pertencentes aos grupos étnicos/nações Haussais, Jeje, Keto e Nagô, “Yorubá”/Ioruba, entre outros.
- Os Bantos, em geral, provenientes da “África Central” e pertencentes aos grupos étnicos/nações Angola, Benguela, Cabinda e Congo, que deram origem à capoeira e congada, e outros, como os de Moçambique.

⁶ A partir de 1770, o fluxo de escravos para o Brasil foi, significativamente, reduzido (Sweet, J.H. 2003, p. 31-38).

Os sistemas de crenças e/ou os cultos e ritos religiosos desses povos escravizados, em contacto com o ambiente religioso dos seus Senhores, acabaram por ter de se sincretizar com o Catolicismo, incluir as linhas espíritas e/ou o ‘Espiritismo’ de Allan Kardec e dar origem aos chamados Cultos Afro-Brasileiros (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 15), (D’Obaluayê, B., 2002, p. 31-40), (Kardec, A., 1954/1982, p. 9-42), (Trindade, D.F., 1991, p. 40-52).

Neste contexto, pode concluir-se que a cultura Brasileira se baseia no multiculturalismo da sua sociedade, com uma intensa miscigenação em todas as regiões do País, isto é, uma identidade construída ao longo do tempo e com uma significativa diversidade de indivíduos ligados a diferentes manifestações religiosas (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 70-71), (Ramos Ventura, P.P., 2016, p. 9), (Ribeiro, J.O. 2012, p. 8-16), (Santos, T.L., 2009, p. 1, 2), (Sweet, J.H., 2003, p. 255-265).

2.1.2 – Alguns Aspectos Históricos da Origem da Umbanda no Brasil

À descoberta do Brasil, por Pedro Álvares Cabral em 1500, seguiu-se a colonização Portuguesa das, então, denominadas ‘Terras de Vera Cruz’, bem como a chamada “diáspora Luso-Africana” para o Brasil, ou seja, a referida captura de escravos Africanos, especialmente justificada pela necessidade de mão-de-obra para o cultivo de cana do açúcar.

Com o passar do tempo, nos finais do século XIX já existiriam no Brasil, nomeadamente no Rio de Janeiro, várias formas de culto de raiz Africana, relativamente distanciadas das crenças originais trazidas pelos escravos e transmitidas oralmente, de geração em geração, mas que continuavam a evidenciar essa sua origem, ou seja, uma origem Africana mais ou menos mesclada por outras crenças, rezas e superstições tradicionais Nativas e, mesmo, Portuguesas, acrescidas pela imposição do Cristianismo e a prática do Espiritismo de Allan Kardec, amplamente difundido no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Entretanto, os ‘guias/entidades’ provenientes dos referidos cultos de origem Nativa e Africana apresentavam-se frequentemente como “trabalhadores espirituais” em ‘sessões espíritas’, mas ao identificarem-se como ‘Caboclos e/ou Pretos-Velhos’ não eram aceites, por serem considerados “espíritos atrasados”. No âmbito destes “espíritos atrasados” incluem-se, para além dos provenientes de Candomblés, os dos então chamados cultos de “baixo-espiritismo”, isto é, os dos cultos resultantes da mistura de catolicismo, fetichismo negro e crenças nativas, como eram as “Macumbas” e os “Batuques do Rio Grande do Sul”, que terão proliferado numa perspectiva do aproveitamento dos velhos sistemas de feitiçaria para a realização de trabalhos

de magia (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 105, 106), (Oliveira, J.H.M., 2008, p. 74-90), (Trindade, D.F./Hanamatan, 1991, p. 49-58).

Até ao início do século XX nada se alterou. Finalmente, em 1908 ocorreu um acontecimento que veio a mudar o estado das coisas, isto é, um jovem de 17 anos de idade chamado ‘Zélio Fernandino de Moraes’, que tinha andado a apresentar uns sintomas e comportamentos muito estranhos, sem que os familiares, incluindo os seus tios que eram sacerdotes católicos e, mesmo, os médicos conseguissem explicar, ficou repentinamente restabelecido no dia anterior a ser levado, a conselho de uma pessoa amiga, a um ‘Centro Espírita’. Com efeito, no dia 15 de Novembro de 1908, o jovem ‘Zélio’ compareceu no ‘Centro Espírita’ e foi convidado a sentar-se à mesa da sessão da ‘Federação Espírita de Niterói’, dirigida por ‘José de Souza’. Nessa sessão ‘Zélio’ incorporou vários espíritos que se apresentavam como escravos negros e índios, ao que os dirigentes dos trabalhos começaram por os alertar acerca do seu atraso espiritual, tentando doutriná-los e acabando por convidá-los a sair da sessão, enquanto eles indagavam se seria devido à sua cor ou posição social que eram considerados atrasados, até que um dos participantes, um vidente, pediu à entidade para se identificar porque a via “envolta numa aura de luz”. Foi então que Zélio, completamente incorporado, respondeu (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 106), (Oliveira, J.H.M., 2008, p. 78-94), (Trindade, D.F./Hanamatan, 1991, p. 46-63), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>):

“Se querem um nome, que seja este: sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque para mim não haverá caminhos fechados. O que você vê em mim são restos de uma existência anterior. Fui padre e o meu nome era Gabriel Malagrida. Acusado de bruxaria, fui sacrificado na fogueira da Inquisição em Lisboa, no ano de 1761. Mas em minha última existência física, Deus concedeu-me o privilégio de nascer como Caboclo brasileiro”.

E, de seguida, passou a anunciar a missão que trazia (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 106), (Oliveira, J.H.M., 2008, p. 90-94), (Trindade, D.F./Hanamatan, 1991, p. 53-63), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>):

“Se julgam atrasados esses espíritos dos negros e dos índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho para dar início a um culto em que esses negros e esses índios poderão dar a sua mensagem e assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados”.

“Levarei daqui uma semente e vou plantá-la no bairro de Neves, onde se transformará em árvore frondosa”.

No dia seguinte, dia 16 de Novembro de 1908, os membros da ‘Federação Espírita’ reuniram-se na residência da família de ‘Zélio’, na Rua Floriano Peixoto nº. 30, em Neves (São Gonçalo, Niteroi), para comprovar a veracidade do que tinha sido declarado. Pontualmente, às 20 horas, o jovem médium incorporou novamente o ‘Caboclo das Sete Encruzilhadas’, que declarou que os velhos espíritos de negros escravos e índios poderiam trabalhar auxiliando os irmãos encarnados, não importando a cor, raça ou posição social. E, neste dia e lugar fundou o primeiro ‘Terreiro de Umbanda’ com a denominação de ‘Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade’, declarando que (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 107), (Oliveira, J.H.M., 2008, p. 90-94), (Trindade, D.F./Hanamatan, 1991, p. 61-63), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>):

“... assim como Maria acolhe em seus braços o Filho,
a Tenda acolheria os que a ela recorressem, nas horas de aflição”.

Nessa mesma noite, ‘Zélio’ ainda incorporou um ‘Preto Velho’, o ‘Pai António’, que veio para completar as curas de enfermos, iniciadas pelo ‘Caboclo das Sete Encruzilhadas’, bem como para ditar o ‘Ponto Cantado’ em seu louvor (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 107), (Trindade, D.F., 1991, p. 63-66), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>):

“Chegou, chegou, chegou, com Deus,
Chegou, chegou, o Caboclo das Sete Encruzilhadas”.

A partir desta data o número quer de curas, em especial de obsedados⁷, na altura considerados loucos, quer de crentes aumentou significativamente e, em 1918, passados 10 anos, o ‘Caboclo das Sete Encruzilhadas’ anunciou a segunda etapa da sua missão, isto é, a fundação de mais sete ‘Tendas/Templos/Terreiros’ para a propagação da ‘Umbanda’, passando a ‘Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade’ com o ‘Caboclo das Sete Encruzilhadas’ a dedicar as reuniões das quintas-feiras ao ensino e preparação dos médiuns que iriam dirigir os novos ‘Templos’, ou seja (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 107, 108), (Oliveira, J.H.M., 2008, p. 95-102), (Trindade, D.F./Hanamatan, 1991, p. 67-70), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>):

- “Durval de Souza” para a ‘Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia’;
- “Leal de Souza” para a ‘Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição’;
- “João Aguiar” para a ‘Tenda Espírita Santa Bárbara’;

⁷ Pessoas que, no âmbito do ‘Espiritismo Kardecista’, de Allan Kardec, não evoluem e têm problemas, devido a estarem possuídas por um, ou mais, espíritos que lhes causam perturbações (Pordeus Jr. I., 2009, p. 160).

- “José Meireles” para a ‘Tenda Espírita São Pedro’;
- “Paulo Lavois” para a ‘Tenda Espírita Oxalá’;
- “João Severino Ramos” para a ‘Tenda Espírita São Jorge’;
- “José Álvares Pessoa” para a ‘Tenda Espírita São Jerônimo’.

A partir daqui, em 1920, a ‘Umbanda’ começou a expandir-se por diversos Estados Brasileiros, tais como São Paulo, onde foram fundadas 23 Tendas na capital e 19 em Santos, a que se seguiram Minas Gerais, Espírito Santo e Pará. De realçar é ainda o facto do casal ‘Joaquim e Consuelo Bentes’ se terem transferido, propositadamente da Capital da Brasileira onde viviam, para Belém do Pará onde fundaram a ‘Tenda Mirim de São Benedito’ (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 108), (Trindade, D.F./Hanamatan, 1991, p. 67-70), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>):

“... exclusivamente para levar a mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas”.

Em 1926, a Umbanda chega a Rio Grande do Sul, onde ‘Otacílio Charão’ funda o primeiro ‘Terreiro’ e, em 1932, é a vez de ‘Laudelino de Souza Gomes’ fundar o primeiro ‘Terreiro de Umbanda de Porto Alegre’, nessa capital (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 108, 109), (Trindade, D.F./Hanamatan, 1991, p. 67-70), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>).

Em 1937, ‘Zélio de Moraes’ promove uma reunião dos ‘Terreiros/Templos’ fundados pelo ‘Caboclo das Sete Encruzilhadas’ e é criada a ‘Federação Espírita de Umbanda do Brasil’, com instalações em São Paulo e Minas Gerais. Em 1939, a ‘Federação Espírita de Umbanda do Brasil’ volta a reunir-se, sob a orientação do fundador da ‘Umbanda’, com o objectivo da unificação de procedimentos nos ‘Terreiros’ fundados, bem como nos muitos ‘Terreiros’ que entretanto foram surgindo, por inspiração de diversas entidades de ‘Umbanda’, passando depois a denominar-se ‘União Espiritualista de Umbanda do Brasil – UEUB’. A partir deste momento, somente as práticas que seguiam os fundamentos propostos pelo ‘Caboclo das Sete Encruzilhadas’ deveriam ser consideradas como ‘Umbanda’ mas, as divergências iriam continuar a persistir, a par das iniciativas de ‘modernização da nação’, a chamada ‘travessia do mundo rural para um mundo urbano industrial’, que vinha a ser operada na década de 30 e se prolongaram pela de 40, com o objectivo de criar condições para essa modernização, razão pela qual se dizia ser imprescindível a existência duma governação forte, centralizadora e interventiva, isto é, o denominado ‘Estado Novo’ no Brasil (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 108-111), (Sampaio, D.S., 2007, p. 21-24, 178), (Trindade, D.F./Hanamatan, 1991, p. 91), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>).

Em 1940, é a vez de ‘Woodrow Wilson da Mata e Silva/Mestre Yapacani’ divergir, apresentando a ‘Umbanda’ como uma ciência filosófica, a chamada “Umbanda Esotérica”, e criar a ‘Escola Iniciática da Corrente Astral do Aumbhandan’ na ‘Tenda Umbandista Oriental’, situada em Itacuruçá, Rio de Janeiro, bem como proceder à publicação, a suas expensas, da primeira obra de sua autoria, geralmente tida como a “Bíblia da Umbanda”, intitulada “Umbanda de Todos Nós” e editada pela ‘Gráfica e Editora Esperanto’ do Rio de Janeiro, em 1956 (Rivas Neto, F./Arapiaga, 1993, p. 11), (Rivas Neto, F./Arapiaga, 1996, p. 24), (Trindade, D.F./Hanamatan, 1991, p. 101-107), (Silva, W.W. da Matta e/Mestre Yacapani, 2009, p. 12-19), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>).

Em 1941, de 19 a 26 de Outubro, a ‘UEUB’ organiza sua primeira conferência, o ‘I Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda’, numa tentativa de tentar definir e codificar a Umbanda como uma religião em direito próprio, uma religião que unisse todas as religiões, raças e nacionalidades. Nesta conferência foi, ainda, promovido o uso do ‘espiritismo de Allan Kardec’, como base doutrinária da ‘Umbanda’, e uma certa separação das tradições Afro-Brasileiras, embora com manutenção dos espíritos fundadores da ‘Umbanda’, ‘Caboclos e Preto Velhos’, agora numa perspectiva de ‘espíritos altamente evoluídos’. Como consequência adicional, dá-se em 1947 o início da publicação do “Jornal de Umbanda”, considerado um “órgão doutrinário de grande valor” que, durante mais de vinte anos, terá contribuído para a propagação da ‘Umbanda’ (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 108-111), (Oliveira, J.H.M., 2008, p. 98-100, 106-114), (Trindade, D.F./Hanamatan, 1991, p. 91-92, 95-100), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>).

Mesmo após as tentativas de unificação, que foram ocorrendo nas décadas de 40, 50 e 60, continuavam a existir no Rio de Janeiro inúmeros Terreiros dispersos, não abrangidos pela ‘União Espiritualista de Umbanda do Brasil’, cujos funcionamentos eram tidos como “*atividades isoladas*”, principalmente por discordarem das normativas propostas pela federação. Além disso, a partir da década de 50, em especial a população de origem negra terá começado a contestar o distanciamento da chamada “Umbanda Branca” cuja prática se afastava cada vez mais dos valores ‘Africanos’ presentes na religiosidade popular. Por outro lado, interessará lembrar que nas décadas em apreço o Brasil passou por momentos histórico-políticos diferenciados, isto é, a chamada ‘Era Vargas no seu período ditatorial até 1945, a ‘Redemocratização’ de 1945 a 1964 e a ‘Ditadura Militar com início em 1965 e, apesar das perseguições sofridas, a ‘Umbanda’ conseguiu abrir espaço, relativamente ao ‘Catolicismo’ e ‘Espiritismo’, para debate e redefinição do seu conceito de religião legítima (Oliveira, J.H.M.,

2008, p. 98-100, 106-114), (Sampaio, D.S., 2007, p. 149-168, 178), (Trindade, D.F./Hanamatan, 1991, p. 91-92, 95-100), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>).

Em 1961, teve lugar no ‘Estádio do Maracanãzinho, Rio de Janeiro, o segundo ‘Congresso de Umbanda’ que já evidenciava o seu crescimento muito significativo como religião, não só pela presença de milhares de devotos, mas também de representantes de vários ‘Estados Brasileiros’ e de ‘Políticos Municipais e Estaduais’, bem como da imprensa, que terá noticiado a realização da ‘Congresso, nomeadamente o jornal ‘O Estado de S. Paulo’, que o descreveu numa perspectiva de apresentação do seu objectivo principal, isto é (Oliveira, J.H.M., 2008, p. 101-114), (Trindade, D.F./Hanamatan, 1991, p. 93), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>):

“... preocupação central do Congresso parece ser a elaboração de um código que orientará a feitura de uma Carta Sinódica da Umbanda”

Em 1971, a 12 de Setembro, tem-se a criação na cidade do Rio de Janeiro do primeiro organismo de nível nacional da ‘Umbanda’, o ‘Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda – CONDU, com os seguintes órgãos fundadores (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 111), (Oliveira, J.H.M., 2008, p. 98):

- ‘União Espiritualista de Umbanda do Brasil’, presidida por ‘Floriano Manoel da Fonseca’;
- ‘Primado de Umbanda’, presidida por ‘Domingos dos Santos’;
- ‘Congregação Espírita de Umbanda do Brasil’, presidida por ‘Martinho Mendes Ferreira’;
- ‘Confederação Nacional E. Umbandista e dos Cultos Afros’, presidida por ‘Mauro do Rego Monteiro Porto’;
- ‘Federação Nacional das Sociedades Religiosas de Umbanda’, presidida por Jerônimo de Souza.

Em 1973, durante a realização do ‘3.º Congresso Brasileiro do Espiritismo da Umbanda’ foi instituído o ‘dia 15 de Novembro’ como o “Dia Nacional da Umbanda”, dia que foi oficializado no Brasil pela ‘Lei 12.644, de 18 de Maio de 2012’. Neste ‘3.º Congresso’ a ‘Umbanda’ foi afirmada como uma religião de significativa importância, não só em termos espirituais, devido aos muitos ‘Centros’ criados para a realização de ‘sessões/giras de culto e divulgação da religião’, mas também no campo assistencial, área em que a ‘Umbanda’ já detinha várias ‘Instituições’, a funcionar em torno da sua ‘missão de promover a caridade e a ajuda’, tais como escolas, creches e ambulatórios (Oliveira, J.H.M., 2008, p. 102), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>).

Em 1975, ano da morte de ‘Zélio de Moraes’, no dia 3 de Setembro, já se contavam por todo o Brasil mais de 10.000 ‘Templos de Umbanda’, para além dos sete inicialmente fundados (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 108-111), (Trindade, D.F./Hanamatan, 1991, p. 48, 88), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>).

Em Novembro de 1978, é publicada a obra ‘Fundamentos de Umbanda, Revelação Religiosa’, uma edição esgotada dos autores ‘Israel Cysneiros e Omulubá’, descrita como um livro de investigação e doutrina (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 4, 111):

“... portador da mensagem astral, trazendo, por fim, após 70 anos de existência da ‘Umbanda’, as bases teológicas e norteadoras da doutrina umbandista, com *fundamentos* integrais da novel religião e sua verdadeira origem. O livro expõe a estrutura básica do movimento religioso, no sentido de elevar a Umbanda à justa posição de *Religião* eminentemente brasileira.”

Na década de 1980 a Umbanda terá tido o seu auge ao ser declarada como a religião de muitas personalidades, tais como diversos cantores, bem como outras pessoas de relevo. De notar que em 1985, o “Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda – CONDU” já contava com mais de 46 ‘Federações’ por todo o Brasil, que reuniam os representantes mais de 100.000 ‘Terreiros de Umbanda’ (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 111), (Oliveira, J.H.M., 2008, p. 142-145), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>).

Na década de 90, apesar das divergências de orientação interna existente de “Terreiro” para “Terreiro de Umbanda” e, mesmo, da questão doutrinária divergente nas várias vertentes da Umbanda, que têm vindo a dificultar a sua homogeneização, torna-se importante ainda realçar a fundação da ‘Faculdade de Teologia Umbandista’ pela ‘Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino’, uma instituição que tinha sido fundada em 1978, por Francisco Rivas Neto/Arapiaga, em Água Funda, São Paulo (Rivas Neto, F./Yamunisiddha Arhapiagha, 1989/2004, p. 390, 391), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>).

Por fim, torna-se interessante mencionar que, já no presente século XXI, a Umbanda na sua qualidade de religião de matriz Africana foi reconhecida como ‘património cultural do Rio de Janeiro’ por Decreto Municipal, assinado pelo ‘Prefeito Eduardo Paes’ e publicado em 8 de Novembro de 2016, na lista de ‘Patrimónios Imateriais do Rio de Janeiro’, um reconhecimento que resultou de estudos realizados pelo ‘Instituto Rio Patrimônio da Humanidade’ – ‘IRPH’. Com efeito, estes estudos permitiram reconhecer ‘a necessidade de promoção de políticas públicas de respeito pela diversidade religiosa e de reflexão sobre as religiões de origem Africana’, políticas já anteriormente redescobertas, celebradas e valorizadas pela abertura ao público, em 2012, de uma

série de espaços de exposição do Cais do Valongo na Zona Portuária do Rio de Janeiro, o ‘Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana’, criado pelo decreto municipal n.º 34 803, de 29/11/2011. Além disso, o ‘IRPH’ também considerou importante proceder ao mapeamento dos inúmeros ‘Terreiros de Umbanda’ existentes no Rio, tidos como “os locais tradicionais onde a religião nascida no Estado do Rio de Janeiro é praticada”. Em acréscimo, torna-se interessante referir que o ‘Terreiro’ inscrito em primeiro lugar na lista desse mapeamento foi a ‘Tenda Espírita Vovó Maria Conga de Aruanda (Vieira, I., 2016), (<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/11/umbanda-e-declarada-patrimonio-imaterial-do-rio.html>), (<https://religionofworld.blogspot.com/2017/03/umbanda-e-declarada-patrimonio.html>), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>).

2.1.3 – Início da Umbanda em Portugal

Tradicionalmente, as práticas mágico-religiosas, mais ou menos estigmatizadas e oficialmente depreciadas das “feiticeiras e bruxas” que costumam ser procuradas em segredo, por os seus serviços serem popularmente tidos como benéficos, serão o que em Portugal mais se aproxima das práticas da Umbanda que propõem a “solução de problemas de inveja, encosto de espíritos e feitiços feitos aos seus consulentes” (Pordeus Jr., I., 2009, p. 30, 31).

No âmbito da transnacionalização das religiões Luso-Afro-Brasileiras em Portugal e da Umbanda, em particular, as irmãs Fernanda e Georgete são consideradas as precursoras da Umbanda em Portugal. Com efeito, logo na infância as irmãs começaram a apresentar comportamentos considerados estranhos, como seja o facto de terem dores de cabeça e chegarem, mesmo, a desmaiar sempre que entravam na igreja e de terem ficado doentes em simultâneo, embora com doenças diferentes. Nestes casos a mãe costumava pedir à madrinha para lhes fazer uma reza contra o chamado “quebranto, a inveja e os ciúmes”, mas após a doença, elas começaram a “ouvir ruídos e a ter visões relacionadas com o imaginário católico”. Mais tarde, as irmãs, Fernanda em 1957 e Georgete em 1958, emigraram para o Brasil e, já casadas, foram morar em Botafogo, Rio de Janeiro. No prédio para onde foram morar conheceram uma senhora que lhes disse serem ‘médiuns’⁸ e estarem a ter problemas de saúde por causa dos ‘Guias’⁹ (Pordeus Jr., I., 2009, p. 32, 33).

⁸ Pessoa que possui faculdades especiais para receber espíritos e que podem funcionar como intermediários de comunicação entre os mundos espiritual e material (Pordeus Jr., I., 2009, p. 159).

⁹ ‘Guias/Entidades’ são seres importantes na Umbanda por virem trabalhar para evoluir no plano astral, ajudando a resolver os problemas dos que os procuram (Pordeus Jr., I., 2009, p. 156).

Essa senhora tinha um ‘Centro’ que funcionava no andar de cima, pelo que elas ouviam os pontos cantados, acompanhados de palmas, que eram entoados nas normais sessões das quartas-feiras e sábados. Após diversos episódios em que recebia entidades, no dia 27 de Setembro de 1963, Georgete terá sentido, ao estender a roupa, um grande puxão na saia e assustou-se de tal modo que resolveu subir até ao ‘Centro’, onde decorria uma sessão em honra de S. Cosme e S. Damião. Nessa sessão recebeu, logicamente, uma criança e, no ano seguinte foi a vez de Fernanda receber, também a 27 de Setembro, ‘dia da festa das crianças’, uma criança. As irmãs acabaram por trabalhar no ‘Centro’, o “Centro da «Vó» Teresa”, até 1968, ano em que resolveram voltar a Portugal (Pordeus Jr., I., 2009, p. 33).

Após três anos de permanência em Portugal, regressaram ao Brasil e só se voltaram a juntar em Lisboa, Portugal, no ano de 1975. Definitivamente em Portugal e somente com pequenas interrupções, as irmãs Fernanda e Georgete começaram a receber os seus guias e a atender consulentes em casa às quartas-feiras e sábados, passando depois a trabalhar só aos sábados. Nesse atendimento, que se prolongou de 1975 a 1998, sem que tenham chegado a abrir ‘Terreiro’, cada uma das irmãs recebia os seus ‘Guias/Entidades’ de ‘Umbanda’ (Pordeus Jr., I., 2009, p. 34):

- Fernanda – ‘Vovô Ambrósio’ e/ou ‘Pai Embalê’;
- Georgete – ‘Vovó Cipriana’ e/ou ‘Pai Pena Vermelha’.

A abertura de ‘Terreiro’, que conferiu maior relevância e continuidade ao trabalho de divulgação da Umbanda, iniciado e desenvolvido pelas irmãs Fernanda e Georgete, coube à única pessoa que iniciaram, o filho biológico Fernando, que começou por abrir um ‘Terreiro’ no Cacém e, mais tarde, o ‘Terreiro Pai Oxalá e Mãe Iemanjá’ em Cortesia, Sintra, ‘Terreiro’ que depois ainda se expandiu para a Assafora, também no concelho de Sintra (Pordeus Jr., I., 2009, p. 33, 74-83).

Numa perspectiva da iniciação de neófitos, ‘Filhos de Santo’, abertura de ‘Terreiros’ e manutenção regular de ‘Giras de Umbanda’¹⁰, Virgínia de Albuquerque foi, sem dúvida, a ‘Primeira Mãe de Santo da Umbanda em Portugal’ (Pordeus Jr., I., 2009, p. 35).

Em 1950, esta Portuguesa emigrou, ainda jovem, com os pais para o Rio de Janeiro, Brasil, cidade onde se iniciou e começou a trabalhar nas ‘Giras de Umbanda’ (Pordeus Jr., I., 2009, p. 35).

¹⁰ Rituais de Culto com cânticos e danças em círculo, formado pelos ‘Filhos de Santo’, ou seja, pelos crentes que passaram por rituais de iniciação, podendo ou não receber ‘Entidades’ (Pordeus Jr., I., 2009, p. 157).

Em 1972, Virgínia de Albuquerque voltou para Portugal, terá procurado o ‘Espiritismo Kardecista’ e a ‘Rosa-Cruz’, tendo, logo de seguida, passado a atender pessoas com ‘Entidades da Umbanda’, isto é, com ‘Pretos-Velhos’ e ‘Exus’, até que em 1974, com a cedência da parte de cima da casa de Mariazinha, a primeira «Iaô¹¹», para funcionar como ‘Centro’, abriu o ‘primeiro Terreiro’ em Lisboa, situado na Calçada Salvador Correia de Sá, n.º 1. Os trabalhos neste ‘Terreiro’ foram iniciados com sessões regulares de ‘Pretos-Velhos’, a todas as quartas-feiras. E, como terço, logo, aparecido muitas pessoas, umas só curiosas pela novidade e outras interessadas no culto da Umbanda, a ‘Mãe Virgínia’ sentiu a necessidade de começar a fazer rituais de desenvolvimento, como seja o ‘Bori’¹² e a ‘Coroar o Santo’¹³ de alguns dos seus ‘Filhos de Santo’. Com efeito, ainda neste ‘primeiro Terreiro’, ela fez a iniciação na Umbanda das ‘quatro primeiras mulheres em Portugal’ (Pordeus Jr., I., 2009, p. 35, 36, 41, 42):

- Mariazinha, após ter cumprido sete anos de ‘Santo/Umbanda’, a ‘Mãe Virgínia’ explicou-lhe que estava na altura de fazer o seu ‘Santo’ e que ao fazê-lo, como não era possível haver duas ‘Mães de Santo’ no mesmo ‘Terreiro’, ela acabou por optar por o ‘Terreiro’ ficar “para si e para a sua mãe”. Mais tarde, já na primeira década do século XXI, deixou de fazer ‘Giras’ e ‘Rituais de Iniciação’, dedicando-se ao atendimento dos clientes com recurso ao ‘Jogo de Búzios’¹⁴ e à realização de trabalhos para solucionar as aflições e os problemas que lhe eram apresentados;
- Conceição, depois das obrigações de sete anos, abriu o seu próprio ‘Terreiro’ em Almada;
- Mariana, depois da iniciação, passou para o ‘Candomblé’ e abriu ‘Casa/Terreiro’ na Quinta do Brasileiro, na Trafaria;
- Albertina, após as obrigações de sete anos, também abriu o seu próprio ‘Terreiro’ em Almada. Depois procurou o ‘Candomblé’ e conheceu uma ‘Mãe de Santo’ no Rio de Janeiro, com quem fez a sua iniciação. A seguir, foi à Bahia e fez as suas obrigações com a

¹¹ Termo que vem do «Iyawo», que significa ‘noiva’ em ‘Ioruba’. Na Umbanda é a denominação dada aos ‘Filhos de Santo’ até aos sete anos de iniciação, isto é, até completar todos os ‘Rituais de Iniciação’ (Martins C., 2001, p. 176).

¹² Ritual de dar comida à cabeça para fortificar o «axé», a ‘Força da Natureza’ que impregna tudo e que é dinamizada pelos ‘Orixás’ (Pordeus Jr. I., 2009, p. 155).

¹³ Último ‘Ritual Iniciação’, em que ‘Orixá’ protector do indivíduo é “fixado à sua cabeça” (Pordeus Jr. I., 2009, p. 156).

¹⁴ ‘Jogo de Búzios’ ou «Delogum», jogo adivinhatório praticado pelas Religiões de origem Africana realizado com 16 conchas/búzios (Barcelos, M.C., 1992/2008, p. 17-32), (Freitas, B.T. e Freitas, W.C., 1986, p. 92), (Pordeus Jr. I., 2009, p. 158), (Santos, O.J., 1993, p. 72, 73).

‘Mãe de Santo Olga de Alaketu’ e ao voltar a Portugal com ‘Nilson’, o filho biológico de ‘Mãe Olga’, abriu o ‘primeiro Terreiro de Candomblé em Portugal’, no Monte de Caparica, na década de 90, passando a ser conhecida como ‘Mãe Tina’ (Pordeus Jr., I., 2009, p. 35, 36), (Teixeira, J.M., 1991, p. 35-43).

Virgínia de Albuquerque, por sua vez, após ‘Coroar o Santo’ de Mariazinha, resolveu sair, procurou um novo espaço, uma cave na rua Lucília Simões, em Benfica, onde inaugurou, em 1988, o ‘Terreiro de Umbanda Ogum Megê’ – TUOM. Neste ‘Terreiro’, a ‘Mãe Virgínia para além de escrever diversas publicações com os ‘Fundamentos religiosos e as suas práticas da Umbanda’, que eram “vendidas entre a clientela e os neófitos”, iniciou numerosos ‘Filhos de Santo’, entre os quais o meu próprio ‘Pai de Santo’, Rui Manuel Marques Saraiva, ‘Rui d’Oxum’, que fundou o seu ‘Terreiro de Umbanda’, «Ilê d’Ôşun», em Cascais, onde fui iniciado, tendo depois transferido o ‘Terreiro’ para junto da rotunda do Relógio, na zona do Aeroporto, em Lisboa (Pordeus Jr., I., 2009, p. 36), (Teixeira, J.M., 1991, p. 15, 16).

Ainda quanto a Virgínia de Albuquerque, mais tarde comprou um terreno em Polina, São Domingos de Rana, Cascais, com uma área bastante grande, para onde pôde transferir o seu ‘Terreiro’, assentar todo o ‘Panteão da Umbanda de Omolocô’¹⁵, continuar a escrever os seus «livros» e a iniciar outros ‘Filhas e Filhos de Santo’ (Pordeus Jr., I., 2009, p. 36).

¹⁵ A ‘Umbanda’, como se tem vindo a mencionar, possui diversas ramificações com diferenças significativas nos ‘Rituais, Métodos e Hierarquia, entre outras práticas. Como ramificações da Umbanda mais conhecidas tem-se (Cysneiros, I./Omububá, 1985, p. 111), (Oliveira, J.H.M., 2008, p. 102-130), (Rivas Neto, F./Arapiaga, 1993, p. 397-423), (Trindade, D.F./Hanamatan, 1991, p. 128-131), (Silva, W.W. da Matta e/Mestre Yacapani, 2009, p. 28-42), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>):

- ‘Umbanda Tradicional’: Criada por Zélio Fernandino de Moraes, baseia-se nos princípios da caridade e da fraternidade, que não é adepta das práticas Africanas, embora se fundamente nas três ‘Entidades’ iniciais: ‘Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças’;
- ‘Umbanda de Almas e Angola’: Para além dos usos da ‘Umbanda Tradicional’, utiliza ‘Ritos Africanos’;
- ‘Umbanda Branca/Umbanda de Mesa’: Mais virada para o ‘Espiritismo’, baseia-se na doutrina e conduta ‘Kardecista’;
- ‘Umbanda Omolocô’: Fundada por Tancredo da Silva Pinto, em 1950, no Rio de Janeiro, baseia-se no culto Africano aos ‘Orixás, Guias e Linhas da Umbanda’. Ramificação próxima do ‘Candomblé de Angola’ em que, para além de outras diferenças, o cabelo não é raspado ao ‘Iniciado’;
- ‘Umbanda Esotérica’: Fundada por W.W. da Matta e Silva/Mestre Yapacany e considerada como um conjunto de leis divinas;
- ‘Umbanda Iniciática’: Derivada da ‘Umbanda Esotérica’, foi fundada por ‘Pai Rivas/Mestre Umbanda Yamunisiddha Arhapiagha’, com influência da filosofia oriental, com o uso do ‘Sânscrito’ e de ‘Mantras Indianos’;
- ‘Umbanda Popular’: Resultante das antigas ‘Casas de Macumba’, com mistura de práticas místicas tradicionais e populares do ‘Mundo Ocidental’;
- ‘Umbanda de Caboclo’: É uma influência da cultura indígena Brasileira, só trabalha com ‘Caboclos’, não incluindo ‘Orixás’;
- ‘Umbanda de Preto-Velho’: Muito voltada para o culto e trabalho com ‘Pretos-Velhos’;
- ‘Umbanda Traçada/Umbandomblé’: Com um culto fortemente vinculado às tradições Africanas, principalmente as da ‘Nação Ketu’ e um mínimo de ‘Santos Católicos’.

2.2 – Bases da Umbanda

Relativamente às ‘Bases da Umbanda’ começa-se por apresentar a ‘Definição de Umbanda’, transmitida pelo ‘Caboclo das Sete Encruzilhadas’, passa-se de seguida à explicitação de diversos dos ‘Fundamentos da Umbanda’, ‘Principais e Complementares’, e completa-se a exposição com alguns dos ‘Princípios Práticos’ mais relevantes que surgem no âmbito da ‘Liturgia da Umbanda’.

2.2.1 – Definição de Umbanda

Numa “manifestação do Poder Divino”, enquadrada como o “superior objectivo de despertar a espiritualidade humana”, a definição:

“Umbanda é a manifestação do espírito para a caridade”,

foi transmitida no plano físico, no dia 15 de Novembro de 1908, em Niterói, Brasil, por intermédio do ‘médium’ Zélio de Moraes, pela ‘Entidade’ que se autodenominou “Caboclo das Sete Encruzilhadas” (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 15), (Trindade, D.F., 1991, p. 87).

Inicialmente, a Umbanda não foi aceite, sendo severamente combatida pelas autoridades civis e religiosas Brasileiras. No entanto, acabou por ultrapassar todas as dificuldades e, hoje em dia, é uma religião aceite, difundida e seguida, não só no Brasil mas também, além-fronteiras, designadamente em Portugal (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 15), (Pordeus Jr., I., 2009, p. 9-11, 147-154), (Stuart, O., 1987, p. 690-692), (Trindade, D.F., 1991, p. 90-94).

2.2.2 – Principais Fundamentos da Umbanda

Os principais ‘Fundamentos da Umbanda’ centram-se em quatro princípios básicos, nomeadamente a existência de “Um Deus Único”, o ‘Tríplice Aspecto/Trindade da Umbanda’, as ‘Sete Progressões Evolutivas/Sete Linhas de Umbanda’ e as ‘Sete Tendências/Sete Raios na Umbanda’ (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 16-26):

- Um Deus Único: Religião monoteísta, em que ‘Zambi’ ou ‘Olorum’ é o seu ‘Único Deus’, o ‘Deus Supremo’, criador de todas as manifestações cósmicas;

- Trindade: O ‘Tríplice Aspecto’ de ‘Zambi’, o ‘Deus Supremo’, que se revela sob três vertentes¹⁶: ‘Zambi’ ou ‘Olorum’, ‘Oxalá’ e ‘Ifá’, cuja descrição contempla:
 1. Energia – Aspecto não manifestado, que se encontra em tudo o que existe – ‘Zambi’;
 2. Vida – Aspecto dual entre o espírito e a matéria, que preside ao amor e à manutenção de todos os corpos, pertencam eles aos reinos mineral, vegetal, animal ou hominal/hominiano, isto é, desde os minerais até ao homem – ‘Oxalá’;
 3. Consciência – A chamada “Consciência Primordial”, que corresponde à voz interna que clama, procura ajustar os homens à realidade e culmina com a ascensão dos espíritos eleitos até ao Criador – ‘Ifá’;
- Progressões Evolutivas: Como ‘Etapas de Progressão Evolutiva’ na Umbanda têm-se a considerar as ‘Sete Linhas de Progressão Evolutiva’ seguintes:
 - 1ª Linha dos Devotos: Destinada a todos os que, sem distinção de credo/religião, nacionalidade ou cor, procuram a Umbanda para resolver os seus problemas de ordem física, moral ou espiritual e aceitam as orientações vindas do plano superior, proferidas pelas suas entidades doutrinadas;
 - 2ª Linha Sacerdotal: O Sacerdote é o ‘Babalorixá’ ou a ‘Ialorixá’ que têm a responsabilidade de trazer para o plano físico, por mediunidade, as forças astrais que esclarecem e orientam o correcto desenvolvimento dos ‘Filhos de Fé’, os iniciados na Umbanda;
 - 3ª Linha das Almas: Linha de “Seres do Plano Astral” que exemplificam e incutem amor ao próximo, paciência, tolerância, simplicidade, lealdade e desejo de conhecimento e que desempenham um papel da maior relevância no ‘Ritual Umbandista’;
 - 4ª Linha do Desenvolvimento: A Umbanda é referida como a ‘Magia do Ritmo’, onde reside todo o poder das ‘Entidades’, que se manifestam pelo transe incutido pelo ritmo, música, dança e canto, e que se manifesta no Sacerdote e nos seus ‘Filhos de Santo’, o qual conduz a um aconselhamento para a tomada das decisões necessárias à resolução dos problemas de quem os procura e/ou ao engrandecimento humano;

¹⁶ Uma presença constante na generalidade das religiões, como por exemplo: *Brahma, Vishnu e Shiva* na Índia, *Ahuramazda, Mithra e Arimam* na Pérsia, *Anu, Ea e Bel* na Fenícia, *Osíris, Ísis e Horus* no Egipto ou, ainda, *Pai, Filho e Espírito Santo* no Cristianismo (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 22).

5ª Linha do Oriente: Procura a aproximação entre o Oriente e o Ocidente dos seus ‘Filhos de Fé’ pela aceitação, respeito e obediência às leis do “Karma”, da “Reencarnação” e da “Evolução”.

6ª Linha das Encarnações Humanas e Divinas: Em que se procura atingir a perfeição de todos os que cumprem as leis da evolução do espírito, alicerçada em reencarnações sucessivas, na perspectiva de expansão da consciência de todos e cada um dos Seres humanos para o bem da humanidade. Das “Encarnações, Humanas e Divinas”, destacam-se: “Zoroastro, Hermes Trismegisto, Orfeu, Pitágoras, Krishna, Rama, Ramana Maharshi, Ramakrishna, Buda, Moisés e Jesus, entre outros”;

7ª Linha dos Orixás: Por ‘Orixás’ pode entender-se o conjunto de Forças Cósmicas que tomam diversas formas, consoante as necessidades dos diferentes Reinos da Natureza, e que se desenvolvem no seio dos cinco elementos: terra, água, fogo, ar e éter/espírito. Trata-se, pois, de ‘Seres Divinizados’ que têm a seu cargo a “guarda e a efectiva realização dos planos construídos pelo Criador Incruiado” – ‘Zambi/Olorum’.

- Sete Tendências: Na Umbanda o UM – ‘Zambi/Olorum’, manifesta-se através do referido ‘Tríplice Aspecto’, que se subdivide nos “Sete Raios regentes da vida, os sete planetas sagrados”, que manifestam o seu poder sob o comando dos ‘Orixás’, distribuídos pelas, geralmente, chamadas “Sete Linhas da Umbanda”, ou seja, os ‘Sete Raios na Umbanda’:

Primeiro Raio: Representa o “Alento Criador”, protegido do ‘Orixá Yemanjá’, que caracteriza o ocultista, imprime um toque de originalidade e de grandiosidade a todas as suas realizações, e tem a participação do ‘Orixá Nanã’, que lhe confere paciência. Relaciona-se com a Lua, pelo reflexo de Vulcano, e com o “Primeiro Aspecto da Trindade”;

Segundo Raio: Representa “ a Vida, a Paz e a Sabedoria”, afecta ao ‘Orixá Oxalá’, que desperta nos homens o permanente desejo de sacrifício, de salvar, curar e orientar, sempre pelo bem colectivo, e que corresponde a pessoas perfeccionistas, temperamentais e desprendidas dos bens materiais. Relaciona-se com o Sol e com o “Segundo Aspecto da Trindade”;

Terceiro Raio: Representa o “Poder Transformador” do “Senhor da Compreensão”, o ‘Orixá Omulu’, que pretende atingir sempre o completo entendimento de tudo e de todos. Relaciona-se com Saturno e com o “Terceiro Aspecto da Trindade”;

Quarto Raio: Representa o “Poder de Manutenção da Vida” do ‘Orixá Oxóssi’, em colaboração com o ‘Orixá Ossaim’, o “Guardião da Botânica” em que predomina a versatilidade, aliada à beleza, à simetria e ao companheirismo. Relaciona-se com Mercúrio e, em conjunto com os Quinto, Sexto e Sétimo Raios, constitui “Manifestações Auxiliares” do “Terceiro Aspecto da Trindade”;

Quinto Raio: Representa a “Harmonia”, a “Justiça” e o “Ajustamento” entre o “Homem e Deus” do ‘Orixá Xangô’, auxiliado pelo ‘Orixá Yansã’ no “Julgamento dos Sentimentos e dos Actos Humanos”, constituindo um “Agente Directo do Karma”, já que é o detentor do “Poder das Decisões” e “Rege a Ciência com Determinação e Dedicção”. Relaciona-se com Júpiter e com Plutão;

Sexto Raio: Representa o “Amor e a Devoção” do ‘Orixá Oxum’, em harmonia com o ‘Orixá Oxumaré’, o “Senhor dos Dois Planos”, que caracterizam as pessoas de “Fé”, cheias de “Boa Vontade” para com os seus semelhantes e que estão sempre prontas a perdoar e a renunciar a favor dos mais fracos. Relaciona-se com Vénus, a Estrela Vésper, Estrela do Pastor, Estrela de Alva e/ou Estrela Matutina;

Sétimo Raio: Representa a “disciplina de realização” do “Ritual e da Magia” do ‘Orixá Ogum’, auxiliado pelos ‘Irês/Ibejis’, crianças “Pilares da Inocência e do Trabalho”, que influenciam positivamente as pessoas destemidas, audazes, sempre prontas a combater por ideais dignos e que se possam converter em benefícios para todos, relacionando-se com Marte.

Outros ‘Fundamentos da Umbanda’, igualmente importantes, são ainda de considerar, como sejam a ‘Profissão de Fé’, o ‘Poder Expresso da Divindade/Deidade’ e as chamadas “Fórmulas Práticas”.

2.2.3 – Fundamentos Complementares

Como ‘Fundamentos Complementares’, igualmente importantes, consideram-se a ‘Profissão de Fé’, com o “Credo Umbandista” e outras ‘preces’, e o ‘Poder Expresso da Divindade/Deidade’, com os seus ‘Cânticos e/ou Pontos Cantados’ e ‘Símbolos e/ou Pontos Riscados’, acrescidos das denominadas “Fórmulas Práticas”, com alguns dos ‘Procedimentos Básicos’ e ‘Ritos/Rituais de Terreiro’ usados na ‘Umbanda’ (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 27-31, 34-62, 87, 115-125), (Gomes, A.M.S., 2009, p. 85- 193), (Pereira, L.J.A., 2012, p. 95-

125, 185-193, 204-250), (Teixeira, F.N.B., 2009, p. 25-28, 44-47, 66-91), (Trindade, D.F., 1991, p. 62, 140-146), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>):

- Profissão de Fé: Numa atitude de promessa de cumprimento da vontade do “Criador Incriado”, ‘Zambi/Olorum’, torna-se importante explicitar a prece denominada “Credo Umbandista”:

“Creio em Olorum, Onnipotente e Supremo; creio nos Orixás e nos Espíritos Divinos que nos trouxeram para a Vida por vontade deste majestoso Pai.

Creio nas Falanges Espirituais, orientando os Homens na vida terrena; creio na Lei da Reencarnação das almas e na Justiça Divina, segundo a Lei do Karma; creio na comunicação dos Guias Espirituais, encaminhando-nos para a Caridade e a Prática do Bem; Creio na Invocação, na Prece e na Oferenda, como atos de fé, e creio na Umbanda, como religião redutora, capaz de nos levar pelo caminho de Evolução até ao nosso Pai Olorum.

Glória a Olorum”

O ‘Credo Umbandista’, tal como outras preces em uso na ‘Umbanda’, poderá resultar da, já referida, imposição do ‘Cristianismo’ aos escravos da ‘diáspora Luso-Afro-Brasileira’, que deu origem ao ‘Sincretismo da Umbanda’ com a ‘Religião Católica’ em múltiplos aspectos da liturgia da Umbanda, nomeadamente no que respeita a semelhanças entre várias preces.

- Poder Expresso da Divindade/Deidade: O poder do “Criador Incriado” – ‘Zambi/ /Olorum’, desenvolvido em estreita colaboração com as diversas ‘Entidades Divinas’, ‘Orixás e Guias’, no âmbito dos quatro elementos, água, ar, fogo e terra, é expresso no plano físico por diversos elementos de que se destacam os cânticos e os símbolos:

- ‘Cânticos’ - Os denominados “Pontos Cantados” que, tal como o seu nome indica, são cantados em louvor e/ou para invocar/convocar as várias ‘Entidades’, acompanhados dos respectivos passos de dança no decorrer dos diferentes ‘Rituais de Umbanda’. Como exemplo, tem-se o ‘Ponto Cantado’ seguinte:

“Lá vem navio negreiro,
que vem beirando o mar,
trazendo os africanos para trabalhar.

Lá vem navio negreiro,
que vem beirando o mar,
trazendo os africanos para trabalhar.

Oi, Saravá, povo de Congo,
a gira é formosa em qualquer lugar.

Oi, Saravá, povo de Congo,
a gira é formosa em qualquer lugar.”

Este é um ‘Ponto Cantado’ que, genericamente, recorda a chegada ao Brasil dos ‘Africanos’ e, em especial, dos ‘ Pretos e Pretas-Velhas’, “saravando”/saudando África, a sua ‘terra natal’, e demonstrando a sua capacidade para entender, aconselhar e ‘trabalhar a sua fé’, continuando a fazer a sua ‘gira’, em qualquer que fosse o lugar. Em acréscimo, também a extensão da ‘missão’ do ‘Caboclo das Sete Encruzilhadas’ relativamente à ‘Umbanda’ se torna evidente no texto do seu ‘Ponto Cantado’:

“Cheguei, cheguei com Deus
Lá de Aruanda
Trazendo a Luz da Umbanda

Cheguei, cheguei com Deus
Lá de Aruanda
Trabalhador da madrugada

Eu é Caboclo
Caboclo das Sete Encruzilhadas”

Outros “Pontos Cantados” serão, posteriormente, abordados no decorrer deste trabalho, em especial no Capítulo 3, a quando da referência a alguns dos diversos ‘Orixás da Água’.

Ainda no âmbito dos ‘Cânticos’, interessará mencionar o poema composto em 1961 por “José Manoel Alves” e por ele apresentado ao ‘Caboclo das Sete Encruzilhadas’, que prontamente o aprovou e denominou “Hino da Umbanda”:

“Refletiu a luz divina
Em todo seu esplendor
É do Reino de Oxalá
Onde há paz e amor.

Luz que refletiu na Terra
Luz que refletiu no Mar
Luz que veio de Aruanda
Para tudo iluminar.

Umbanda é paz e amor
Um Mundo cheio de luz
É a força que nos dá vida
E a grandeza nos conduz.

Avante filhos de fé
Como a nossa lei não há
Levando ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá.”

De referir, é também o facto do, já denominado, “Hino da Umbanda” composto com letra de “José Manoel Alves” e musicado por “Dalmo da Trindade Reis”, ter sido oficializado em todo o Brasil como “Hino da Umbanda”, ainda nesse mesmo ano de 1961, durante o ‘Segundo Congresso Brasileiro de Umbanda’, que foi presidido por ‘Henrique Landi Júnior’.

- ‘Símbolos’, parte integrante dos chamados ‘Pontos Riscados’, representam uma concentração de conhecimentos e desempenham um papel muito importante na apresentação e identificação das diversas ‘Entidades da Umbanda’.

Nesta conformidade, passa-se a apresentar o significado de alguns dos ‘Símbolos’ que costumam surgir, com maior frequência, nos ‘Pontos Riscados’:

Triângulo: Com o vértice para cima, o triângulo representa a ‘Trindade’, o ‘ternário divino’, o impulso ascendente da criação e do fogo. Com o vértice para baixo o triângulo exprime involução;

Círculo: Um ponto no centro do círculo significa o ‘Princípio’ e a circunferência em que está inscrito representa o ‘Mundo’. Num ‘Ponto Riscado’, a circunferência exterior delimita o campo de actividade representado nesse ‘Ponto Riscado’;

Sol: Simboliza o doador da vida, a força generosa e criadora, a eterna fonte de poder, luz e calor, cujos raios tudo influenciam, em especial o crescimento e a vida;

Lua: Com as suas quatro fases, simboliza o conhecimento indirecto, progressivo e frio, isto é, o poder que exerce sobre todos os seres, enquanto a sua periodicidade sem fim, representa o ritmo da vida, a sequência das estações do ano, bem como o fluxo e refluxo das marés;

Estrela de Cinco Pontas: Esta estrela, usualmente denominada ‘Pentagrama’ é o símbolo do espírito. Na ‘Umbanda’ tem-se sempre a representação de conjuntos com várias estrelas de cinco pontas, que simbolizam o ‘exército espiritual’ a lutar contra o mal, contra as trevas. Quando em ‘estrela radiante’ simboliza expansão e energia. A ‘estrela de cinco pontas’, representada com um vértice para cima, é considerada activa e benéfica e se nesse sentido tiver um ‘homem inscrito com os braços e as pernas abertos’, tem-se o chamado ‘Homem Vitruviano’ de ‘Leonardo da Vinci’ que representa o ciclo de todas as coisas. Com o vértice virado para baixo é considerada maléfica, um sinal de ‘magia negra’;

Pilão: Utensílio de uso generalizado e tão importante para os povos Africanos que constitui o Atributo do ‘Orixá Oxalá’, um símbolo do seu poder;

Arco e Flecha: Atributo do ‘Orixá Oxóssi’, em que o arco representa vontade e a flecha indica o sentido e a direcção dessa vontade, os raios do sol e o poder divino;

Coração: Atributo do ‘Orixá Oxum’, um símbolo universal do amor, que impele os ‘Filhos de fé’ para a realização da caridade, o verdadeiro e mais profundo objectivo da ‘Umbanda’;

Espada: Se composta de lâmina, cruzeta e punho é o atributo do ‘Orixá Ogum’ que representa a abertura de caminhos e o combate contra forças maléficas;

Machado: Se representado com dois gumes é o atributo do ‘Orixá Xangô’ que representa o poder da justiça;

Leque ou «Abebé»: Símbolo genérico dos ‘Orixás femininos’;

Cruz: Dos inúmeros tipos de cruz que existem, na ‘Umbanda’ é, frequentemente, utilizada, para além da cruz simples, a chamada ‘cruz dos cruzeiros com três degraus na base’ como ‘símbolo das almas em evolução’, constituindo um identificador dos ‘Pretos-Velhos’;

Tridente: É o conhecido ‘garfo de Exu’ da ‘Umbanda’. Com os cantos em ângulo recto é um atributo dos ‘Exus masculinos’. Se os cantos forem arredondados é um atributo dos ‘Exus femininos’, as ‘Pomba-Giras’. Dois tridentes cruzados e voltados para cima são um ‘alerta’, um aviso de cuidado. Com os tridentes voltados para baixo, representam demanda, problemas.

A figura 2 apresenta uma selecção com alguns exemplos de ‘Pontos Riscados’ de diversas ‘Entidades da Umbanda’ (Pereira, L.J.A., 2012, p. 119), (<https://centropai.joaoangola.com.br/pontos-riscados-na-umbanda>), (<https://terreirocaboclajurema.blogspot.com/2013/09/pontos-riscados.html>):

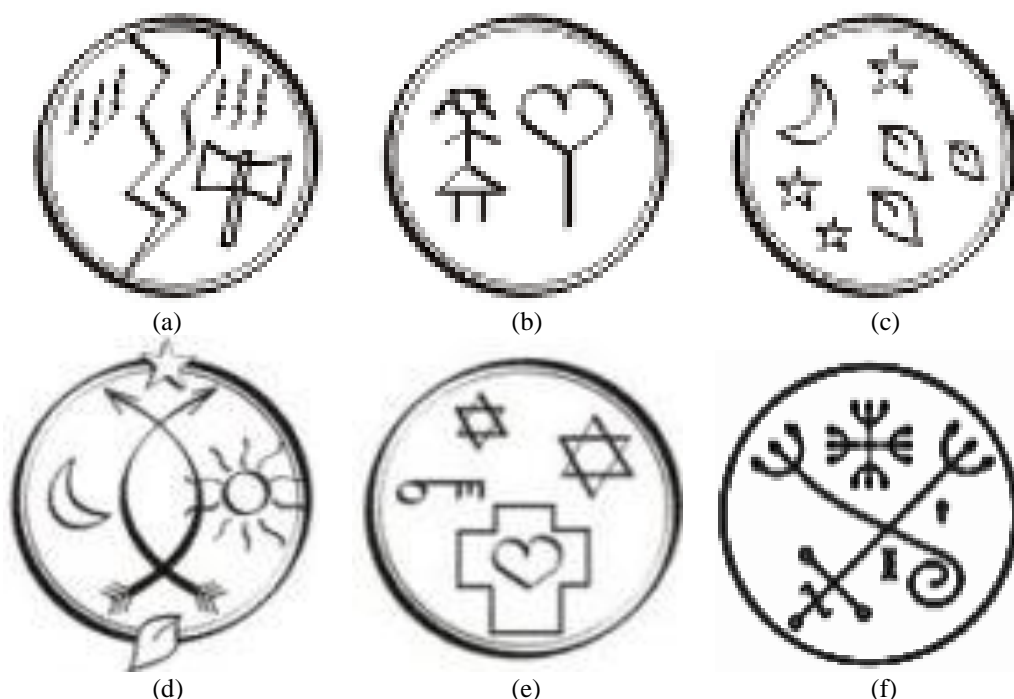


Figura 2 – Exemplos de ‘Pontos Riscados’: (a) - Xangô; (b) - Erê Paulinho; (c) - Cabocla Jurema; (d) - Caboclo Guiné; (e) - Vovó Maria Conga; (f) - Pomba Gira Rainha.

- Fórmulas Práticas: Na ‘Umbanda’, as chamadas ‘Fórmulas Práticas’ englobam diversos ‘Procedimentos Básicos’, com certos ‘instrumentos e termos’ de uso corrente, e vários tipos de ‘Ritos/Rituais de Terreiro’, com as suas ‘Sessões’/‘Giras’/«Sirés» e ‘Romarias’:
 - Procedimentos Básicos: Como procedimentos, instrumentos e/ou termos básicos mais comumente utilizados e mencionados nos ‘Rituais de Umbanda’ têm-se a considerar:
 - ‘Adjá’ - Termo que se designa a ‘Sineta’ com uma, duas ou três bocas que, ao ser manejada pelo ‘Babalorixá/Yalorixá’ durante as ‘Sessões/Giras’, serve para invocar os Orixás;
 - ‘Assentamento/Assento/Firmeza’ - Cerimónia que tem por objectivo ‘firmar’, isto é, concentrar as forças, as energias e o poder, o «Axé», dos ‘Orixás’ e/ou de ‘Orixás e Guias’, que protegem o ‘Terreiro’, em materiais mágicos específicos que sejam e/ou contenham a influência do ‘Orixá’ ou do ‘Guia’. Estes materiais são guardados em vasilhame e local próprios, ou seja, no «Pegi»/‘Altar’ ou enterrado no chão no centro do «Congá», o ponto de força do ‘Terreiro’.
 - ‘Aruanda/Céu’ - Denominação da ‘cidade astral’ onde se encontram/vivem os ‘Guias Protectores da Umbanda’;
 - ‘Atabaques’- Três tambores altos, estreitos e com tamanhos e nomes diferentes que, após a cerimónia de “Batismo dos Atabaques”, passam de instrumentos musicais profanos a “Instrumentos Sagrados”: «Rum», o maior, «Rumpi», o médio, e «Lé», o mais pequeno, que são tocados por ‘Filhos de Santo’ com a função de ‘Tocador de Atabaque’, os «Ogans». O toque dos atabaques confere e mantém o ritmo às cerimónias de ‘Terreiro’, para além de tirar/dar início e acompanhar os ‘Pontos Cantados’;
 - ‘Bater Cabeça’ - Procedimento de ‘prostração’ e ‘demonstração de humildade’, em que os crentes reverenciam os ‘altares’/«congás» e o ‘Chefe do Terreiro’, por exemplo. O contexto em que este gesto é realizado pode variar de ‘Terreiro para Terreiro’, embora seja opinião unânime que deva ocorrer antes da ‘Defumação’;
 - ‘Calunga Grande’ - Expressão, frequentemente, usada para designar o ‘mar’;
 - ‘Calunga Pequena’ - Expressão com que normalmente se nomeia o ‘cemitério’;
 - ‘Defumação’ - Procedimento de purificação do ambiente, através do aroma exalado pela queima de certas ervas/plantas e/ou resinas, que tem a função de desfazer e afugentar tudo o que haja de negativo nesse ambiente;

‘Descarrego’ - Ritual de ‘limpeza espiritual’ que pode incluir ‘banhos de ervas’ específicas, como a ‘Arruda, Guiné e Espada de Ogum’, entre outras, ou a chamada ‘Roda de fogo’ que utiliza ‘fundanga/pólvora’;

‘Obrigações’ – Rituais que, à imagem do que ocorre noutras religiões, só podem ser ministrados pelos ‘líderes religiosos’, isto é, o ‘Babalorixá’ ou a ‘Yalorixá’. De entre as diversas ‘Obrigações’ realça-se o geralmente chamado “Batismo” que na Umbanda se divide em duas partes, o primeiro «Bori» e o «Bori de Sangue», a que se seguem as ‘Obrigações’ de ‘Exus’ e de ‘Almas’, culminando ao fim de sete anos com a ‘Feitura da Cabeça/Coroar o Santo’, ritual de sagração do ‘Filho de Santo’ para ser qualificado como ‘Babalorixá/Yalorixá’.

‘Oferendas/Sacrifícios’/«Ebós» - Prática de ofertar ‘comida ritual’ e/ou ‘objetos específicos’ no ‘Terreiro’ ou, após terem sido ‘imantados’ no ‘Terreiro’, em ‘Romaria’ a certos locais ao ar livre, em dias e para fins definidos, tais como agradecimentos ou pedidos aos ‘Orixás e Guias’ que, consoante o caso, inclui o denominado ‘arriar de oferendas’ ou o ‘arriar de obrigações’, ou seja, o dito procedimento de deixar em determinado local, flores, ervas, frutos, bebidas ou outros presentes para o ‘Orixá’, previamente ‘imantados/energizados’ no ‘Terreiro’. Se a ‘Oferenda’/«Ebó» for feita como agradecimento/pagamento de um favor já obtido, denomina-se ‘Promessa’ e, se a ‘Oferenda’/«Ebó» for realizada com o objectivo de vir a obter um favor da ‘Entidade’, numa demonstração de confiança nessa ‘Entidade’, designa-se ‘Voto’;

«Oríkì» - Elogio poético em saudação e louvor de ‘Orixás ou de pessoas importantes, recitado ou cantado, respectivamente, como prece ou cântico;

‘Passe’ - Gesto de ‘limpeza espiritual’ do denominado ‘fluido magnético vital’ e de ‘cura de doentes e obsedados’ por ‘Imposição de Mãos’, um procedimento também presente no ‘Espiritismo de Allan Kardec’ e no ‘Reiki’, por exemplo;

‘Pontos Cantados’ - Como mencionado, são cânticos entoados em louvor e/ou para invocação dos ‘Orixás e Guias’, em geral acompanhados das respectivas danças ritmadas e em círculo, realizadas pelos ‘Filhos de Santo’ durante as ‘Giras de Terreiro’ e que são, frequentemente, confundidos com alguns «Oríkì»;

‘Pontos Riscados’ - Como já referido, são diagramas geralmente desenhados no chão com «pemba», uma espécie de ‘giz/bastonete’, originariamente produzido com caulino e usado nos ‘Terreiros’, não só para marcar os seus ‘pontos de força’, mas

também para riscar ‘sinais gráficos simbólicos’, isto é, os ‘símbolos representativos e indicativos’, que constituem a ‘assinatura do Guia/Entidade’, como se fosse o seu próprio cartão-de-visita;

‘Sacudimento’ - Cerimónia realizada com orações, gestos litúrgicos e materiais específicos/condizentes, tais como determinadas ervas, pelos ‘Pais de Santo’, com objectivo de ‘limpeza espiritual’ do consulente.

- Ritos/Rituais de Terreiro: Em geral, os ‘Rituais da Umbanda’ têm como objectivo a evocação do ‘Orixá Ancestral/Olorum/Zambi’ e/ou da sua hierarquia, composta pelos restantes ‘Orixás’ e ‘Guias/Entidades’ de protecção. Os ‘Rituais de Terreiro’ não obedecem a uma metodologia perfeitamente definida, pelo que podem variar de ‘Casa/Tenda/Terreiro’ para ‘Casa/Tenda/Terreiro’, estando sempre subordinados às decisões de cada ‘Pai de Santo’ e/ou da ‘Entidade Protetora’ do ‘Terreiro’. Nesta conformidade, interessa passar a uma breve descrição das várias ‘Sessões’/‘Giras’/«Sirés» que, incluindo as ‘Romarias’, formam um conjunto de sete tipos diferenciados:

1- ‘Sessão Doutrinária e de Culto’ - ‘Sessão’ em que são ensinados os ‘Princípios Religiosos’, os ‘Conceitos Morais’ que devem guiar o ‘Filho de Santo’, as ‘Preces’ e os ‘Cânticos da Umbanda’. Este é um tipo de ‘Sessão’ em que a mediunidade não é praticada;

2- ‘Sessão de Cura e Desobsessão’ - ‘Sessão’ em que se realizam curas e desobsessões dos que procuram auxílio com recurso a ‘médiums de incorporação’ de “Guias Curadores”, sob a orientação do ‘Babalorixá’. É uma ‘Sessão’ em que, entre outros, poderão ser realizados ‘descarregos’, ‘passes’, ‘doutrinação de espíritos obsessores’ ou ‘trabalhos de magia’;

3- ‘Sessão de Exu/Sessão do Povo da Rua/Sessão dos Compadres’ - Esta é uma ‘Sessão’ que só deve ser praticada três vezes por ano, a fim de não gerar enfraquecimento de ‘Gira’, e realizada entre os frequentadores assíduos de ‘Terreiro com vista a tratar, pessoalmente, assuntos relacionados com o resultado de ‘trabalhos encomendados’, ‘limpeza astral dos médiums’, ‘limpezas etéricas’, bem como de relacionamento entre ‘encarnados e desencarnados’;

4- ‘Sessão de Almas/Caboclos/Pretos-Velhos/Crianças/Boiadeiros/Outros Guias’ - Este é o tipo de ‘Sessão’ mais comum nos ‘Terreiros de Umbanda’ que é realizada em dias da semana definidos, pelo que tomam a denominação da ‘Entidade’ em apreço, como seja ‘Dia de Caboclos’, ‘Dia de Pretos-Velhos’, ‘Dia de Crianças’, etc.,

dias em que estes ‘Guias’ funcionam como ‘trabalhadores da Umbanda’, promovendo e coordenando orientação moral, esclarecimentos diversos e trabalhos de cura e de magia a quem os consulta;

- 5- ‘Sessões Comemorativas’ - ‘Sessões’ e/ou ‘Romarias’ em que comemoram as datas festivas da ‘Umbanda’, de ‘Orixás’ e de outras ‘Entidades/Guias’, bem como os aniversários do ‘Terreiro’ e do ‘tempo de actuação’ do ‘Babalorixá/Yalorixá’.

Como exemplos, consideraram-se as datas seguintes:

- 15 Novembro – ‘Fundação da Umbanda’;
- 4 Dezembro – ‘Festa a Iansã’;
- 8 Dezembro e 1.^a Quinzena de Maio – ‘Festa e/ou Romaria a Oxum’;
- 2.^a Quinzena de Dezembro – ‘Festa a Oxalá’;
- 31 Dezembro, 2 Fevereiro e 15 Agosto – ‘Festas e/ou Romarias a Iemanjá’;
- 20 Janeiro – ‘Festa a Oxóssi’;
- Mês de Fevereiro – ‘Festa a Exu’;
- 24 Abril – ‘Festa a Ogum’;
- 13 Maio – ‘Festa aos Pretos-Velhos’, no dia que comemora o fim da escravatura no Brasil e/ou da chamada ‘Lei Áurea’, sancionada pela ‘Princesa Isabel’ a 13/05/1888;
- 24 Junho e 30 Setembro – ‘Festas e/ou Romarias a Xangô’;
- 26 Julho – ‘Festa a Nanã’;
- 24 Agosto – ‘Festa a Oxumaré’;
- 27 Setembro – ‘Festa aos ‘Ibejis/Irês/Crianças’;
- 1.^a Quinzena de Novembro – ‘Festa a Omulu/Obaluaiê’.

- 6- ‘Sessão de Prece aos Desencarnados’ - ‘Sessão’ dedicada ao desencarnado/defunto para o encaminhar para um ‘plano astral superior’, com a presença de familiares e/ou amigos, em que o ‘Babalorixá/Yalorixá’ realiza a abertura e uma ‘defumação’ com os respectivos ‘pontos cantados’:

- Como exemplo desses ‘Pontos Cantados tem-se, para o ‘Ponto de Abertura’:

“Eu abro a nossa Gira com Deus e Nossa Senhora,
Eu abro a nossa Gira, «Saravá Pemba» de Angola.
Eu abro a nossa Gira com Deus e Nossa Senhora,
Eu abro a nossa Gira, «Saravá Pemba» de Angola.”

“Está aberta a nossa Gira com Deus e Nossa Senhora,
Está aberta a nossa Gira, «Saravá Pemba» de Angola.
Está aberta a nossa Gira com Deus e Nossa Senhora,
Está aberta a nossa Gira, «Saravá Pemba» de Angola.”

- E, para o ‘Ponto de Defumação’:

“Defuma com as ervas da ‘Jurema’,
Defuma com arruda e guiné.
Defuma com as ervas da ‘Jurema’,
Defuma com arruda e guiné.”

“Benjoim, alecrim e alfazema,
Vamos defumar, ‘Filhos de Fé’.
Benjoim, alecrim e alfazema,
Vamos defumar, ‘Filhos de Fé’.”

De referir é ainda que neste tipo de ‘Sessão’ a duração que deve ser inferior a uma hora e não costuma haver incorporação, a não ser que o desencarnado precise de consolo ou que tenha alguma promessa por cumprir e possa aproveitar para pedir que seja cumprida. Assim, após o ‘Babalorixá/Yalorixá’ proceder a uma breve explicação sobre o que representa a morte, o “princípio da vida” e o “fenômeno de mudança de plano da consciência” no chamado “trabalho de transformação” inerente à doutrina de reencarnação da Umbanda, afeta ao ‘Orixá Omulu/Obaluaiê, o ‘Senhor da Morte’ e da ‘Transformação em Todos os Planos’, a ‘Sessão’ é encerrada com uma prece a ‘Olorum/Zambi’ e concluída com um ‘Ponto Cantado’ de encerramento de ‘Sessão’.

- 7- ‘Romarias’ - Saídas periódicas do ‘Terreiro’ em dias previamente marcados, isto é, saídas de peregrinação a cachoeiras, cemitérios, lagos, matas, pedreiras, praias, rios ou outros locais onde existam vibrações das ‘Entidades a Cultuar’ e que funcionam para os ‘Filhos de Santo/Fé’ como ‘fontes de energia’, proveniente dos ‘Elementos da Natureza’.

Após a exposição das “Bases da Umbanda” consideradas mais importantes, interessa passar à abordagem dos ‘Princípios Práticos’ mais relevantes, que regem a sua prática religiosa no âmbito da ‘Liturgia da Umbanda’.

2.3 – Princípios Práticos da Umbanda

Como “Princípios Práticos da Umbanda”, são de considerar não só o que respeita aos ‘Aspectos Práticos Dominantes na Umbanda’ e ao ‘Sincretismo’, produto da imposição de conversão dos escravos ao ‘Catolicismo’ e da evolução da religiosidade Brasileira, mas também no que concerne à comunicação das ‘Entidades Espirituais’, no âmbito das ‘Sete Linhas de Trabalho na Umbanda’.

2.3.1 – Aspectos Práticos Dominantes na Umbanda

No campo dos ‘Aspectos Práticos Dominantes na Umbanda’ interessa apresentar o ‘Templo/Tenda/Centro/Terreiro’ no que respeita aos seus vários compartimentos ou divisões, bem como à sua hierarquia de ‘Organização Sacerdotal’ e à metodologia de ‘Funcionamento de Rituais’, em termos de ‘Sequência Prática de Rituais’ e de ‘Instrumentos e Materiais’ a utilizar (Barcellos, M.C., 2008, p. 17-32, 52-59), (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 65, 66, 76-77), (Freitas, B.T. & Freitas, W.C., 1986, p. 41, 79-97), (Gomes, A.M.S., 2009, p. 85-193), (Pereira, L.J.A., 2012, p. 95-125, 185-193, 204-250), (Portugal, F., 1986, p. 23-28, 31-40, 43, 65-69, 72-92), (Santos, O.J., 1993, p. 37-39, 72-74), (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>):

- ‘Templo/Tenda/Centro/Terreiro’ – O ‘Templo/Tenda/Centro/Terreiro’ difere consoante a ‘Ramificação da Umbanda’ que se esteja a considerar. No entanto, os compartimentos e/ou divisões costumam manter-se e ter as mesmas denominações, embora com usos e objetivos adequados à ‘Ramificação da Umbanda’ em apreço:
 - ‘Tronqueira’: É um compartimento fechado, por uma pequena porta com cerca de 50 cm de altura, preferencialmente, em ferro fundido, construído do lado de fora, junto da entrada, à esquerda de quem entra, e que serve para conferir segurança ao ‘Terreiro’ com o assentamento do chamado ‘Exú Tronqueira’, o ‘Exu Guardião do Terreiro’ que guarda e protege o ‘Terreiro’;
 - ‘Canjira/Casa de Exus’: Uma divisão situada do lado de dentro, logo à entrada, e também do lado esquerdo de quem entra, onde é firmado o assentamento das ‘Povo da Rua/Povo da Esquerda’, ‘Exus/Pomba-Giras’, que protegem e regulam as actividades do plano espiritual que se realizam no ‘Terreiro’, uma função que lhes confere a denominação de ‘Mensageiros dos ‘Orixás’, para além de também ser o local onde se realizam as obrigações e oferendas a estas ‘Entidades’ no âmbito da ‘Umbanda de Almas e Angola’ e da ‘Umbanda Omolocô’. É, ainda, o local aonde se guardam objectos e ferramentas de ‘Exu/Pomba-Gira’, tais como «quartinhas»/‘vasos de barro’, respectivamente sem e com asas’, as «guias»/‘colares de contas, missangas, sementes ou conchas’, bem como os paramentos, as imagens e os «Otás»/‘seixos’, de diversas formas, cores e dimensões, que representam estas ‘Entidades’, embora também existam «Otás» que representam ‘Orixás’. Como exemplo de um ‘Ponto Cantado’ para ‘Exu’, segue-se o dedicado ao ‘Exu Caveira:

“Portal de ferro,
Cadeado de madeira...
Quem manda no cemitério
É Seu Exu Caveira”;

- ‘Cruzeiro das Almas/Casa das almas’: Outra divisão situada do lado de dentro, logo à entrada mas, do lado direito, um espaço que, em termos do ritual da ‘Umbanda de Almas e Angola’, é ocupado por um pequeno ‘Congá’, que referencia e dá firmeza às ‘Almas’ que descem e trabalham no ‘Terreiro’ e onde se colocam as ‘Firmezas dos Anjos da Guarda’ do ‘Terreiro e das pessoas que o frequentam, para além de também se guardarem as roupas, ferramentas, cachimbos, cestos, bengalas, entre outros pertences do denominado ‘Povo da Direita’, ou seja, ‘Pretos-Velhos, Caboclos, Boiadeiros, Crianças, etc.;
- ‘Firmeza/Assentamento do Orixá Tempo’: Na ‘Umbanda de Almas e Angola’, fica normalmente situado no centro do espaço do ‘Terreiro’, sinalizado por um catavento e um pára-raios colocados bem alto;
- ‘Firmeza/Assentamento de Ogum’: Um local que, pode no exterior ou interior do ‘Barracão/Edifício do Terreiro’, onde é firmado o ‘assento/assentamento do ‘Orixá Ogum’ e onde são colocadas as ‘oferendas’ que sejam destinadas a este ‘Orixá’;
- ‘Congá/Gongá’: O conjunto dos ‘Peji’ e, também, o ponto principal de «Axé do Terreiro», o ponto consagrado, onde as energias são, permanentemente, renovadas por meio de preces e objetos imantados, que ali são dispostos, como sejam velas, flores, copos com água, pontos riscados, «Otás»/seixos/pedras e imagens diversas de ‘Santos católicos’, devido ao ‘sincretismo religioso’, de ‘Caboclos’, de ‘Pretos-Velhos’, entre outras ‘Entidades’ de Umbanda;
- ‘Pegi’: Cada um dos ‘Altars Sagrados’ dedicados a cada ‘Orixá’ e/ou a ‘Famílias de Orixás’, onde se colocam as suas imagens e oferendas. Os ‘Pejis’ na ‘Umbanda Omolocô’ ficam situados à cabeceira do local onde se realizam os ‘Rituais do Terreiro’ e a Norte, se possível. Além disso, a disposição dos ‘Pejis’, se vistos de cima para baixo, costuma ser a seguinte:
 - Na zona central, tem-se: ① - A ‘pomba’ representativa do ‘Orixá Ifá’ e/ou do ‘Espírito Santo’ do ‘Sincretismo Católico’,
 - ②- ‘Pegi’ do ‘Orixá Oxalá’,
 - ③- ‘Pegi’ do ‘Orixá Ogum’,
 - ④- ‘Pegi’ do ‘Orixá Oxum Família’

- ⑤- ‘Pegi do Orixá Iemanjá e Família’, muito próximo do chão, numa imagem de abraço a todos os seus filhos, visto ser considerada a ‘Mãe dos Orixás’.
- A uma altura intermédia entre os ‘Pegis’ ② e ③:
 - Na zona lateral esquerda: ‘Pegi’ do ‘Orixá Xangô e Família’,
 - Na zona lateral direita: ‘Pegi’ do ‘Orixá Oxóssi e Família’.
 - A uma altura intermédia entre os ‘Pegis’ ④ e ⑤:
 - Na zona lateral esquerda: ‘Pegi’ do ‘Orixá Omulu e Família’,
 - Na zona lateral direita: ‘Pegi’ dos ‘Orixás Ibeiji’.
 - ‘Salão’: Onde se realizam as diversas ‘Sessões de Umbanda’, em geral, a zona do ‘Terreiro’ que se situa na sequência dos ‘Pejis’ do ‘Congá’ e que engloba, contornando o «Axé do Terreiro»;
 - ‘Assistência/Estado’: ‘Zona do ‘Terreiro’ ou do ‘Salão’ aonde são recebidas as pessoas que vêm assistir à ‘Sessão/Gira da Umbanda’;
 - ‘Roncó’: Um altar particular do ‘chefe do terreiro’ onde se realizam os ‘Rituais/Obrigações’ dos ‘Filhos do Terreiro’, o «amaci»/‘solução preparada com ervas específicas’ e o «Bori»/batismo, entre outros;
 - ‘Quarto de Camarinha’: Divisão onde ocorre o recolhimento de ‘Filhos de Santo’, os ‘Iniciandos dos cultos Africanos e da Umbanda’, que estão a ser postos à prova, durante as ‘Obrigações’ para elevação na ‘Hierarquia da Umbanda’;
 - ‘Quarto de Santo’: Divisão reservada ao ‘Santo/Orixá’ ou a outra ‘Entidade/Guia’ que protege o ‘Terreiro’;
 - ‘Cozinha de Santo’: Cozinha aonde são preparadas pelo ‘Filho de Santo’ que é responsável, a «Yá-Bassé», as ‘Oferendas de Comida’/«Ebós» para o ‘Santo/Orixás’.
 - ‘Casa de Matanças’: Divisão onde se procede à matança de animais por ‘Filhos de Santo’, homens especializados a «Axogum»/‘Mão de Faca’, na vertente da ‘Umbanda de Nação’. No caso de se tratar do sacrifício de animais quadrúpedes, o ‘Filho de Santo’ toma a denominação «Oxogum» e, se se tratar de aves, denomina-se «Alô-Oxogum»;
 - ‘Organização Sacerdotal’ – Como hierarquia de funcionamento espiritual dum ‘Terreiro de Umbanda’, destaca-se a ‘Organização Sacerdotal’ seguinte:
 - ‘Babalawô’: ‘Pai de Santo/Mãe de Santo’ com mais de 21 anos de ‘Corôa de Santo’, que já não prepara novos ‘Filhos de Santo’, mas ocupa as funções de ‘Conselheiro’ do

- «Babalorixá/Yalorixá» e de ‘Responsável’ pelo ‘Jogo’ e/ou pelos ‘Métodos de Adivinhação’ usados no ‘Terreiro’;
- ‘Sacerdote/Sacerdotisa/Pai de Santo/Mãe de Santo’/«Babalorixá/Yalorixá»: São os responsáveis por toda a actividade espiritual que tenha lugar no ‘Terreiro’, como seja iniciar, conduzir e encerrar as ‘Giras’, bem como estabelecer o cumprimento das ordens e doutrinas recebidas do plano astral;
 - Pai Pequeno/Mãe Pequena/«Yakêkêrê»: Possuem os mesmos ensinamentos do ‘Pai de Santo’ ou da ‘Mãe de Santo’, são os seus apoios, participam em todos os ‘Rituais’ e são responsáveis da actividade espiritual na sua ausência;
 - «Peji-Gã»: Zelador dos ‘Pegis’, tratam e arranjam os ‘Pejis’;
 - «Ekedy»/Euede: Zeladora dos ‘Orixás’ e auxiliar do ‘Terreiro’. Não incorpora, mas cuida das ‘Entidades’ que descem, servindo-as com tudo o que venham a pedir e/ou a precisar;
 - «Yalaxé»: Zeladora dos ‘Axés’, os pontos de força do ‘Terreiro’;
 - «Olossâim/Babalossâim»: O responsável pela colheita, secagem e maceração de ervas/plantas, o ‘Mão de Ofá’, um ‘Filho do Orixá das Folhas’, ‘Ossaim’, ou na sua falta, do ‘Orixá da Mata’, ‘Oxóssi’;
 - «Oxogum»: O ‘Filho de Santo’ tem a ‘Obrigação’ de «Axogum»/’Mão de Faca’ para sacrificar animais quadrúpedes, na vertente da ‘Umbanda de Nação’;
 - «Alô-Oxogum»: O ‘Filho de Santo’ tem a ‘Obrigação’ de «Axogum»/’Mão de Faca’ para sacrificar aves, na vertente da ‘Umbanda de Nação’;
 - «Yá-Bassé»/‘Iabacé/Aiabá/Iabá’: Cozinha da ‘Comida de Santo’ e ‘Comida Votiva dos Orixás’. Se a ‘Oferenda’ for efectuada como uma permuta de um favor já obtido, denomina-se ‘Promessa’, mas se a ‘Oferenda’ for realizada com o fim de vir a obter um favor da ‘Entidade’, isto é, como uma demonstração de confiança na ‘Entidade’, toma a designação de ‘Voto’;
 - Curimbeiro/Ogã Atabaqueiro: Responsável por ‘tocar e cantar’ os ‘pontos cantados’ nas ‘Giras’, para além de ensinar novos ‘Ogãs’;
 - Ogã/Alabê: Responsável pela ‘Currimba’, os toques de atabaque;
 - Médium/Cavalo/Burro/Aparelho: Os ‘Filhos/Filhas de Santo’ que podem vir a transmitir ou transmitem orientações do ‘Plano Astral’.
- Os ‘Mediuns’ costumam distribuir-se pelos quatro níveis de desenvolvimento evolutivo seguintes:

- 1- Médium Iniciante: O ‘Médium’ que ainda não incorpora, podendo por vezes ser colocado como ‘Cambono’, até adquirir conhecimento e experiência;
 - 2- Médium em Desenvolvimento: Como o nome indica, trata-se de ‘Médium’ ainda em processo de desenvolvimento;
 - 3- Médium de Trabalho: Todo o ‘Médium’ que presta consulta nas ‘Giras de Atendimento’ e já passou por todos os preceitos e ‘Obrigações’, do ‘Batismo’ à ‘Coroação do Santo’;
 - 4- Cambono: Médium designado para auxiliar a ‘Entidade/Guia’ que tiver ‘Baixado’, isto é, a ‘Entidade’ que tiver incorporado no ‘Médium de Trabalho, funcionando o ‘Cambono’ como um intérprete entre a ‘Entidade’ e o consulente, função que é, frequentemente, realizada pelas «Ekedys».
- ‘Funcionamento de Rituais’ – Em geral, o funcionamento dum ‘Terreiro de Umbanda’ varia não só de acordo com a ‘nação’, a ‘linha’ e a ‘ramificação da ‘Umbanda’ que se considerar, mas também consoante o número de ‘Filhos de Santo’ e/ou ‘Membros do Terreiro’, pelo que se apresentam alguns aspectos mais relevantes da metodologia de ‘Funcionamento de Rituais’, como seja a ‘Sequência Prática de Rituais’ e outros ‘Instrumentos e Materiais’, que constituem o conjunto de ‘Atributos Práticos’ de Guias e/ou ‘Orixás’, a utilizar no ‘Culto’:
 - ‘Sequência Prática de Rituais’ – Como sequência prática genérica para a ‘Abertura’ e o ‘Encerramento’ de ‘Rituais da Umbanda’ considera-se a metodologia seguinte:
 - 1- Como processo prévio à abertura de Rituais tem-se o ‘Reforço de ‘Exu’, o ‘Guardião da Casa/Terreiro’, com a entrega das oferendas tradicionais no lugar próprio, isto é, a sua ‘comida ritual’, o «Padê/Padé» na ‘Tronqueira, a fim de evitar toda e qualquer perturbação, visível ou invisível, dos trabalhos;
 - 2- Para a ‘abertura do ritual’, começa-se por defumar todos os presentes e cruzar os quatro cantos do ‘Terreiro’, queimando em ‘Turíbulo’ as ervas adequadas e cantando o correspondente ‘ponto cantado de defumação’. De notar que os ‘Filhos de Santo’ ficam de pé no ‘Gongá’, homens do lado direito e mulheres do lado esquerdo, enquanto os assistentes ficam sentados no chamado ‘Estado’, o ‘Salão Principal’ do ‘Terreiro’;
 - 3- Para a ‘abertura dos trabalhos’, o ‘Chefe do Terreiro/Babalorixá/Yalorixá’ dá o sinal com o toque do «Adjá»/‘Adejá’, para que o ‘Ogã’ principal possa começar a tirar os ‘Pontos de Abertura da Sessão’ para saudar os ‘Orixás’, ‘Bacuros/Elementais’, espíritos da Natureza sem corpo físico, e/ou ‘Guias’, a começar pelo ‘Povo da Rua’ e

a terminar com os ‘Pontos da Tradição’, ao ‘Orixá’. Note-se que, se no ‘Terreiro’ baixam ‘Pretos-Velhos’, as ‘Almas’ também se devem ser saudadas;

- 4- Como ponto importante a respeitar, é o facto de nenhuma ‘Entidade’ poder baixar antes de estarem concluídos os ‘Pontos de Abertura’;
 - 5- No final da ‘Sessão’ o ‘Chefe do Terreiro’ canta os pontos de agradecimento a ‘Zambi/Olorum, a ‘Oxalá, ao ‘Espírito protector da Casa/Terreiro e a todas as ‘Entidades Espirituais’.
- ‘Instrumentos e Materiais’: Quanto a ‘instrumentos e materiais’ torna-se importante referir que, acabam por pertencer ou ao conjunto de ‘Atributos Práticos’ específicos de cada ‘Orixá e/ou Guia’ ou ser de uso corrente no ‘Terreiro’, em diversas ocasiões e/ou ‘Giras’. Assim, assinalam-se os ‘instrumentos e materiais’ seguintes:
- 1- Comidas e Bebidas: As oferendas que costumam ser feitas a ‘Orixás/Entidades/Guias Espirituais’, a título de homenagem, baseiam-se na oferta do que se designa por ‘essência simbólica’/«Axé» de variados produtos, tais como:
 - a) Peixes diversos e carne de vários animais, com temperos próprios;
 - b) Cereais e frutas;
 - c) Diferentes bebidas, como «aluá»/bebida de milho, diferentes tipos de vinhos, branco, rosé, tinto, doce e espumante/“champagne”, e de cerveja, branca e preta, bem como «marafo»/aguardente.A preparação da ‘Comida de Santo’ obedece a diversos preceitos, consoante os requisitos próprios de cada ‘Entidade Espiritual’, de que se destaca como exemplos:
 - a) ‘Oxalá’, à excepção do mel, só aceita alimentos de cor branca e não aceita sal e ‘azeite/óleo/gordura’ de «dendê»/palma;
 - b) ‘Iemanjá’ aceita mel e peixe, mas em geral, não quer sal;
 - c) ‘Miúdos/vísceras’ de animais, sacrificados para o efeito, devem ser oferecidos à ‘Entidade Espiritual’, mas não podem ser comidos nem por ‘Filhos de Santo’ nem por visitantes do ‘Terreiro’.
 - 2- ‘Defumadores’: Os defumadores devem ser preparados com as plantas aromáticas adequadas, tendo em consideração os ‘Orixás e/ou as Entidades’ a que se destinam.
 - 3- ‘Colheita e Trituração/Maceração de Ervas’: A cada uma das ‘Entidades Espirituais’, Orixás/Guias’, corresponde um conjunto, não exclusivo, de plantas/ervas. O quadro I apresenta um conjunto de plantas de uso frequente, em ‘Terreiros’ no Brasil (mod.: Gomes, A.M.S., 2009, p. 139).

Quadro I – Plantas de Uso Corrente em ‘Terreiros’ no Brasil

NOME COMUM	NOME CIENTÍFICO	NOME EM IORUBA	ORIXÁS
Akòko	<i>Newbouldia laevis</i>	Akòko	Ossaim e Ogum
Alevante	<i>Menta Citrata L.</i> e <i>Ocimum spp.</i>	Eré Tuntún	Oxum e Iemanjá
Alfazema de Caboclo	<i>Hypis mollissima</i>	Makasa	Oxalá, Oxum, Iemanjá e Caboclos
Alfavaca	<i>Ocimum basilicum L.</i>	Efinfín	Iemanjá e Oxum
Algodão	<i>Gossipium barbadense</i>	Wé Òwù	Oxalá
Banana	<i>Musa spp.</i>	Ògêdê/Èwé Èkô	Iroko, Oxalá, Oxumaré, Logun Edé e Oxossi
Colónia	<i>Alpinia speciosa (Will. Shum)</i>	Tòto	Oxossi e Iemanjá
Figueira	<i>Ficus spp.</i>	Irókó	Iroko, Oxalá, Exu
Folha de Oxalá	<i>Plectranthus spp./Colens barbatus</i>	We Bàbá/ Wùro Bàbá	Oxalá
Folha Santa	<i>Siparuna guayenensis Aubl.</i>	(*)	Xangô
Fumo	<i>Solanum spp.</i>	Etaba Asà	Oxalá
Guiné	<i>Petiveria aliácea L.</i>	Ewé Ojúúsájú	Orumila, Oxossi, Ogum, Exu
Lírio Branco	<i>Hedychium coronarium</i>	Balabá	Iemanjá, Ogum
Manga	<i>Mangífera indica L.</i>	Óró Óyìnló	Ogum, Iroko e Iansã
Manjeriçã	<i>Ocimum canum</i>	Efirin	Iemanjá, Oxum
Poejo	<i>Mentha pulegium L.</i>	(*)	Oxum, Ibeiji
Patioba	<i>Xanthosoma sagittifolium L.</i>	Ewé Kókô	Oxossi, Iemanjá, Logun Ede
Saião	<i>Kalenchoe gastonis-bounieri</i>	Àbámodá	Ifá, Oxalá, Xangô, restantes Orixás

(*) – Não existia em África.

A colheita de ervas/plantas deve ser sempre realizada de acordo com as posições/ /fases da Lua e segundo uma dada distribuição horária que, em geral, engloba quatro grupos.

Como exemplo, dos quatro grupos de distribuição horária, tem-se a considerar:

- Das 6 às 12 horas – ‘Oxalufân/Oxalufã’, o ‘Oxalá’ velho, e ‘Naná’;
- Das 12 às 18 horas – ‘Ogum Megê, Xangô Aganju, Iansã e Oxum’;
- Das 18 às 24 horas – ‘Omulu’, ‘Exu/Pomba-Gira’;
- Das 24 às 6 horas – ‘Oxóssi, Ossãe/Ossaim e Irôco’.

Note-se, no entanto, que a distribuição dos grupos horários deve ser sempre determinada pelo «Mão de Ofá», o ‘Filho de Santo’ que aprendeu os ‘segredos’ não só, da «macaia»/‘mata’, os locais onde colher as ervas necessárias, frequentemente junto de rios e/ou cachoeiras, mas também das «euê»/‘folhas’ mais adequadas para cada fim e para cada ‘Entidade’.

Além disso, a ‘trituração/maceração’ das ervas/plantas colhidas, que se destinam a banhos rituais, sejam estes de descarga ou de preparação para cerimónias importantes, deve ser sempre efectuada ao som dos toques e dos pontos cantados mais adequados à ocasião.

- 4- ‘Vestês Rituais’: Em geral, nos ‘Terreiros de Umbanda’ as ‘Vestês Rituais’ são de cor branca, embora também possam ter outras cores.
- a) Os trajês femininos costumam ser brancos do tipo ‘Baiano’, com um «tôssô/ojá» na cabeça, uma ‘saia rodada’, com saiote(s) engomado(s) e «colottes» brancos, bem como uma ‘blusa’/«nanga», tendo traçado por cima um ‘pano da Costa’/‘pano colorido, estampado com a cor do seu ‘Orixá de Cabeça’ e motivos Africanos’;
 - b) Os trajês masculinos são simples, compostos de ‘calça e camisa’ brancos, um ‘pano da Costa’ sobre o ombro e um ‘gorro’ na cabeça também branco, eventualmente, bordado com os ‘Pontos da Entidade’ ou, ainda, um «ojá», uma ‘tira comprida de pano branco’ enrolada na cabeça;
 - c) Todos, homens e mulheres, usam à cinta uma ‘toalha ritual’ branca, simples ou enfeitada com rendas e/ou bordados;
 - d) Nos ‘Terreiros’ ditos de ‘pé no chão’, todos os elementos permanecem descalços;
 - e) Nos ‘Terreiros’ de procedência das ‘Nações Sudanesa e Bantu’, as ‘Vestimentas Rituais’ dos dias de festa devem ser ricos, brilhantes e de acordo com as características de cada ‘Orixá’.
- 5- ‘Guias Ritualísticas’: As ‘Guias Ritualísticas’ são colares produzidos por cada ‘Filho de Santo’ segundo as indicações e com as cores específicas de cada ‘Orixá/Guia’, feitos com missangas e/ou contas de vidro ou de cerâmica, com um «Patuá»/amuleto na ponta e fechados com «palha da Costa»/ráfia. Em geral, as ‘Filhas de Santo’ usam as ‘Guias Ritualísticas’ ao pescoço e ao comprido, enquanto os ‘Filhos de Santo’ devem usá-las a tiracolo da esquerda para a direita, ou da direita para a esquerda, consoante a ‘Entidade Espiritual/Orixá’, em apreço. No entanto, caso seja essa a indicação do(s) ‘Orixá(s)’ também as ‘Filhas de Santo’ poderão usar, a tiracolo, ‘Guia(s) Ritualística(s) de Orixá(s)’ masculino(s), assim como os ‘Filhos de Santo’ poderão usar, ao comprido, ‘Guia(s) Ritualística(s) de Orixá(s)’ femininos. Ainda neste domínio, as normas gerais a cumprir são:
- a) O ‘Chefe do Terreiro/Babalorixá/Yalorixá’ usa as ‘Guias’ de todos os ‘Orixás’;
 - b) O ‘Pai/Mãe Pequenos’ usam as ‘Guias correspondentes aos seus ‘Orixás’;

- c) A 'Aiabá/cozinheira' usa as guias de todos os 'Orixás', excepto a do 'Orixá Oxalá';
 - d) O 'Cambono de Ebó' usa as guias do seu 'Anjo da Guarda/Orixá', de 'Exu' e 'Pomba Gira';
 - e) O 'Filho/Filha de Santo' usa as 'Guias' que recebeu nas suas 'Obrigações' de iniciação, ou seja, nas 'Obrigações' que já tenha cumprido.
- 6- 'Métodos de Adivinhação': Os 'métodos de adivinhação' tradicionais que costumam ser utilizados pelo 'Babalorixá/Yalorixá' ou pelos 'Filhos de Santo' que possuam a 'Obrigação de Mão de Jogo' são os seguintes:
- 'Jogo de Búzios/Delogum' – Os 'Búzios', geralmente em número de 16, só podem ser usados como método de adivinhação após terem recebido o «Amaci», um ritual de lavagem especialmente preparado para o efeito, e constituem um instrumento que só pode ser jogado por quem tenha feito a referida 'Obrigação de Mão de Jogo', especialmente autorizada por 'Ifá', o 'Orixá' dos métodos de adivinhação. Os 'Búzios' são um instrumento que não pode ser tocado por quem esteja de 'corpo sujo', isto é, que não tenha sido sujeito a um 'banho ritual de ervas' e para obter uma resposta a cada pergunta o 'Sacerdote' tem de efectuar 3 lançamentos. Segundo a tradição 'Olorum/Zambi' criou 16 «Odus»/'Destinos' principais, a que correspondem os '16 Búzios', cada um com um significado e nome específico. Além disso, cada um dos 16 «Odus» principais desdobra-se noutros 16, os «Omô-Odus», perfazendo um total de 256 «Odus»/'Destinos' possíveis. Em acréscimo, é ainda de referir que alguns 'Filhos de Santo' especialmente autorizados, também poderão fazer um jogo mais simples, somente com '4 Búzios';
 - 'Jogo de Ifá'/'«Opelê»' – Este é um jogo que só pode ser realizado pelos «Eluôs»/'Sacerdotes de Ifá'/'«Babalawôs»'. Neste jogo têm-se de 4 nozes inteiras e 4 meias nozes enfiadas num 'colar/rosário' aberto, em forma de U, cujas pontas ficam voltadas para o 'Sacerdote' e terminam por prolongamentos de 2 fios, na parte feminina, e de 4 fios, na parte masculina. Os lançamentos do jogo são anotados com riscos verticais paralelos, um para as nozes concavas e dois para as convexas e a leitura é feita da direita para a esquerda, tal como a forma de escrita 'Árabe';
 - 'Jogo da «Alubosa»/Alubaça/Cebola' – Este é um instrumento próprio dos 'Orixás Oxalá e Oxóssi', pelo que só deve ser jogado pelos seus 'Filhos';

- ‘Jogo do Obi/Noz de Cola’ – Este é um instrumento próprio do ‘Orixá Ogum’, que é realizado de modo semelhante ao ‘Jogo de 4 Búzios’, uma vez que só são utilizados quatro «Obis».

Para além dos 4 jogos tradicionais acabados de referir, o ‘Sacerdote’, caso queira ou sinta necessidade, ainda poderá socorrer-se de qualquer outro método de adivinhação à sua escolha.

Em termos dos ‘Princípios Práticos da Umbanda’ considera-se, ainda, de grande importância salientar a abordagem, que se segue, relativa ao ‘Sincretismo’ que ocorreu entre a ‘Umbanda’ e outras religiões, nomeadamente o ‘Cristianismo’.

2.3.2 – Sincretismo na Umbanda

O sincretismo na Umbanda resulta da aceitação de várias religiões de base: “Africanismo, Hinduísmo e Cristianismo” (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 55, 70-71), Fontenelle, A., 1952, p. 47-87, 109-116), (Stuart, O., 1997, p. 718-719), (Weightman, S., 1997, p. 279-286):

- Do “Africanismo” veio o chamado “Panteão de Deidades”, os ‘Orixás’, uma herança da tradição que viajou no fundo dos “navios negreiros” desde África até ao Brasil com os escravos e que lhe conferiram não só profundos sentimentos de humildade, tolerância e obediência, mas também o sentido de vivência alegre, devocional e desinteressada. Na Umbanda, os ‘Orixás’ foram aceites em toda a sua transcendência e com um culto abrangente em termos físicos, mental e espiritual, caracterizados como forças cósmicas actuantes em todos os planos da “Criação”, de ‘Seres Vivos e Ancestrais’;
- Do “Hinduísmo”, bem como do ‘Budismo’, veio a plenitude da vida, caracterizada pela aceitação das leis do “Karma”, “Reencarnação” e “Evolução”;
- Do “Cristianismo” veio um conjunto de “citações”, como “Amai-vos uns aos outros” ou “Não julgueis para não serdes julgados”, que integram o culto e as normas de procedimento dos “Filhos de Fé” da Umbanda, para além do conhecido paralelismo entre ‘Orixás’ e ‘Santos Católicos’, isto é, Santos, Nossa Senhora e, mesmo, Jesus Cristo.

Na época, a religião oficial no Brasil era o Catolicismo, trazido pelos brancos de origem Portuguesa, e o Culto Africano era encarado como bruxaria, pelo que era proibido e a sua prática severamente reprimida pelas autoridades policiais.

Em resultado dessa repressão, os escravos passaram a cultuar secretamente as suas Deidades, disfarçando-as e identificando-as com o Panteão Católico, sendo deste modo criado o Sincretismo Religioso que acabou por se tornar um dos pilares fundamentais da Umbanda.

Assim, pode dizer-se que o ‘Sincretismo Religioso da Umbanda’ foi criado pelos escravos da ‘diáspora Luso-Africana no Brasil’, com o intuito de poderem continuar a cultuar as suas Deidades tradicionais. Ainda, nesta perspectiva, torna-se importante fazer notar que a ‘Umbanda’ conseguiu criar uma individualidade que a caracteriza como uma ‘Religião’, perfeitamente, separada das que assimilou e aceitou como elementos de paralelismo no seu ‘Panteão de Orixás’. Aparentemente, a participação dos escravos negros nas manifestações da ‘Religião Católica’ representava a conversão dessas populações e a perda da sua identidade. Contudo, muitos escravos, mesmo dizendo-se ‘Cristãos’, não abandonaram o “Culto dos Orixás”. Enfim, foi a coexistência destes Cultos no Brasil, ao longo do tempo, que provocou o aparecimento de novas experiências religiosas que integram elementos ‘Africanos, Cristãos e Indígenas’, com destaque para a ‘Umbanda’, que acabam por tornar, perfeitamente, compreensível e sem quaisquer confusões a equivalência existente entre vários “Santos Católicos” e “Deidades Africanas” (Ribeiro, J.O. 2012, p. 16-21), (Santos, T.L. 2009, p. 4-6), (Verger, P.F., 2002, p. 76-286).

O quadro II sintetiza as equivalências entre ‘Orixás da Umbanda’, incluindo algumas das suas características principais, e os chamados ‘Santos Católicos’, que incluem ‘Jesus Cristo’, diversas variantes de ‘Nossa Senhora’ e vários ‘Santos do Panteão Católico’¹⁷ (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 72-77), (Ribeiro, J.O., 2012, p. 16-21), (Santos, T.L. 2009, p. 4-6), (Saraceni, R. 2004, p. 297-368), (Verger, P.F., 2002, p. 76-286).

Quanto à cultura oriental, a sua influência também se manifesta, não só em termos de sincretismos entre ‘Orixás’ e “Deuses Hindus” e entre ‘Orixás e “Budás/Buddhas”’, mas também no domínio das Progressões Evolutivas da Umbanda, já referidas no parágrafo 2.2.2.

¹⁷ Por exemplo, quando rezavam, na sua língua, a Nossa Senhora da Conceição, na verdade, estavam a cultuar “Oxum” ou quando rezavam a Santa Bárbara, cultuavam “Yansã (Santos, T.L. 2009, p. 4).

Quadro II – Equivalências entre ‘Orixás’ e “Santos Católicos”

ORIXÁS	CARACTERÍSTICAS GERAIS	“SANTOS CATÓLICOS”
Zambi/ /Olorum	Deus Supremo, criador do mundo, mandou criar o Homem, afastou-se e deixou os Orixás a cuidar dos homens e do mundo.	Deus-Pai
Ifá/Fá/ /Olódùmarè/ /Orunmilá	Orixá da intuição, relacionado com o futuro. Transmite conhecimento ao homem através do jogo de Búzios.	Espírito Santo
Oxalá	Filho de Zambi, regente dos homens e do mundo, Orixá principal na Umbanda, Senhor do branco, pureza, firmamento, compaixão, perdão, sapiência e fé. Grande Pai da Umbanda e dos Orixás.	Jesus Cristo Senhor do Bonfim
Yemanjá	Grande Mãe da Umbanda e dos Orixás, Senhora dos grandes rios, das águas salgadas e dos peixes. Representa a vida e a geração.	Nossa Senhora das Graças, das Candeias, dos Navegantes, do Cabo, da Aparecida, da Nazaré e todas as ligadas ao Mar.
Nanã/ /Nanã Burukú	Avó dos Orixás e dos Homens, tratada por Vovó, Senhora das lamas primordiais, do barro, da chuva, das águas paradas e da sabedoria.	Santa Ana, a Mãe de Nossa Senhora.
Omulu/ /Obaluaíê	Orixá da cura, da evolução, da passagem, do fim, da morte e da paralisação. Afasta as doenças.	São Lázaro, São Roque e São Bento
Oxumaré	Orixá do arco-íris, da chuva e das cobras. Carrega a água da Terra para o Céu, dilui e renova os sentimentos doentios e viciados.	São Bartolomeu
Iroko	Senhor do tempo cronológico, passado, presente e futuro, organiza/ordena o caos religioso.	São Francisco de Assis
Tempo	Senhor que traz e leva o mau tempo, representado pelo pára-raios do Terreiro.	São Francisco Xavier
Xangô	Senhor do raio e do trovão, Orixá da justiça e das leis, Rei dos Orixás.	São Jerónimo, São João Baptista, São Pedro e os que tenham “livros da lei”
Yansã/ /Oyá	Primeira Mulher de Xangô, Rainha dos Orixás e Orixá da justiça. Guerreira, que trás liberdade, movimento, alegria e paixão pela vida. Senhora dos ventos, das tempestades, do raio e do fogo vivo e divino que purifica.	Santa Bárbara, Santa Filomena, Santa Luzia e todas as que tenham uma folha de palma.
Obá	Senhora do encontro dos rios e justiceira. Senhora da quietude, do racional, capaz de afastar/esgotar o conhecimento desvirtuado.	Santa Joana D’Arc
Oxóssi	Orixá das matas, caça, prosperidade, abundância, verdade e conhecimento. Grande caçador das almas perdidas, curador e doutrinador.	São Sebastião
Ossain	Orixá das folhas e da medicina, conhecedor dos segredos de todas as folhas.	Santo Onofre
Ibeji/ /Irês	Orixás gêmeos. Senhores das crianças, da alegria, da ingenuidade, da pureza e da doçura.	São Cosme e São Damião, São Crespim e São Crispiniano
Oxum	Orixá do amor puro e verdadeiro, da fertilidade, da união e da maternidade. Senhora da beleza, das águas doces e dos rios, fontes e cachoeiras.	Nossa Senhora da Conceição Nossa Senhora de Fátima
Yewá	Senhora dos lagos e das enchentes dos rios e da fertilidade.	Nossa Senhora do Ó Nossa Senhora do Bom Parto
Ogum	Senhor da guerra, da forja, do ferro, do aço e da tecnologia. Orixá guerreiro, capaz de abrir os caminhos da vida, quebrar demandas e litígios. Protector dos seres humanos.	São Jorge, Santo António, São Miguel Arcanjo
Exu	Orixá guardião dos Templos, encruzilhadas, caminhos, cidades e pessoas. Faz a guerra para trazer a paz. Actua sobre a dualidade do homem. Mensageiro divino dos oráculos.	São Pedro, Menino Jesus da Atocha. Demónio/Diabo ou Diaba/Pomba Gira, no caso de Exu mulher, se Entidade

O quadro III apresenta algumas equivalências entre ‘Orixás’ e “Deuses Hindus” (Weightman, S., 1997, p. 261-309), (Renou, L., 1980, p. 38-48, 86-95, 176-185, 204-207), (<https://filosofiaimortal.blogspot.com/2015/01/deuses-indianos-significado-e-simbolismo>).

Quadro III – Equivalência entre ‘Orixás’ e “Deuses Hindus”

ORIXÁS	“DEUSES HINDUS”	CARACTERÍSTICAS
Zambi/ /Olorum	Brahma, 1º da “Trimurti”/Trindade: Shiva, Vishnu	Deus da criação, um em três: Rei da dança, a dança da bem-aventurança durante a criação do Universo. Deus do amor e da destruição. Deus protector da manutenção do Universo, da moral e da benevolência.
Oxalá	Ganesh/Genesha/«Gañeśa»	Filho de Shiva e Pārvāti. Deus do sucesso, removedor de obstáculos. Deus da educação, do conhecimento e da riqueza.
Iemanjá/ /Yemanjá	Sarasvatī/Dayānanda	Esposa de Brahma. Deusa da sabedoria. Protetora dos artesãos e artistas.
Omulu/ /Obaluaiê	Yama	Deus da lei, «dharma», dos mortos, da encarnação da morte, “aquele que obriga, aquele que rege”.
Xangô	Indra	Deus do trovão e do céu, o poderoso.
Iansã/Oyá/ /Yansã	Kali	Mãe do tempo. Deusa guerreira e corajosa, como mãe criadora e preservadora, mas também destruidora.
Oxum	Lakshmi	Esposa e energia de Vishnu. Deusa da prosperidade, fertilidade, beleza feminina e riqueza material e espiritual.
Ogum	Hanuman	Deus macaco, a natureza animal de Ser Humano, um aspecto que assegura a vitória, forte, valoroso e com poderes especiais. Deus das causas impossíveis.

O quadro IV apresenta a equivalência entre ‘Orixás’ e alguns “Budás/Buddhas” e “Bodhisattvas”¹⁸ (Cousins, L.S., 1997, p. 369-444), (Gard, R.A., 1981, 95-104).

Quadro IV – Equivalência entre ‘Orixás’ e “Budás/Buddhas e Bodhisattvas”

ORIXÁS	“BUDAS”	CARACTERÍSTICAS
Oxalá	Gautama Buddha Maitreya Buddha Kannon Bodhisattva Jiso Bodhisattva ou Ti-Tsang Bodhisattva	Príncipe Indiano - O Buda por excelência Buda Chinês Bodhisattva Japonês Popular no Japão e China; ajuda quem está perdido
Oxum	Bodhisattva Kuan Shih Yin Tara Branca e Tara Verde, Princesas da China e Nepal, Tara Vermelha, do texto litúrgico: "Homenagem às 21 Taras", associado aos “mudras” e “mantras”	Deusa da felicidade, compaixão e misericórdia; Budismo Chinês “Deidade da Sabedoria”, do “Caminho Diamantino”; que surge como um raio, Budismo Tibetano, divindade nacional do Tibete

¹⁸ “*Bodhisattvas*”, divindades masculinas, em número de vinte e cinco, cada uma com atributos, cores e símbolos específicos e em que as respectivas “contrapartes” femininas tomam a denominação de “*Śaktis*”. O “Caminho dos *Bodhisattvas*” ou “Caminho *Mahāyāna*” visa alcançar o “próprio estado de Buda”, bem como levar a libertação a todos os outros seres vivos (Gard, R.A., 1981, p. 31-48).

Em particular, a ‘5ª Etapa de Progressão Evolutiva’ – ‘A Linha do Oriente’, que se baseia nas leis do “Karma, Reencarnação e Evolução” e/ou nos “Ciclos de Reencarnação Sucessivos”, surge como uma etapa que aproxima o Oriente do Ocidente, para que os ‘Filhos de Fé da Umbanda’ possam atingir a “perfeição/libertação/eliminação do sofrimento” (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 21-23).

Para além desta ‘Linha do Oriente’, da ‘5ª Etapa das Progressões Evolutivas da Umbanda’, no parágrafo que se segue considera-se, a também chamada “Linha do Oriente”, constante das “Sete Linhas de Trabalho da Umbanda”.

2.3.3 – Linhas de Trabalho da Umbanda

Integradas nas acabadas de referir “Linhas de trabalho da Umbanda” são ainda de considerar as inúmeras “Entidades Espirituais”, os chamados ‘Guias’ que comunicam através de ‘Mediuns’, ‘Filhos de Fé’ devidamente ‘Iniciados’, com o objectivo de progressão na “Escala Astral” e no âmbito de cada uma das ‘Sete Linhas de Trabalho da Umbanda’. Estes ‘Guias’ apresentam-se, em geral, como ‘Exus’, homem ou mulher/‘Pomba-Gira’, que o ‘Catolicismo’ denominou de “Diabos” mas que, na ‘Umbanda’, funcionam como intermediários/mensageiros dos ‘Orixás’, ‘Caboclos’, também homem ou mulher, uma “imagem localizada do Índio Brasileiro”, ‘Pretos-Velhos’, igualmente homem ou mulher, numa “representação dos Escravos Negros do cativo” e, ainda, ‘Irês’ ou ‘Ibejis’, crianças como símbolo de pureza, aliada à sua natural travessura (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 21-23), (Matta e Silva, W.W., 2009, p. 155-206), (Pordeus, I., 2009, p. 141-145).

Neste contexto, convém destacar que, em virtude da Umbanda ser uma religião ainda em evolução, não existe um consenso perfeito entre o que é ensinado nas diversas “Escolas/Terreiros/Tendas” e/ou nos vários locais de culto, relativamente às “Sete Linhas de Trabalho da Umbanda”. Assim, no quadro V apresenta-se uma síntese e/ou compilação da informação mais importante que se encontra na bibliografia (Della Mónica, J., 1997, p. 43-49), (Fontenelle, A., 1952, p. 160-166), (Matta e Silva, W.W., 2009, p. 78-123), (Rivas Neto, F., 2009, p. 220-369), (Saraceni, R., 2004, 386-389), tomando como base e dedicando especial atenção ao modo como me foi transmitida a informação relativa a cada uma das “Sete Linhas de Trabalho da Umbanda”.

Quadro V – ‘Sete Linhas de Trabalho da Umbanda’

LINHA	SINCRETISMO/ /ORIXÁ MAIOR	TIPO	COR	DIA	COMPOSIÇÃO GERAL
Oxalá	Jesus Cristo/ /Orixalá/ /Oxalá	Fé/Religiosa	Branco	Sexta-feira	Santos Católicos, Pretos- -Velhos e Caboclos
Yemanjá	Nossa Senhora das Graças/Orixás femininos	Geração/ /Povo de Água	Prateado/ /Azul claro	Sábado	Ondinas, Sereias, Caboclas dos Rios, Fontes e Cachoeiras e Marinheiros
Oriente	S. João Batista/ /Oxum	Amor	Rosa/ /Dourado	Sábado	Povo do Oriente, Hindus, Árabes, Mongóis, Egípcios, Europeus Antigos, Ciganos e Iaras
Oxóssi	S. Sebastião/ / Oxóssi	Conhecimento/ /Caboclos	Azul- Turquesa	Terça-feira	Caboclos, Índios e Boiadeiros
Xangô	S. Jerónimo/ /Xangô	Justiça	Vermelho e Branco, castanho	Quarta- feira	Pretos-Velhos ou Pretas-Velhas
Ogum	S. Jorge/ /Ogum	Lei	Azulão e vermelho	Terça-feira	Caboclos, Exus de Lei
Africana	S. Cipriano/ /Omulu/Ifá/ /Iorimá/Ibeji/ /Iori	Evolução/ /Almas	Branco e Preto	Domingo/ /Segunda- feira	Pretos-Velhos, Pretas- -Velhas, Crianças/Erês/ /Ibejis e Baianos

De salientar, são ainda as características e a complexidade que representa a divisão e as subdivisões sucessivas que cada uma das ‘Sete Linhas de Trabalho da Umbanda’¹⁹ sofre até chegar à Sublegião dos denominados “Povos” (Della Mónica, J., 1997, p. 99-104):

- Cada uma das ‘Sete Linhas de Trabalho da Umbanda’ toma, em geral, o nome dum ‘Orixá’, o ‘Orixá Regente’: - “Oxalá, Yemanjá, Oriente/Oxum, Oxóssi, Xangô, Ogum e Africana/Omulu/Ifá/Iorimá/Ibeji/Iori”;
- Cada Linha divide-se em “Sete Falanges”, cada “Falange” em “Sete Subfalanges”, cada “Subfalange” em “Sete Bandas”, cada “Banda” em “Sete Legiões”, cada “Legião” em “Sete Sublegiões”, até que se chega ao fim das subdivisões sucessivas com cada “Sublegião” a subdividir-se em “Sete Povos”

Em suma, trata-se duma complexidade que torna bastante difícil uma explicitação consensual de toda a informação disponível, dado que ainda não existe o desejado consenso relativamente a este assunto.

¹⁹ Note-se que no Candomblé só existem “Cinco Linhas de Trabalho”, de acordo com o número total de dias da semana Africana, o que também provoca mais alguma confusão (DellaMónica, J., 1997, p. 43).

2.4 – Considerações Finais

Segundo a tradição, ‘Olorum/Zambi’ foi quem criou a Terra, a vida e tudo o que existe em 4 dias, os 4 dias da semana Africana de trabalho. E, antes de se recolher para o seu merecido descanso, ‘Olorum/Zambi’ entregou a regência do mundo ao seu ‘Panteão de 401 Emissários Divinos’, os ‘Orixás’²⁰, que governam a vida e o destino de todos os seres, à sua vontade. De facto, à imagem dos ‘Deuses das culturas Greco-Romanas’ e, mesmo, do ‘Ser Humano’, os ‘Orixás’ são temperamentais, amam e odeiam, protegem e castigam, curam e infringem doenças, fazendo-se respeitar e temer, pelo que possuem variados atributos específicos, isto é, preferências e antipatias, tais como cores, plantas, animais, comidas, ferramentas, toques e cânticos, etc., a explicitar em relação aos ‘Orixás da Água, no Capítulo 3. Além disso, quem escolhe os ‘Filhos’, os seus ‘Filhos de Santo’, são os ‘Orixás’ e sem ter em conta a preferência da pessoa, razão por que, frequentemente, se ouve dizer que os ‘Orixás’ são caprichosos e déspotas (Gromiko, A., et. al., 1987, p. 205-217), (Portugal, F., 1986, p. 15-17, 26-31, 60-63).

Em suma, para saber qual é o ‘Orixá’ dono da cabeça de uma dada pessoa, é sempre necessário fazer uma consulta prévia à ‘Divindade’ que ‘preside ao destino da pessoa’, por intermédio do ‘Jogo de Búzios’ ou do ‘Jogo de Ifá’, os meios usados pelos ‘Orixás’ para escolher os seus ‘Filhos de Santo’, em que o termo ‘Santo’ se refere ao ‘Orixá’ que a escolhe. Para a realização desta tarefa os diversos ‘Orixás’ contam, não só com a intervenção de dois ‘Mensageiros’ importantes, mas também com a da ‘Dona’ dos instrumentos de jogo (Portugal, F., 1986, p. 26-28, 30, 31):

- ‘Orumilá/Ifá’²¹ que, num plano superior, traz a palavra do ‘Orixá’ ou, se for necessário, do próprio ‘Olorum/Zambi’;
- ‘Exu’ que, num plano menos nobre, leva os pedidos dos homens à ‘Corte Celeste’;
- ‘Oxum’, na qualidade de ‘Dona dos instrumentos de jogo, isto é, dos próprios ‘Búzios’.

Em termos do ‘Sincretismo’ na Umbanda, ele surgiu como uma necessidade dos escravos para manterem as suas crenças, embora com sacrifício de alguma da “pureza” da sua

²⁰ Deste Panteão de 401 ‘Orixás Africanos’, no Brasil “...os negros retiveram apenas 11 a 18 Orixás identificados a Jesus Cristo, a Virgem Maria e alguns santos...” (Portugal, F., 1986, p. 62, 63).

²¹ ‘Orumilá/Ifá’, ou ainda, «Fá-Ifá», em que ‘Ifá’ vem do ‘Nagô’, e ‘Fá’, do ‘Jeje’.

religiosidade Africana, pelo que o aspecto histórico torna-se fundamental para a compreensão das suas características, convertendo-se numa peça chave para o conhecimento aprofundado da hermenêutica e do sincretismo das religiões de raiz Africana, como são o Candomblé e Umbanda. Neste contexto, deverá ainda acrescentar-se que tem vindo a surgir um interesse crescente no retorno à “pureza das raízes Africanas”, ou seja, o chamado “Processo de Reafricanização”, que tem progredido, significativamente, com o intercâmbio cultural entre lideranças religiosas, nomeadamente Africanas e dirigentes, quer do Candomblé, quer da Umbanda²² (DellaMónica, J., 1997, p. 17-21), (Ribeiro, J.O., 2012, p. 21-28), (Rivas Neto, F., 2009, p. 397-414), (Santos, M.C.B., 2009, p. 25-28).

Também os conceitos vindos do Oriente, isto é, do ‘Budismo e do Hinduísmo’ são muito importantes no âmbito dos ‘Fundamentos da Umbanda’. Com efeito, no domínio da ‘filosofia Budista’, o “Karma” relaciona-se com as acções praticadas pelo ser, as suas consequências e os resultados alcançados, isto é, pelas chamadas “leis de causa e efeito”, as leis do “Karma”, enquanto o “Processo de Renascimento”, em existências subsequentes, é entendido como um ciclo dinâmico de mudança constante, resultante das ditas “leis de causa e efeito”, em que todo o ser, seja ele humano ou não, deixa de ser simplesmente transferido duma existência para outra. Em vez disso, todo o ser passará para um dos seis possíveis “reinos de renascimento” (Cousins, L.S., 1997, p. 407-408), (Prebish C.S., Keown D., 2006, p. 39-44, 197-199).

Em termos de evolução, interessa ainda referir a atual tendência é para que cada uma das ‘Sete Linhas de Trabalho da Umbanda’, também denominadas “Vibrações Originais”, “Tronos de Deus” ou, mais recentemente, “Tronos Energéticos”, deixe de ter o nome do seu “Orixá Regente”, o “Orixá Maior” ou “Grande Orixá”. De facto, a tendência atual é para que cada uma das ‘Sete Linhas de Trabalho da Umbanda’ passe a ser denominada pelas designações mencionadas na coluna do “Tipo de Linha” do quadro III, ou seja, a característica mais relevante e diferenciadora de cada uma das ditas “Sete Linhas de Trabalho da Umbanda” (DellaMónica, J., 1997, p. 17-21), (Ribeiro, J.O., 2012, p. 21-28), (Rivas Neto, F., 2009, p. 397-414).

²² Como exemplo, destaca-se o caso da “Tenda Espírita Maria Conga” do Brasil, que tem vindo a empreender diversas acções nesse sentido (Santos, M.C.B., 2009, p. 25-28).

CAPÍTULO 3

ORIXÁS DA UMBANDA E O CICLO DA ÁGUA

CAPÍTULO 3 – Orixás da Umbanda e o Ciclo da Água

Neste capítulo procede-se a um esquema de apresentação original de diversos Deuses de origem Africana relacionados com a água, nomeadamente Deuses dos Panteões das religiões tradicionais dos povos Iorubas da África Central e Ocidental que, devido ao tráfico de escravos e às dificuldades de manutenção do culto inerente às suas religiões tradicionais, se viram obrigados a ocultar as suas manifestações de culto, acabando por desenvolver mecanismos do tipo sincrético com a religião oficial dos territórios para onde foram levados. Em particular, o sincretismo com o Cristianismo que ocorreu no Brasil e deu origem ao surgimento de duas novas religiões relativamente diferenciadas como são o Candomblé e a Umbanda.

3.1 – Religiões Africanas Tradicionais

Das religiões tradicionais e sincréticas do Continente Africano destacam-se as religiões politeístas tradicionais da África Central e Ocidental dos povos Iorubas, entre outros. Estes povos são nativos da região próxima do Golfo do Benim e as suas religiões crêem-se baseadas nos chamados cultos pré-deístas dos antigos povos Bantos que, confrontadas com o Cristianismo e o Islamismo, acabaram por dar origem a diversos desenvolvimentos do tipo sincrético. Em particular, considera-se o sincretismo com o Cristianismo que ocorreu devido ao tráfico de escravos desta região de África para a América Latina, nomeadamente para o Brasil e à imposição do Cristianismo como religião oficial a professar (Gromiko, A., et. al., 1987, p. 37), (Sweet, J.H., 2007, p. 37).

O Panteão dos Deuses destas religiões de origem Africana tradicional é, em geral, presidido por um Deus Criador, «Olorum» ou «Zambi», assessorado por um conjunto de 401 Divindades e/ou Deidades, os Orixás/«Orishas»/«Òrìṣà», que representam as diversas Forças da Natureza, designadamente a água, e que intervêm activamente na vida do homem (Gromiko, A., et. al., 1987, p. 207), (Verger, P.F., 2002, p. 17).

O carácter animista destas Religiões manifesta-se pelo Culto dos Ancestrais e/ou dos chamados Guias/Entidades, espíritos desencarnados de Pretos Velhos, Crianças, Caboclos/Índios Latino-Americanos e Exus/Mensageiros dos Deuses e/ou Pomba-Giras/Exus-mulher, entre outros. Estes Guias baixam/incorporam nos Terreiros/Templos que se apresentam sob a forma da sua última encarnação e baixam, em geral, com uma dupla missão evolutiva de luz,

cura e caridade, quer relativamente ao crente, quer ao próprio Guia, numa perspectiva da sua evolução no Plano Astral (Tôrres, F., 1944, p. 114-200).

Na incorporação, o perispírito²³ dos Guias acopla-se ao perispírito do Médium, a quem delicadamente chamam ‘aparelho’, ‘cavalo’ ou, mesmo, ‘burro’.

Em geral, a incorporação dum Guia tem o objectivo aconselhar, ensinar, fazer passes, descarregar energias negativas, curar espiritualmente e desfazer trabalhos ou demandas²⁴, eventualmente com entrega de oferendas ou sacrifícios de corte de magia negra. Além disso, a incorporação de Guias é habitualmente praticada em cerimónias de culto em honra dos diversos Orixás, com vista a renovar as suas energias e atrair saúde e bem-estar. No final da incorporação o Guia ‘sobe’ e o Médium é deixado parcial ou totalmente inconsciente do que se passou durante a sessão ou a cerimónia.

3.2 – Deuses Iorubas da Água/Orixás da Água na Umbanda

Numa perspectiva de caracterização sequencial original dos diversos Orixás da Umbanda, Deuses Africanos dos povos de origem Ioruba, relacionados com os três processos principais de transferência do ciclo hidrológico, passa-se a considerar os vulgarmente chamados ‘Orixás/Orishas da Água’, acompanhados duma enumeração das suas características básicas, dos respectivos quadros de atributos práticos usados no Culto e duma descrição sucinta de algumas das suas variadas particularidades e lendas, cada um distribuído pelo processo/fase/etapa do ‘Ciclo da Água’, ‘evaporação’, ‘precipitação’ e ‘escoamento’ para armazenamento nos chamados reservatórios, que melhor define o seu modo de actuação e que, frequentemente, não se limita a um único processo de transferência.

3.2.1 – Orixá Regente da Fase de Evaporação da Água Superficial

No processo de evaporação da água, tem-se a considerar um único ‘Orixá’, com um domínio de acção não exclusivo desta primeira fase de transferência fundamental, de água líquida a vapor, do ‘Ciclo da Água’.

²³ Perispírito, invólucro semi-material do Espírito, que nas pessoas vivas/encarnadas serve de intermediário entre o Espírito e a matéria. (Kardec, A., 1982, p. 19), (Trindade, D.F., 1991, p. 49-52).

²⁴ As demandas são instrumentos de vibração negativa, maldosa e terrivelmente poderosa, usados com a finalidade de fazer mal a alguém, seja por amor, ódio ou ignorância (Fontenelle, A., 1952, p. 180-187).

- **‘Orixá Regente da Evaporação da Água Superficial’:**

- **‘Orixá Oxumaré’/«Òṣùmàrè»/«N’Tyana»/«Dambalah»** (Verger, P.F., 2002, p. 206-207), (Ligiéro, Z., 2004, p. 78): - Deidade com natureza andrógina de macho e fêmea, em simultâneo.
 - O ‘Senhor do Arco-Íris e da Evaporação da Água’, ‘Mensageiro da chuva’, bem como ‘Mensageiro directo do Orixá Xangô’.
 - ‘Senhor dos Movimentos Cíclicos’, associado ao ciclo vital, ‘Símbolo de Continuidade da Vida’.
 - ‘Orixá da Riqueza Material e Espiritual’.
 - ‘Mãe d’Água’, na sua vertente feminina.
 - ‘Senhor da Serpente-Arco-Íris’ e/ou da Cobra «Dan²⁵», nome por que é conhecido em Daomé e que assume na vertente masculina, devido às suas tendências de duplicidade –
- Figura 3.

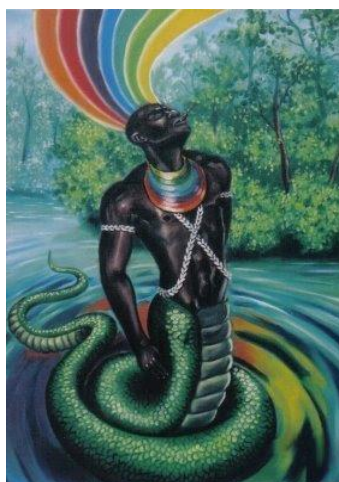


Figura 3 – Ilustração do ‘Orixá Oxumaré’ (http://maemartadeoba.com.br/a%20umbanda/oxumare/Oxumare_arquivos/image001.jpg).

²⁵ «Dan», como a cobra que participou na criação, é uma ‘qualidade/avatar/nome/caminho/faceta’ de ‘Oxumaré’ benéfica, ligada à chuva, à fertilidade e à abundância. Para além de «Dan», ainda são de considerar quatro outras qualidades do ‘Orixá Oxumaré’ (Albuquerque, V., 1988, p. 30), (<https://ocandoble.com/2011/06/03/vodun-dan/>):

- «Dangbé», pai de «Dan», um ‘Orixá’ mais velho, menos agitado e com grande intuição, que governa os movimentos dos astros;
- «Becém»/Béssem, um ambicioso, combativo, nobre e generoso guerreiro, dono do “Terreiro do Bogun”/originalmente o ‘Lago Azili’, situado na margem oriental do ‘Rio Ouema’, no ‘Benim.’;
- «Aído Wedo», outra qualidade conhecida no “Bogun” e que habita as suas águas;
- «Azaunodor», o príncipe branco, relacionado com os antepassados e que reside no “Baobá”, uma árvore originária de África, considerada sagrada, que foi levada para a Brasil e plantada em locais escolhidos para o Culto das Religiões de raiz Africana.

O «Oríkì» que, como referido, consiste num elogio poético, prece ou cântico, a recitar ou cantar em louvor e saudação a pessoas ou ‘Orixás’ e que, no caso vertente do ‘Orixá Oxumaré’, constitui um acréscimo à anterior descrição das suas características fundamentais (Pordeus Jr., I., 2009, p. 160), (Verger, P.F., 2002, p. 207):

“Oxumaré fica no céu
Controla a chuva que cai sobre a terra.
Chega à floresta e respira como o vento.
Pai, venha até nós para que cresçamos e tenhamos longa vida”.

Também o ‘Ponto Cantado’, que se segue, constitui mais um reforço à descrição e/ou enumeração das características deste ‘Orixá’:

“Oh! Oxumaré... Oh! Oxumaré...
Ele é filho de Nanã e irmão de Obaluaiê.
Oh! Oxumaré... Oh! Oxumaré...
Ele é filho de Nanã e irmão de Obaluaiê.

Com sua serpente sagrada,
Que fica na sua mão,
A sua dança encantada,
Mostra o céu e o chão.

Salvé, o Rei do Arco-Íris!
Arro Bo Boi, Oxumaré!
Na cabeceira de um rio
Sete cores, vi nascer!...

Oh! Oxumaré... Oh! Oxumaré...
Ele é filho de Nanã e irmão de Obaluaiê.
Oh! Oxumaré... Oh! Oxumaré...
Ele é filho de Nanã e irmão de Obaluaiê”.

O Quadro VI apresenta uma selecção de atributos práticos habitualmente usados na Umbanda no Culto do ‘Orixá Oxumaré’ (Albuquerque, V., 1988, p. 28-30), (Maurício, G. & Barros, V., 2004, 123-125).

Quadro VI – Atributos Práticos do ‘Orixá Oxumaré’

TIPO DE ATRIBUTO	DESCRIÇÃO
Saudação	«Arro Bo Boi», “Aro Moboi”
Sincretismo	São Bartolomeu
Dia da Semana	Terça-feira e sábado
Cores	Amarelo e verde, as cores do arco-íris
Animal	Cobra, serpente
Símbolo	Arco-Íris, a cobra/serpente «Dan», o caduceu e o «brajá», um fio de búzios
Elementos da Natureza	Evaporação da Água, arco-Íris, cachoeiras, ouro
Dia da Festa	24 de Agosto
Temperamento	Mobilidade e actividade, continuidade e permanência
Comida	Feijão fradinho com ovos, acarajés, inhame, “akasá”, fruta, mel
Bebida	Vinho moscatel, na fase masculina, e espumante, na fase feminina
O que pedir	Chuva, mudança, saúde, vida melhor
Significado	Duplicidade, Movimentos Cíclicos, Arte e Cor
Filiação	‘Naná’ e ‘Oxalá’

O ‘Orixá Oxumaré’ é o filho mais novo e preferido de ‘Naná’, irmão de ‘Iroko, Omulu/Obaluaiê, Tempo e Iemanjá’. É uma Deidade muito antiga, que se crê sustentar o Universo, controlar e pôr em movimento os astros e o oceano, e que terá participado na ‘Criação do Mundo’, enrolando-se e reunindo a matéria, para formar o ‘Globo Terrestre’, tendo de seguida rastejado ao longo da superfície terrestre e desenhado as montanhas, os rios e os vales. ‘Oxumaré’ é, pois, a grande cobra, «Dan», que morde a cauda, que representa a continuidade do ciclo vital e a comunicação entre o céu e a terra, levando a água dos mares, para o céu, para que se possa formar a chuva²⁶ e é, ainda, o arco-íris, a grande cobra colorida, que assegura a comunicação entre o mundo sobrenatural dos antepassados e os homens, pelo que também se lhe associa o cordão umbilical que, tradicionalmente, era enterrado junto com a placenta sob uma palmeira, que se tornava propriedade do recém-nascido, cuja saúde dependeria da boa conservação dessa árvore (Verger, P.F., 2002, p. 206).

Por outro lado, segundo uma lenda consta que ‘Oxumaré’ era um “Babalaô”, um sacerdote de ‘Ifá’, que vivia explorado pelo seu principal cliente, “Olofin”, o rei de ‘Ifé’, que o consultava de quatro em quatro dias, sem que fosse devidamente recompensado. Certo dia, porém, “Olokum”, a rainha de um reino vizinho, mandou chamar ‘Oxumaré’ para tratar o seu filho que padecia de um mal estranho; não conseguia manter-se de pé, tinha crises e, nessas ocasiões, rebojava-se por cima de cinzas ardentes. ‘Oxumaré’ curou-o e foi, devidamente, recompensado, regressando a ‘Ifé’ cheio de presentes e ricamente coberto por uma belíssima vestimenta azul. Espantado com o repentino esplendor de ‘Oxumaré’, arrependido da sua anterior avareza e querendo rivalizar com a rainha “Olokum”, “Olofin” ofereceu a ‘Oxumaré’ valiosos presentes e uma bela vestimenta vermelha. Deste modo, ‘Oxumaré’ tornou-se rico e respeitado. Em acréscimo, “Oludumaré”, o Deus Supremo, que sofria da vista, também mandou chamar ‘Oxumaré’ e, uma vez curado não mais quis separar-se dele, razão porque a partir, dessa altura, ‘Oxumaré’ passou a viver no Céu, só lhe sendo permitido voltar à Terra de vez em quando, isto é, em ocasiões em que, segundo a tradição, os homens se sentem ricos e felizes (Verger, P.F., 1997, p. 56-58), (Verger, P.F., 2002, p. 206).

Em termos de sexo, não se pode dizer que ‘Oxumaré’ seja um ‘Orixá’ masculino ou feminino, visto que ele é considerado macho e fêmea ao mesmo tempo²⁷.

²⁶ ‘Oxumaré’ é, ainda, quem auxilia ‘Xangô’ a levar o trovão do Céu para a Terra, representando o movimento que põe em comunicação os elementos da natureza, garante a chuva, a fertilidade e a continuidade da vida. (Albuquerque, V., 1988, p. 28).

²⁷ “Oxumaré é ao mesmo tempo macho e fêmea; a parte azul do arco-íris é feminina e a parte vermelha é masculina” (Albuquerque, V., 1988, p. 29).

Com efeito, durante metade do ano ‘Oxumaré é macho e na outra metade é fêmea, pelo que a dualidade é o conceito básico associado aos seus mitos e ao seu arquétipo, que faz com que ‘Oxumaré’ carregue todos os opostos, tais como o bem e mal, dia e noite, macho e fêmea, doce e amargo (Verger, P.F., 2002, p. 206-207), (Ligiéro, Z., 2004, p. 78), (<https://umbanda.wordpress.com/2007/05/15/oxumare/>):

- Nos seis meses em que ‘Oxumaré’ é uma divindade masculina, é representado pelo arco-íris, sendo-lhe atribuído o poder de regular as chuvas e as secas. Quando o arco-íris brilha, não chove e a sua aparição é tida como a prova de que a água está a ser levada para o céu em forma de vapor, onde se aglutinará e formará as nuvens, que depois irão passar por uma nova transformação, recuperando o estado líquido e voltando à terra sob a forma de chuva. Enfim, tudo recomeça de novo, ou seja, o ‘Ciclo da Água’, com a fase de evaporação da água superficial, seguida da formação de novas nuvens, que darão origem à precipitação da chuva e depois ao escoamento e armazenamento dessa água.
- Nos seis meses seguintes, o ‘Orixá Oxumaré’ assume forma feminina e aproxima-se de todos os opostos que representou no semestre anterior. Agora é uma cobra que se arrasta agilmente tanto na terra como na água e que, ao deixar as alturas para viver no solo, perde em transcendência e ganha em materialismo, encarnando a sua fase mais negativa e aproximando-se de tudo o que é mau e perigoso.

Em suma, ‘Oxumaré’ é o ‘Orixá’ do movimento, da ação, da eterna transformação e do livre arbítrio, inerente ao ser humano, pelo que o domínio de Oxumaré estende-se a todos os movimentos regulares, movimentos cíclicos que não param, como a alternância entre a chuva e o bom tempo, o dia e a noite, o positivo e o negativo. Além disso, costuma dizer-se que, como cobra, ‘Oxumaré’ pode ser bastante agressivo e violento, razão que o leva a morder a própria cauda, gerando um movimento contínuo que não pára de girar e, enquanto arco-íris, ‘Oxumaré’ traz a boa notícia do fim da tempestade, a volta do sol e a possibilidade de deslocação mais livre e confortável (<https://umbanda.wordpress.com/2007/05/15/oxumare/>).

3.2.2 – Orixás Regentes da Fase de Precipitação da Água

No processo de precipitação da água, ou seja, na segunda fase de transferência fundamental do ‘Ciclo da Água’, em que a água vaporizada das nuvens passa ao estado líquido e cai no solo, sob a forma de chuva, têm-se a considerar três ‘Orixás’, cada um associado ao tipo de chuva que rege, isto é, a chuva fina, a chuva contínua e a chuva forte, muito embora

apresentem, em geral, domínios de acção mais alargados, que vão para além deste processo de transferência.

1. ‘Orixá Regente da Precipitação de Chuva Fina que Origina a Lama’:

- ‘Orixá Nanã’/‘Nanã Buruku’/«Naná Buruku»/«Naná Bùkùú»/«Naná Brukung», ou simplesmente «Brukung» (Verger, P.F., 2002, p. 236):
 - A ‘Grande Mãe da Lama Primordial’ e da ‘Chuva Fina’, que provoca a formação de lama.
 - ‘Mãe d’Água”.
 - A ‘Senhora dos Primórdios’, carinhosamente chamada de ‘Avó dos Orixás’.
 - ‘Senhora da Vida e da Morte’.
 - ‘Senhora dos Pântanos’ e ‘Senhora das Águas Paradas, dos Poços e dos Lagos Artificiais’
 - Figura 4.



Figura 4 – Ilustração do ‘Orixá Nanã’ (Martinez, J.C., em <http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Nanã>).

O «Oríkì», a saudação a ‘Naná’ proporciona um acréscimo descritivo que confirma e realça as características acabadas de enumerar relativamente a este ‘Orixá’ (D’Obaluayê, B., 2002, p. 240), (Verger, P.F., 2002, p. 240):

“Proprietária de um cajado.
Salpicada de vermelho, sua roupa parece coberta de sangue.
Orixá que obriga os *fon* a falar nagô.
Minha mãe era inicialmente da região Bariba.
Água parada que mata de repente.
Ela mata uma cabra sem utilizar a faca.”

E, o ‘Ponto Cantado’ em louvor do ‘Orixá Nanã’, que se segue, também constitui um reforço aos seus atributos, características e/ou tradições (Portugal, F., 1986, 40-50), (Ribeiro, J., 1980, p. 15, 16):

“Oxumaré me deu dois brajás
Para a festa de Nanã,
A velha Deusa das águas
Quer mugunzá!

Seu ibiri enfeitado
Com fitas e búzios,
O ponto para assentar,
Mandou cantar: É, Salubá!

Ela vem no som da chuva
Dançando devagar seu Ijexá,
Senhora da Candelária, Abá!
Para toda a sua nação Iorubá!”

O Quadro VII apresenta uma selecção de atributos práticos habitualmente usados na Umbanda no Culto do ‘Orixá Nanã’ (Albuquerque, V., 1988, p. 39-42), (Maurício, G. & Barros, V., 2004, p. 165-167), (Martins, C., 2008, p. 49-96).

Quadro VII – Atributos Práticos do ‘Orixá Nanã’

TIPO DE ATRIBUTO	DESCRIÇÃO
Saudação	«Salubá, Salubá, Vovó Nanã», «Salubá»
Sincretismo Católico	Santa Ana
Dia da Semana	Terça-feira e sábado
Cores	Roxo, lilás, branco e azul-escuro
Animal	Rã dos pântanos, pássaro «atiálá/atióro», uma espécie de mocho
Símbolos	«Ibiri»/bastão afastador de espíritos, leque e vassoura
Elementos da Natureza	Lama primordial, chuva fina, água dos pântanos, oxigénio
Dia da Festa	26 de Julho
Temperamento	Firme, autoritário, Avó indulgente e carinhosa
Comida	Milho branco em «mugunzá», feijão fradinho, inhame, arroz
Bebida	Vinho tinto e espumante tinto
O que pedir	Firmeza, saúde, prosperidade, sorte, triunfos, um amor para a vida
Significado	Fertilidade e longevidade/velhice
Filiação	‘Orixá Primordial’, que participou na criação

‘Naná’ é a mais velha de todos os ‘Orixás’, a soberana das águas. Ela atua por atração magnética sobre os seres humanos cuja evolução está paralisada e desequilibrada, atraindo-os para lhes conferir maleabilidade de espírito, quebrar vícios, desfazer resistências e negatividades e dissolver medos, bloqueios inexplicáveis e memórias traumáticas, dando estabilidade para que possam atingir uma evolução equilibrada. ‘Naná’ é, ainda, a dona da evolução que acalma e transforma os seres. É a ‘Senhora da Vida e da Morte’, que atua nas reencarnações, diluindo os acúmulos energéticos da vida de um espírito, apagando lembranças e adormecendo conhecimentos, conceitos e sentimentos, para que o ser possa viver uma nova vida. ‘Naná’ rege a memória, a maturidade e a paz/«abá», que confere aos seres aconchego, experiência, sabedoria e paciência. É a ‘Grande Avó’ dos ‘Orixás’ (Verger, P.F., 2002, p. 236-241), (<http://umbandawiki.blogspot.com/2015/05/orixas-na-umbanda-nana.html>).

As comunidades da Umbanda e do Candomblé consideram ‘Nanã’ uma figura austera, justiceira e absolutamente incapaz de uma brincadeira ou de explosão emocional, pelo que ela é sempre uma testemunha fidedigna e uma jura por ‘Nanã’, realizada por um ‘Filho de Santo’, implica um ‘compromisso muito sério e inquebrável’, pois este ‘Orixá’ exige de seus filhos e, mesmo, de quem quer que a invoque a mesma relação austera e justa que mantém com o mundo (Etiquetas, M., 10/7/2008).

‘Nanã’²⁸, contemporânea de ‘Oxalá’, é uma das mais velhas divindades do Panteão da Umbanda, associada às águas paradas, à lama dos pântanos, ao lodo do fundo dos rios e dos mares. O seu símbolo principal é o «Íbíri», um feixe de ramos de folha de palmeira com a ponta curvada e enfeitado com búzios e como ‘Nana’ também é a chuva fina, um ‘banho de chuva’ constitui uma lavagem do corpo e do espírito pelo seu elemento, uma limpeza de grande força e uma homenagem a este grande ‘Orixá’ (Etiquetas, M., 10/7/2008), (Martins, C. 2008, p. 49-53).

‘Nanã/Nanã Buruku’, que representa a junção de tudo o que foi criado por ‘Zambi/Olorum’, o ponto de ligação da terra com as águas, pelo que a sua criação foi simultânea à da criação do mundo (Etiquetas, M., 10/7/2008), (Martins, C. 2008, p. 49-53):

- Com a junção da água e da terra surgiu o ‘Barro’;
- O ‘Barro’ com o ‘Sopro Divino’ representa o ‘Movimento’;
- O ‘Movimento’ adquire ‘Estrutura’;
- Do ‘Movimento e Estrutura’ surgiu a ‘criação’ e o ‘Homem’.

Assim, para alguns, ‘Nanã’ é a ‘Divindade Suprema’ que, junto com ‘Zambi’ fez parte da criação, sendo ela a responsável pelo ‘Barro’, que deu forma ao primeiro homem, a todos os seres vivos da terra, à continuação da existência humana e, também, à sua morte, numa transformação que evolui continuamente para que nada se perca.

²⁸ Variadas são as qualidades do ‘Orixá Nanã’. Enquanto uns referem a existência de somente cinco qualidades, outros pensam que serão dezasseis, embora as qualidades realmente conhecidas não pareçam ser tão numerosas. Com efeito, como qualidades conhecidas do ‘Orixá Nanã’ consideram-se (Albuquerque, V., 1988, p. 41-42):

- «Iyábahin», um dos mais temidos por ser o ‘Orixá da Varíola’ e que veste vermelho;
- «Obáiyá», ligado à água e à lama dos pântanos, que usa contas de cristal e veio da terra dos “Bariba”;
- «Ajàosi», ‘guardiã da esquerda’, guerreira e agressiva, divindade das águas doces, que veste azul e, por vezes, se confunde com ‘Obá’;
- «Ajàpa», ‘guardiã da mata’, em que predomina a razão, embora seja bastante temido, ligado à lama e à morte, às profundezas da terra e aos mistérios da morte e do renascimento, que cuida dos velhos, dos doentes e dos moribundos e veste azul e branco, com uma coroa de búzios;
- «Opará», mãe de ‘Omulu’/‘Obalúaié’, ligada à terra, irracional, agressiva e temida, que veio de “Kétu”;
- «Burúkú», ‘o mal’, também denominada «Olúwaiye», ‘Senhor da terra’, ou «Olówó», ‘Senhor do dinheiro’ e, ainda, «Oluşegbe», ligado à água doce dos pântanos, usa “ibíri” azul e veio de “Abomey”, em Benim.

De facto, ‘Nanã’ é uma figura bastante controversa do Panteão Africano; ora perigosa e vingativa, ora discreta e relegada para um segundo plano, carinhoso, sofrido e ressentido. Além disso, ‘Nanã’ não tolera traição, indiscrição, nem roubo e, por ser um Orixá muito discreto e gostar de se esconder, as suas filhas podem ter um carácter completamente diferente do dela. Com efeito, ninguém desconfiará que uma dengosa e vaidosa, ‘aparentemente filha de Oxum’, seja o que se diz ser uma “filha de Nanã escondida”, visto que ‘Nanã’ faz o caminho inverso de ‘Oxum’ a ‘Mãe das Águas Doces’, isto é, ‘Nanã’, a ‘Deusa e Guardiã do Reino da Morte’, é quem reconduz ao plano astral, as almas dos que ‘Oxum’ colocou no mundo real. Assim, a ‘Senhora do Reino da Morte’ é, ainda, a ‘Senhora da Terra Fofa’, que recebe os cadáveres, os acalenta e preserva, numa repetição do ventre e da vida intra-uterina, sendo, por isso, repleta de mistérios e tratada com muito respeito. Além disso, Nanã como ‘Senhora da Lama’ representa a síntese de elementos primordiais, pelo que pode ainda ser definida como “início, meio e fim” (Etiquetas, M., 10/7/2008), (Martins, C., 2008, p. 49).

Muitos são, portanto, os mistérios que ‘Nanã’ esconde; nela entram os mortos para através dela poderem renascer, visto que só após a morte, num período em que a responsável é Nanã, poderá surgir a reencarnação e um novo nascimento, com um novo destino (Etiquetas, M., 10/7/2008).

Enfim, o grande ‘Orixá Nanã’, mãe e avó, é a protetora dos homens, da memória e das pessoas idosas, a padroeira da família. Além disso, tem o domínio sobre enchentes, chuvas, águas paradas, terra molhada e lama, bem como de todo o lodo produzido por essas águas. ‘Nanã’ é um ‘Orixá’ feminino de origem Daomeana, que foi incorporado pela mitologia Ioruba, quando o povo Nagô conquistou o povo do Daomé (atual República do Benim), assimilando a sua cultura e incorporando alguns ‘Orixás’ aos do seu Panteão. Neste contexto, ‘Nanã’ é considerada a primeira esposa de ‘Oxalá’²⁹, tendo com ele três filhos: ‘Iroco, Omolu/Obaluaiê e Oxumaré’³⁰. No entanto, na nação Angola considera-se ainda como filho de ‘Nanã’ e ‘Oxalá’ o ‘Orixá Tempo’, para além de ‘Iemanjá’ nascida da união de ‘Nanã’ com ‘Olokum’ (Etiquetas, M., 10/7/2008).

²⁹ ‘Nanã’ também é frequentemente referida como a segunda e mais velha mulher do ‘Orixá Oxalá’, em virtude deste também ter casado com ‘Iemanjá’, ‘Orixá’ que terá passado a ser a sua preferida e, por isso, considerada como a mais importante, isto é, a sua primeira mulher (Albuquerque, V., 1988, p. 39).

³⁰ A cobra é o animal que representa o ‘Orixá Oxumaré’, filho de ‘Nanã’ e a rã dos pântanos é o animal do ‘Orixá Nanã’, razão que justifica o facto de se dizer que nenhuma cobra pode engolir a rã sem morrer (Albuquerque, V., 1988, p. 41).

Quanto a mitos tradicionais, importa referir o mais conhecido e frequentemente contado que menciona a decepção e tristeza de ‘Naná’ a quando do nascimento ‘Omulu’ por ele ser aleijado, doente, coberto de chagas e tão feio que, envergonhada, ‘Naná’ acabou por o abandonar numa praia, junto do mar, na esperança que ‘Iemanjá’, louca por crianças, o criasse, como veio a acontecer. Mais tarde, quando voltou a engravidar, ‘Naná’ estava muito receosa mas, simultaneamente, esperançada que a criança fosse perfeita e bonita. Com efeito, desta vez ‘Naná’ teve um filho muito bonito, ‘Oxumaré’, um bebé tão lindo que se conta que os ‘Orixás’ o cognominaram de ‘Príncipe’ e, como coroa, lhe ofereceram o Arco-Íris (Albuquerque, V., 1988, p. 39), (Martins, C., 2008, p. 139-140).

2. ‘Orixá Regente da Precipitação de Chuva Contínua que Provoca Enchentes’:

- ‘Orixá Euá’/«Ewá»/«Yewa» (Maurício, G. & Barros V. 2004, p. 154), (Martins, C., 2001, p. 23, 37, 51:
 - A ‘Deusa do Rio e da Lagoa «Yewa» da Nigéria, das Enchentes dos Rios e de Grandes Lagos’, provocadas pela ‘Chuva Contínua’ e pela ‘Queda de Neve e Gelo’.
 - ‘Ninfa das Águas’, que dança sobre as águas, foi elevada às alturas e mora no ar. ‘Intermediária entre o Ar e a Terra’, que se relaciona com a neblina, o nevoeiro e o branco do arco-íris, o que por vezes a confunde com o ‘Orixá Oxumaré’. ‘Mãe d’Água’.
 - A ‘Dona do Saber de Dois Mundos’: “Orum”/Céu e “Aié”/Terra.
 - A ‘Senhora das Possibilidades, do Segredo, do Encanto e da Magia’, a ‘Mãe’ que tem o poder sobre o belo.
 - ‘Dama da Magia’, cujos poderes de transmutação e recriação tornam fácil o que é difícil, possível o que parece impossível, bem como a doença em saúde – Figura 5.



Figura 5 – Ilustração do ‘Orixá Euá’ (www.palmareis.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Ewã.jpg).

Como súmula e/ou complemento das características do ‘Orixá Euá, acabadas de enunciar, apresenta-se o poema do ‘Ponto Cantado’ em seu louvor, que se segue:

“Euá, Euá, Euá...
É uma moça cismada,
Que se esconde na mata
E não tem medo de nada.

Euá, Euá, Euá...
Não tem medo de nada.
O chão, os bichos, as folhas e o céu.

Virgem da mata, virgem
Virgem da mata, Virgem
Dos lábios de mel.”

O Quadro VIII apresenta uma selecção de atributos práticos habitualmente usados na Umbanda no Culto do ‘Orixá Euá’ (Albuquerque, V., 1988, p. 25), (Maurício, G. & Barros V., 2004, p. 154-155), (Martins, C., 2001, p. 55-73, 81-82).

Quadro VIII – Atributos Práticos do ‘Orixá Euá’

TIPO DE ATRIBUTO	DESCRIÇÃO
Saudação	«Rirro», Ewá! E, ainda, «Irró» ou «Hihó», um conjunto de termos que traduzem os atributos: “maciez, doçura, brandura e de fofinha”
Sincretismo Católico	Santa Lúzia, N. Sra. do Bom Parto
Dia da Semana	Sábado
Cores	Branco e vermelho escuro/amarelo
Símbolos	Anzol, leque e cobra
Animal	Cobra
Dia da Festa	13 de Dezembro
Elemento da Natureza	Ar, terra e água de beber
Comida	Feijão fradinho, pirão de batata-doce, mel
Bebida	Espumante
Temperamento	Guerreira, bela e faceira, que gosta do silêncio
O que pedir	Bom parto, boa saúde, transformar doença em saúde
Significado	Intermediária entre o ar e a terra
Filiação	‘Obatalá’ e ‘Odudua’ ou ‘Obatalá’ e Nanã’

‘Euá’, por vezes considerada esposa de ‘Obaluaiê’ e irmã gémea ou a parte feminina de ‘Oxumaré’, é um ‘Orixá’ que está associado à beleza e graça, às névoas e brumas, sendo por isto também chamada de “Senhora do Segredo, do Encanto e da Magia”³¹.

³¹ ‘Euá’, na qualidade de ‘Senhora ou Mãe do Segredo’, toma a denominação (Martins, C., 2001, p. 64):
- “Ye Wa”, tornando-se eventualmente a responsável pela transformação de tudo o que é vivo em cadáver, isto é, em matéria morta.
De considerar são ainda outras qualidades do ‘Orixá Eua’, tais como (Martins, C., 2001, p. 64-65):
- “Iyewá Olojó”, como ‘Senhora das Ilusões e de Todo o Tipo de Disfarces’;
- “Iyewá Ojolomi”, como ‘Dona das Águas das Chuvas’, as águas que caem do céu.

Além disso, como ‘Euá’ é um ‘Orixá’ pouco conhecido, torna-se importante referir algumas das variadas lendas que lhe estão associadas, frequentemente com versões diferenciadas e, até, conflituosas entre si (Martins, C. 2001, p. 115-166, 173), (<http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Euá>):

- Numa dessas lendas conta-se que ‘Euá’ lavava a roupa no rio quando ‘Orunmilá/Ifá’ apareceu a fugir de ‘Iku/Ocô’, a morte, e pediu-lhe que o escondesse. Então, ela salvou-o escondendo-o sob um monte de roupa. ‘Euá’ enganou ‘Iku’, que, entretanto, a reconheceu como mulher de ‘Obaluaiê’, ao indicar a ‘Iku’, errônea e propositadamente, o lado para onde ‘Orunmilá’ teria fugido. ‘Orunmilá’ ficou tão agradecido que, em recompensa, deu a ‘Euá’ não só o ‘dom da vidência’, mas também a promessa de ter o filho que ela tanto desejava, ou seja, o melhor presente que a “Grande Guerreira Euá” poderia ter recebido.
- Noutra lenda, em que ‘Euá’ também tinha ido lavar a roupa ao rio, após estendê-la para secar, terá surgido uma galinha que sujou a roupa lavada e ‘Euá’ teve de lavar tudo de novo. Enraivecida, ‘Euá’ “amaldiçoou a galinha”, dizendo que daquele dia em diante as galinhas ficariam com os pés espalmados e que, nem ela nem os seus filhos comeriam da sua carne, razão pela qual nos rituais de ‘Euá’ não pode haver galinha.
- Numa outra lenda, conta-se que a linda e ainda virgem ‘Euá’ entrega-se a ‘Xangô’, despertando o ciúme e a ira de ‘Iansã/Oiá’. Para fugir de ‘Iansã’, a ‘Senhora dos Ventos e Tempestades’, ‘Euá’ esconde-se na floresta com ‘Oxóssi’, tornando-se ‘guerreira e caçadora’.
- Ainda outra lenda conta que, depois do nascimento de ‘Omolu’, ‘Nanã’ terá tido dois filhos gêmeos, ‘Oxumaré e Euá’. ‘Oxumaré’ tornou-se a ‘Serpente do Arco-Íris’, ficando com a totalidade das diversas cores, enquanto ‘Euá’ ficou com a junção de todas as cores, isto é, com o branco, passando a ‘governar a chuva contínua, que provoca as enchentes’, e a ‘lua cheia’, que faz com que essas chuvas sejam mais fortes e a torna no ‘Orixá da beleza e da alegria’.
- Outra lenda refere que, tal como ‘Obaluaê, Oxumaré e Ossain’, irmãos que regiam o solo da Terra, também ‘Euá’ era filha de ‘Nanã’. A terra, o solo, o subsolo, tudo era propriedade de ‘Nanã’ e da sua família e esta queria que ‘Euá’ tivesse alguém que a amparasse, pelo que pediu a ‘Orunmilá/Ifá’ um bom casamento para ‘Euá’. ‘Euá’ era linda e carinhosa, mas ninguém se lembrou de oferecer algum sacrifício para garantir a boa realização desse desejo. Vários foram os príncipes que apareceram e gerou-se uma contenda, em que esses jovens lutavam até a morte, sem que ‘Euá’ se decidisse por algum. Em resultado, tudo terá

ficado feio e triste no ‘Reino de Nanã’, a terra secara, o sol quase se apagara e só a morte dos noivos imperava, pelo que ‘Euá’ decidiu ir a casa de ‘Orunmilá/Ifá’ pedir-lhe que a ajudasse a resolver aquela situação desesperadora e a pôr fim a toda aquela mortandade, tendo-lhe sido prescritos diversos ‘ebós’/trabalhos. ‘Euá’ cumpriu os ‘ebós’, encomendados por ‘Ifá’, e os ventos mudaram, os céus abriram-se, o sol aqueceu a terra e, para o espanto de todos, a ‘Princesa Euá’ desintegrou-se, desaparecendo e perdendo a forma, até se evaporar completamente e se transformar numa densa bruma branca. Nesta fase ‘Euá’ toma a denominação de “Bessém”, a ‘Rainha das Mutações’ e/ou o ‘Vodum Serpente’, o principal ‘Orixá/Vodum’ do povo ‘Jeje’, colaborando e confundindo-se com ‘Oxumaré’, na promessa de chuva e de renovação da vida. Enfim, a névoa radiante de ‘Euá’ espalhou-se pela Terra e, segundo a tradição, passou a zelar pelos amantes indecisos.

- ‘Euá’, filha de ‘Obatalá/Oxalá’ e ‘Naná’, vivia no seu palácio como se estivesse em clausura. A fama da beleza e da castidade da ‘Princesa Euá’ chegou a todo o lado, inclusivamente, ao ‘Reino de Xangô’. Mulherengo como era, ‘Xangô’ planeou seduzi-la e emprega-se como jardineiro no palácio de ‘Obatalá’. Um dia, ‘Euá’ apareceu à janela e admirou-se ao ver ‘Xangô’. Nunca tinha visto um homem como aquele e, não se sabe como, ‘Euá’ entregou-se a ‘Xangô’ mas, arrependida, pediu ao pai que a enviasse para um lugar onde mais nenhum homem a pudesse ver. ‘Obatalá’ fez-lhe a vontade, dando-lhe o ‘Reino dos Mortos’ e, desde então, é ‘Euá’ quem no cemitério entrega a ‘Oiá/Iansã’ os cadáveres que ‘Obaluaiê’ conduz para serem comidos pelo ‘Orixá Ocô/Iku’.

Concomitantemente, o arquétipo do ‘Orixá Euá’ é o das mulheres de carácter, de absoluta fidelidade e inflexíveis aos valores, belas e de bom gosto, tranquilas e adaptáveis, cheias de iniciativa, sensíveis e poéticas, que adoram ler e só se entregam ao amor quando estão loucamente apaixonadas (Martins, C., 2001, p. 99-105).

3. ‘Orixá regente da Precipitação de Chuva Forte Associada às Tempestades’:

- ‘Orixá Iansã’/«Oiá-Iansã»/«Oya Yánsàn» (Linares, R.A. & Trindade, D.F., 1987, p. 61-85), (Verger, P.F., 2002, p. 168-170):
 - ‘A Senhora dos Ventos, Raios, Tempestades e da Chuva Forte’, associada às tempestades, e do Rio Niger’/«Odò Oya». ‘Mãe d’Água’.
 - ‘Primeira Mulher do Orixá Xangô’, o ‘Rei de «Oyó», cidade Nigeriana.
 - ‘Senhora das Almas’, que domina a noite, as paixões e as aventuras.

- Mulher jovem de cabelos longos, cobertos de estrelas, que lhe cobrem o rosto e que habita nas minas de cobre e de outros metais, de pedras preciosas e pedreiras e em regiões montanhosas e muito ventosas.
- ‘Mulher Búfalo’, que mostra o seu poder pelo uso do «Córni», o corno de búfalo – Figura 6.



Figura 6 – Ilustração do ‘Orixá Iansã’ (<https://img.elo7.com.br/product/zoom/F96E6C/quadro-de-iansa-quadro-de-iansa.jpg>).

O «Oríkì» dedicado ao ‘Orixá Iansã/Oiá’, que se segue, descreve e completa as suas características básicas acabadas de mencionar (Verger, P.F., 2002, p. 169):

“Oiá, mulher corajosa que, ao acordar, empunhou o sabre.
Oiá, mulher de Xangô.
Oiá, cujo marido é vermelho.
Oiá que morre corajosamente com seu marido
Oiá, vento da morte.
Oiá ventania que balança as folhas das árvores por toda a parte.
Oiá, a única que pode segurar os chifres de um búfalo”.

Em acréscimo, também o ‘Ponto Cantado’ seguinte versa sobre as suas principais características e/ou atributos:

“Iansã comanda os ventos,
É a força dos Elementos,
Na ponta do seu florim.

É uma menina bonita,
Quando o céu se precipita,
Sempre o princípio e o fim.

Iansã, comanda os ventos,
É a força dos Elementos,
É uma menina bonita,
Sempre o princípio e o fim”.

O Quadro IX apresenta uma seleção de atributos práticos habitualmente usados na Umbanda no Culto do ‘Orixá Iansã’ (Albuquerque, V., 1988, p. 51-55), (Linares, R.A. & Trindade, D.F., 1987, p. 61-85), (Maurício, G. & Barros, V., 2004, p. 147-150).

Quadro IX – Atributos Práticos do ‘Orixá Iansã’

TIPO DE ATRIBUTO	DESCRIÇÃO
Saudação	«Êparrei, Êparrei, Iansã»
Sincretismo Católico	Sta. Bárbara, Sta. Filomena, Sta. Lúzia
Dia da Semana	Quarta-feira, sábado e segunda-feira (Sra. das Almas)
Cores	Vermelho (coral, fogo), castanho, ouro, cobre, preto
Animal	Búfalo
Símbolos	«Córnio», Adaga, «Eruxim»/crina de rabo de boi, leque e raio
Elementos da Natureza	Chuva forte, ventos, tempestades, raios, pedreiras e minas
Dia da Festa	4 e 14 de Dezembro e 2 de Novembro
Temperamento	Alegre, impulsiva, corajosa, guerreira e desobediente
Comida	Acarajé
Bebida	Espumante
O que pedir	Força, justiça, mudanças
Significado	Fogo da terra que sobe ao céu e dá origem às estrelas
Filiação	‘Oxalá’ e ‘Iemanjá’

‘Iansã’/«Iyà Yánsàn» que, em Ioruba, significa “mãe de nove filhos”³², ou Oiá/«Oyà», o nome Ioruba do rio Níger, foi esposa de diversos ‘Orixás’, como ‘Ogum’ e ‘Xangô’, e é um ‘Orixá’ de temperamento ardente e impetuoso. As danças de ‘Iansã’ são guerreiras e, se ‘Ogum’ estiver presente, eles lutam em duelo, devido às suas antigas divergências (Albuquerque, V., 1988, 51-55), (Verger, P.F., 1997, p. 37-41), (Verger, P.F., 2002, p. 168-170), (<http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Iansã>).

³² Este mito conta que oito desses filhos nasceram mudos e o último, “Egun/Egungun», graças aos sacrifícios recomendados por “Ifá”, nasceu a poder de falar com uma voz gutural, estranha e sobrenatural. Os nomes dos nove filhos de ‘Iansã’, segundo uma das versões desta tradição, são (<http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Iansã>):

1. «Imalegã» - o primogénito, em que o nascimento ocorreu com a ajuda das feiticeiras “Iyami”, sendo de seguida envolvido em abanos;
2. «Iorugã» - que foi envolvido em palha seca e alimentado com talos de bananeira. É o preferido de ‘Oiá/Iansã’ e, tal como ela, é bastante vaidoso;
3. «Akugã» - que nasceu no terceiro dia de tempestade e foi criado nos campos de bambu. É rebelde, pelo que não se deve tocar no chão das plantações de bambu;
4. «Urugã» - que se alimenta de folhas de bananeira e se esconde em buracos que faz nas florestas;
5. «Omorugã» - que se alimenta do pó de bambu que cai no chão, vive no milharal e esconde-se nos bambuzais a observar os seres humanos;
6. «Demó» - que a mãe, ‘Iansã’, cobriu de lama, para que ela pudesse ficar a conhecer os segredos dos seus inimigos e pudesse usar a pele de búfalo ao acompanhar ‘Oxóssi’;
7. «Reigá» - que acompanha os mortos, ronda os cemitérios, esconde-se nos grandes ciprestes dos cemitérios e anda à volta das sepulturas à procura de objetos perdidos ou esquecidos pelos seres humanos;
8. «Heigá» - que é violento, propicia desastres e desordens, vivendo a perseguir o “Ori”, a coroa da cabeça/o ponto de entrada dos ‘Orixás’ do ser humano;
9. «Egungun» - que ‘Oiá’ preparou para combater e para se apoderar do ser humano, fazendo-o cometer desordens.

O ritmo da dança de ‘Iansã/Oiá’, o chamado «agó/ilu/aguerê», de movimentos sinuosos e rápidos, evoca as tempestades e os ventos fortes e é tão rápido, repicado e dobrado que também é conhecido pela denominação “quebra-prato”, por corresponder à personalidade agitada, contagiante e sensual desta ‘Deusa guerreira’, a ‘Senhora dos Ventos’, que tem o poder de afastar os ‘Espíritos dos Mortos’, os ‘Eguns’. Das muitas lendas que se contam, acerca deste ‘Orixá’, destacam-se as que melhor parecem descrever a complexidade e poderes de ‘Iansã/Oiá’³³ (Albuquerque, V., 1988, 51-55), (Guilhermino, S., 1989, p. 22-31), (Linares, R.A. & Trindade, D.F., 1987, p. 61-64), (Verger, P.F., 1997, p. 37-41), (Verger, P.F., 2002, p. 168-170), (Xavier, F. Dr., 1985, p. 97-107), (<http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Iansã>):

- O ‘Orixá Ogum’ andava à caça e ia abater um imponente búfalo quando, de repente, viu a pele do animal abrir-se e sair, lá de dentro, a bela ‘Orixá Iansã/Oiá’, linda, ricamente vestida e cheia de ornamentos, que valorizavam a sua beleza e sensualidade. A seguir, ‘Iansã/Oiá’ dobrou a pele de búfalo, escondeu-a num formigueiro e dirigiu-se para a cidade. ‘Ogum’, dominado pela sua beleza, segue-a e propõe-lhe casamento, mas não foi aceite. Então, ‘Ogum’ volta para trás, vai ao esconderijo, retira a pele e volta para a cidade. Mais tarde, quando ‘Iansã/Oiá’ descobre o roubo da pele, volta para a cidade, encontra ‘Ogum’, acusa-o e exige-lhe a devolução do que era seu. ‘Ogum’ não admitiu o roubo e ‘Iansã/Oiá’ percebeu que, se quisesse os seus pertences de volta, teria de se render e aceitar a proposta de casamento de ‘Ogum’. Para tal, impõe-lhe três condições:

- 1º - Ninguém poderia dizer-lhe que era um animal;
- 2º - Ninguém poderia utilizar cascas de dendém para fazer fogo;
- 3º - Ninguém poderia rodar um pilão pelo chão da casa.

‘Ogum’ aceitou as condições impostas por ‘Iansã/Oiá’ e casaram, facto que desagradou muito às outras mulheres de ‘Ogum’. Após o nascimento do nono filho de ‘Iansã/Oiá’, as outras mulheres de ‘Ogum’ enciumadas, trataram de o embriagar com vinho de palma e conseguiram que ele lhes contasse o segredo de ‘Iansã/Oiá’.

³³ No âmbito da complexidade e poderes do ‘Orixá Iansã/Oiá’, interessa referir as diversas qualidades que lhe são atribuídas (Albuquerque, V., 1988, p. 55):

- «Oya Bâlè», «Adé Ígbale» ou «Alakôko» é a chamada ‘Rainha e Mãe’ dos «Égún», a ‘Deusa do Amor’ que caminha com ar decidido e usa roupas excêntricas e decotes ousados.
- «Íyá Mésàn», a ‘Mãe dos Nove’ «Órun», mulher de «Òşşisi», meio animal, meio mulher.
- «Oya Peṭu», ligada aos ventos e às árvores, amante de «Òsanyín», a mulher de «Sàngó» que vai à frente a anunciar a sua chegada.
- «Oya Onirá», companheira de «Ògún», muito guerreira e agressiva.
- «Yāsan Popo», a «Yāsan» da ‘Terra dos Jeje’.
- «Odo Oya», ligada à água, apaixonada, carnal e louca no amor.

Conseqüentemente, elas acusaram-na de ser um animal e, na exaltação do momento, disseram onde estavam guardados a sua pele, os chifres e os cascos. ‘Iansã/Oiá’ fingiu não perceber nada mas, quando ficou sozinha, correu até ao sítio indicado e encontrou os seus pertences. Vestiu-os e com eles, perfeitamente, ajustados ao seu corpo, retomou a força do búfalo e com raiva atacou e matou as outras mulheres. A vontade de ‘Iansã/Oiá’ era voltar para a floresta, mas os seus filhos pediram-lhe para não se ir embora. Como resposta, ‘Iansã/Oiá’ deu-lhes os chifres de búfalo e fez-lhes a promessa de voltar, se algum dia fosse preciso, bastando, para tal, que tocassem os chifres e ela surgiria para os defender.

- ‘Oxaguiã/Oxalá’ estava numa guerra que não acabava e as armas para guerrear eram muito poucas. ‘Ogum’, o ferreiro, era quem produzia as armas e ‘Oxaguiã’ pedia-lhe urgência, mas ‘Ogum’ já estava a fazer o que podia. ‘Iansã/Oiá’, a esposa de ‘Ogum’, resolveu ajudá-lo e, para apressar o fabrico das armas, pôs-se a soprar o fogo da forja de ‘Ogum’ e o ferro passou a fundir mais rapidamente. Assim, ‘Ogum’ pôde aumentar a produção de armas e ‘Oxaguiã’ venceu a guerra. No final, ‘Oxaguiã’ veio agradecer a ‘Ogum’, mas enamorou-se de ‘Oiá’ e, um dia fugiu com ela, deixando ‘Ogum’ enfurecido e com a forja mais fria. Quando, mais tarde, ‘Oxaguiã’ voltou à guerra e precisou de armas, ‘Iansã/Oiá’ resolveu voltar a avivar o fogo da forja de ‘Ogum’ mas, a partir da casa de ‘Oxaguiã’, onde vivia, passando a soprar na direcção da forja de ‘Ogum’, com um sopro que atravessava todo o espaço que separava a cidade de ‘Oxaguiã’ da de ‘Ogum’. O seu sopro cruzava os ares e arrastava consigo pó, folhas e tudo pelo caminho, até chegar às chamas com furor. O povo acostumou-se a sentir o sopro de ‘Iansã/Oiá’ que cruzava os ares e chamou-o de ‘vento’. Quanto mais a guerra se encarniçava, mais urgia o fabrico das armas e, mais forte, soprava ‘Iansã/Oiá’ a forja de ‘Ogum’, tão forte que, às vezes, destruía tudo pelo caminho, levando casas, arrancando árvores, provocando chuvadas tão fortes que arrasavam cidades e aldeias. A este sopro destrutivo de ‘Iansã/Oiá’, o povo chamou de ‘tempestade’ e reconheceu-a como a ‘Senhora dos Ventos, Tempestades e da Chuva Forte’.
- Numa festa em que estavam presentes todos os ‘Orixás’ menos ‘Omulu/Obaluaiê’, ‘Ogum’ perguntou por que razão o irmão não vinha e a mãe, ‘Naná’, respondeu-lhe que era por ter vergonha das suas feridas causadas pelas doenças. Então, ‘Ogum’ resolveu ajudar o irmão ‘Omulu’ e levou-o à floresta, onde lhe teceu uma roupa de palha, que lhe cobria o corpo todo, mas muitos viram o que ‘Ogum’ fez e continuaram a sentir nojo de

‘Omolu’, excepto ‘Iansã’, que altiva e corajosa, dançou com ele e foi, nessa ocasião, que o vento de ‘Iansã’ levantou a palha e para espanto de todos, revelou um homem lindo e sem defeito algum. Todos os ‘Orixás’ ficaram estupefactos, principalmente ‘Oxum’, que se encheu de inveja, mas ‘Omolu’ não quis dançar com mais ninguém e, em recompensa, pelo gesto de ‘Iansã’, ‘Omolu’ deu a ‘Iansã/Oiá’ o poder de também ‘Reinar sobre os Mortos/Eguns’.

- ‘Xangô’ gostava de se sentar ao lado da forja para ver ‘Ogum’ trabalhar e de vez em quando, olhava para ‘Iansã’ furtivamente e, por sua vez, ‘Iansã’ também espiava ‘Xangô’. ‘Xangô’ era vaidoso e cuidava muito bem da sua aparência, a ponto de entrançar os seus cabelos como os de uma mulher. Além disso, ele também furara os lobos das suas orelhas, onde pendurava argolas, e usava braceletes e colares de contas vermelhas e brancas. ‘Iansã/Oiá’, muito impressionada pela distinção e brilho de ‘Xangô’, fugiu com ele e tornou-se a ‘Primeira Mulher de Xangô’.
- ‘Xangô’ enviou ‘Iansã/Oiá’, em missão, à «Terra dos Baribas» para lhe trazer um preparado que, uma vez ingerido, lhe permitiria lançar fogo e chamas pela boca e pelo nariz, um preparado que ele queria guardar só para si. No entanto, ‘Iansã/Oiá’, para grande desgosto de ‘Xangô’, desobedeceu ao marido, experimentou o preparado e tornou-se, também, capaz de cuspir fogo, um terrível poder que tornou ‘Iansã/Oiá’, a ‘Rainha do Raio’.

O arquétipo de ‘Iansã’ é o das mulheres audaciosas, poderosas e autoritárias, mulheres que podem ser fiéis e de lealdade absoluta, mas que se contrariadas nos seus projectos e empreendimentos, podem apresentar manifestações de cólera extrema, pelo que o seu temperamento voluptuoso e sensual, também as poderá levar a aventuras extraconjugais, que não as impedirá de continuarem a ser muito ciumentas e ciosas de seus maridos (Verger, P.F., 2002, p. 170).

3.2.3 – Orixás Regentes da Fase de Escoamento da Água

No processo de escoamento da água da chuva para armazenamento nos chamados reservatórios, sejam estes superficiais ou subterrâneos, se resultantes da infiltração da água, consideram-se três domínios relativamente distintos:

- Escoamento superficial das águas pluviais para rios, riachos e cachoeiras, em que se incluem três ‘Orixás’;

- Escoamento e armazenamento das águas pluviais para mares e/ou oceanos, em que se consideram dois ‘Orixás’;
- Escoamento, infiltração e armazenamento subterrâneo das águas pluviais, em que se surge um ‘Orixá’ que vai concluir e contribuir para renovação do ‘Ciclo da Água’, ligando a fase de escoamento à de evaporação da água.

3.2.3.1 – Orixás Regentes do Escoamento Superficial da Água

No escoamento superficial das águas pluviais consideram-se três ‘Orixás’ que, para além de outras especificidades, têm a seu cargo a regência de rios, riachos e/ou cachoeiras.

1. ‘Orixá Regente do Escoamento da Água para Cachoeiras, Rios e Riachos’:

- ‘Orixá Oxum’/«Ôsun»/«Aziri»/«Yalodé»/«Ìyálóòde» (Verger, P.F., 1997, p. 42-46), (Verger, P.F., 2002, p. 174-176):
 - ‘A Rainha das Águas Doces, das Cachoeiras’ e do Rio «Ôşun».
 - ‘Sereia das Águas Doces’, «Yara». ‘Mãe d’Água’.
 - ‘Segunda Mulher do Orixá Xangô’. ‘Senhora do Cobre e do Ouro’.
 - ‘Senhora da Fecundidade’, graças aos laços mantidos com a chamada “Mãe Feiticeira Ìyami-Àjé”.
 - Mulher de grande doçura na voz, delicadeza de gestos, beleza física e elevado poder de sedução – Figura 7.



Figura 7 – Ilustração do ‘Orixá Oxum’ (<https://i.ytimg.com/vi/7C4vDaROWGM/maxresdefault.jpg>).

O «Oríki», a saudação dirigida ao ‘Orixá Oxum’ demonstra o seu gosto pelo cobre, o metal mais precioso para o antigo povo Ioruba (D’Obaluayê, B., 2002, p. 196), (Verger, P.F., 2002, p. 174):

“Mulher elegante que tem jóias de cobre maciço.
É uma cliente dos mercadores de cobre.
Oxum limpa suas jóias de cobre antes de limpar seus filhos”.

Como complemento, o ‘Ponto Cantado’ em louvor do ‘Orixá Oxum’ põe em destaque alguns dos seus atributos principais e/ou características básicas (Cysneiros, I./Omulubá, 1985, p. 38):

“Eu vi Mamãe Oxum na cachoeira,
Sentada na beira do rio...
Eu vi Mamãe Oxum na cachoeira,
Sentada na beira do rio...

Colhendo lírio, lírio ê..., colhendo lírio, lírio à...
Colhendo lírio, para enfeitar nosso Congá!
Colhendo lírio, lírio ê..., colhendo lírio, lírio à...
Colhendo lírio, para enfeitar nosso Congá!

O Quadro X apresenta uma selecção de atributos práticos habitualmente usados na Umbanda no Culto do ‘Orixá Oxum’ (Albuquerque, V., 1988, p. 14-18), (Lima, L.F., 1967, p. 43-67, 161-172), (Maurício, G. & Barros, V., 2004, p.143-146), (Molina, N., p. 14-56).

Quadro X – Atributos Práticos do ‘Orixá Oxum’

TIPO DE ATRIBUTO	DESCRIÇÃO
Saudação	«Ai Ai Eu, Balai Oxum», «Ora Yeyê»
Sincretismo	N.Sras. da Conceição, das Candeias e de Fátima
Dia da Semana	Sábado
Cores	Rosa, azul, dourado e amarelo ouro
Animal	Peixe do rio, pato e pássaro «adàbà», um tipo de pombo de olhos vermelhos
Símbolo	«Abebé»/espelho, leque e pente
Elementos da Natureza	Águas dos rios, fontes e cachoeiras
Dia da Festa	8 de Dezembro
Temperamento	Bondosa, sedutora, vaidosa, manhosa e feiticeira
Comida	«Omolukum» de feijão fradinho e camarão do rio, ovos, arroz, «ègbo» de milho
Bebida	Espumante
O que pedir	Amor, riqueza e filhos
Significado	Amor, beleza e riqueza
Filiação	‘Oxalá’ e ‘Iemanjá’

‘Oxum’, a ‘Deusa/Orixá do Amor’, considerada a ‘Afródite negra’, é a representação da sensibilidade, da delicadeza feminina e da paixão, bem como a essência da vida que mantém em equilíbrio as emoções da vida e da fecundidade, agindo como uma ‘Mãe gentil’ que intercede em todas as situações de união e relacionamento mas, que também apresenta vontade forte e um grande desejo de ascensão social, reveladas pelas duas lendas que se seguem (Verger,

P.F., 2002, p. 174-176), (<https://www.iqilibrio.com/blog/espirtualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-oxum/>):

- ‘Oxum’, filha do ‘Orixá Oxalá’, tinha uma forte preferência pelo seu pai, que lhe correspondia fazendo-lhe sempre todas as vontades. ‘Oxalá’, embora fosse muito sábio, quando tinha alguma questão a resolver, costumava consultar ‘Ifá’, o ‘Deus/Orixá da Adivinhação’, para ser auxiliado na tomada das melhores decisões. ‘Oxum’ acompanhava-o sempre e, como moça curiosa que era, queria saber como desvendar o ‘Oráculo dos Búzios’. Muitas foram as vezes que ‘Ifá’ disse a ‘Oxum’ para perguntar ao ‘Orixá Exú’, o ‘mensageiro dos Deuses’, pois era ele quem possuía o dom de saber o destino através da consulta dos búzios. Curiosa e intrigada com a questão, ‘Oxum’ pediu ao pai que a deixasse aprender a ver o futuro, mas ‘Oxalá’ explicou-lhe, prontamente, que só ‘Ifá’ tinha o dom de ler e interpretar os búzios. Então, ‘Oxum’, não satisfeita com a resposta, foi directamente a ‘Exú’ pedir para lhe ensinar, visto saber que ele conhecia o segredo de ‘Ifá’. Obviamente, ‘Exú’ recusou e, então, ‘Oxum’ decidiu partir para a floresta e pediu às feiticeiras “Yámi Oroxongá” para lhe arranjamem uma maneira de obrigar ‘Exu’ a ensiná-la. As feiticeiras, que desejavam pregar uma partida a ‘Exú’, ensinaram uma magia a ‘Oxum’, com a condição de lhes ser dada uma oferenda. Prometida e cumprida a oferta, Oxum, com as mãos cheias de um pó brilhante, foi ter com ‘Exú’ e pediu-lhe para que ele adivinhasse o que tinha nas mãos. Logo que ‘Exú’ se aproximou e fixou o olhar nas mãos, ‘Oxum’ soprou o pó para o rosto dele e deixou-o, temporariamente, cego e preocupado com os búzios. Foi, então que ‘Exu’ teve de pedir a ‘Oxum’, que fingia preocupação, para o auxiliar na leitura dos búzios e, pouco a pouco, ‘Exu’ foi respondendo às mais diversas questões de ‘Oxum’, sempre com o pretexto de recompor o jogo. Consequentemente, ‘Oxum’ conseguiu ficar a conhecer todos os ‘Odu’s’, o significado de cada búzio. Ao voltar ao reino de seu pai ‘Oxalá’, ‘Oxum’ contou-lhe o que tinha acabado de fazer e, depois, quando ‘Ifá’ soube do acontecido, ficou tão admirado pela sua coragem e persistência que presenteou ‘Oxum’ com a ‘Mão de Jogo’ e nomeou-a ‘Regente do Oráculo’, em conjunto com ‘Exú’. A seguir, ‘Oxalá’ ainda perguntou à filha por que motivo tinha feito tudo aquilo e, é então que ‘Oxum, com toda a sua doçura, lhe responde que tudo o tinha feito era, somente, por amor a ele, o seu querido pai ‘Oxalá’.
- Os ‘Orixás’ masculinos, e só eles, reuniam-se para discutir sobre a humanidade, facto que ‘Oxum’ achava muito injusto, pois achava que ela também tinha sabedoria e poder suficientes para opinar sobre as questões dos homens, mas mesmo, insistindo nunca conseguiu ser admitida nessas reuniões, pelo que decidiu usar a sua astúcia. Como não

existiriam homens se não ocorresse a gestação das mulheres, ‘Oxum’ resolveu retirar a da fertilidade a todas as mulheres e, não havendo nascimentos, a humanidade começou a extinguir-se. Assim, perante o que estava a acontecer, os ‘Orixás’ decidiram consultar ‘Ifá/Olorum’, que lhes revelou que a ‘Mãe Oxum’ tinha retirado o dom da maternidade e que só ela poderia resolver a questão. Então, eles não tiveram outra hipótese senão convidá-la para participar das reuniões e ‘Oxum’ tornou-se figura presente em todas as reuniões, acordos e decisões dos ‘Orixás’ e a humanidade voltou a multiplicar-se.

De realçar é ainda o facto, da também chamada ‘Mamãe Oxum’³⁴, ser o ‘Orixá das Águas Doces’, por excelência, a “rainha que exerce o seu poder sobre toda a água doce”, sem a qual a vida não era possível. Com efeito, as águas calmas e as cachoeiras são os lugares aonde se diz que o ‘Orixá Oxum’ mais exerce a sua energia e tranquiliza os corações dos apaixonados.

³⁴ ‘Oxum’ reside em muitos locais, «Ibù», que vão da nascente dos rios, «Igèdè», até à foz onde desaguam, «Leke», locais aonde é adorada sob diferentes nomes, de acordo com as suas características, as chamadas qualidades que podem chegar a cerca de cinquenta. Destas, passa-se a referir as dezasseis qualidades mais frequentemente consideradas e cultuadas na Umbanda (Albuquerque, V., 1988, p. 16-18), (Lima, L.F., 1967, p. 123-159), (Verger, P.F., 2002, p. 174-175):

- «Yèyé Odo/Iyámi Odo/Iyá Nodo», a Oxum de perto das nascentes, também chamada a «Ôşun» das fontes, muito ligada a sua mãe ‘Iemanjá’, com quem mora, podendo ser cultuada nas águas salgadas;
- «Ôşun Ijùmú/Ajimu/Jimu», a rainha de todas as ‘Oxuns’, velha e muito ligada às bruxas «Iyámi-Àjé»;
- «Ôşun Àyálá/Iyánlá», a avó, a ‘Oxum’ que foi mulher de ‘Ogum’;
- «Ôşun Osogbo», a ‘Oxum’ que ajuda as mulheres a ter os filhos;
- «Ôşun Àpara», a mais jovem, do tipo guerreiro que acompanha «Ôgún», ou eventualmente «Sàngó», vive com ele pelas estradas e dança com ele quando se manifestam juntos em festas do ‘Terreiro’, não se dá com «Iemanjá Ogunté» visto representar o “encontro das águas”, das águas doces com as salgadas;
- «Ôşun Abalu», a chefe das mulheres, esposa de ‘Xangô’, a mais idosa de todas as ‘Oxuns’, que tem muitos filhos e netos, maternal, avó amorosa, severa e autoritária;
- «Ôşun Ajajira/Ajagura», uma ‘Oxum’ jovem, casada com «Sàngó Aganju», rival de «Yāsan», um tipo semelhante a «Ôşun Àpara» mas, mais orgulhosa e menos agressiva, uma guerreira, que usa espada;
- «Yèyé Oga», uma ‘Oxum’ velha, brigona e rabugenta;
- «Yèyé Olóko», a ‘Oxum’ que vive na floresta, ligada a «Ossãe»/’Ossáim’, com quem aprendeu o segredo das folhas, passando a dominar feitiços e encantamentos com ervas e o poder da cura, adversária de ‘Oxóssi’ por este ter sido obrigado a dividir a floresta com ela e com «Ossãe»;
- «Yèyé Ipetu», uma ‘Oxum’ que se confunde com «Oyá Pètu»;
- «Yèyé Merim/Mçrin/Ibçrin», uma ‘Oxum’ feminina, elegante, rica e vaidosa;
- «Yèyé Ipondá/Pondá» ou «Ôşun Ipondá», eventualmente, a verdadeira «Ôşun Ijeşá» que veio de «Ileşá» ou de «Ipondá», uma guerreira, casada com «Ôşósi Ibualama», mãe de ‘Logun Edé’, que vive no mato com o marido, usa uma espada e é desconfiada, astuta, observadora e intuitiva;
- «Yèyé Kare» uma ‘Oxum’ muito guerreira, mais velha, autoritária e agressiva, ligada a ‘Oxóssi Inle’, a Odé Karê’ e a ‘Logun Edé’;
- «Yèyé Onira», outra ‘Oxum’ guerreira, ligada a ‘Oxóssi’, irmã de «Oíá Onira», de quem se distingue por não se relacionar com os ‘Eguns’;
- «Yèyé Oke», provavelmente a mesma que «Yèyé Loke/Oloke», um tipo muito guerreiro;
- «Ôşun Pòpòlókun», uma ‘Oxum’ cujo culto é realizado próximo duma lagoa.

2. ‘Orixá Regente do Escoamento da Água nas Matas para Rios, Riachos e Lagos’:

- ‘Orixá Logun Edé/Logunedé’/«Olóògùn Ede» (D’Obaluayê, B., 2002, p. 203-205), (Lopes, N., 1942/2000, p. 27-47), (Maurício, G. & Barros, V., 2004, p. 135):
 - “Orixá Métaméta”, por possuir «méta»/“três” características fundamentais, ou melhor, «métaméta»/“três características fundamentais ao mesmo tempo”: as águas doces de sua mãe, «Òsun Pondá», a caça e a vivência na mata do seu pai, «Ôṣoṣi Ibualama», e a sua própria, pescador e caçador, que resulta da união dos dois ‘Elementos da Natureza’, água e terra, dos seus progenitores.
 - O ‘Senhor do Lago Azul’/«Uáji». ‘Divindade de grande beleza’, do tipo andrógino que vive seis meses na água como mulher e os outros seis meses na mata como homem.
 - O “Príncipe dos Orixás Yorubá”, o ‘Príncipe das Matas’, o ‘Caçador Encantado’ que, tanto se alimenta da pesca, como da caça e das frutas, um pescador e caçador ligado à prosperidade.
 - ‘O Feiticeiro e Mago Poderoso’, que domina o poder de mutação, podendo transformar-se no que quiser: “O Feiticeiro mostra a pele que deseja”: “Se mostrar pele clara hoje, amanhã mostrará pele escura”, frase que é considerada uma das chaves do mistério deste ‘Orixá’, tão complexo – Figura 8.



Figura 8 – Ilustração de ‘Orixá Logun Edé’

http://lourdesangola.blogspot.com/2013/03/logun-edé_18.html

O «Oríkì», escrito em Iorubá e com a respectiva tradução colocada a par do seu texto de saudação, realça e constitui uma confirmação do já referido poder de mutação e de se transformar no que quiser do ‘Orixá Logun Edé’ (Lopes, N., 1942/2000, p. 47):

“*Ologun fihòn awo
funfun lóni ni òla
ó yiòò fihón dúdú...*”

“*O feiticeiro mostra a pele que desejar
se mostrar pele clara hoje
amanhã mostrará pele escura...*”

Em acréscimo, também o ‘Ponto Cantado em louvor do ‘Orixá Logun Edé’, que se segue, expõe na perfeição a sua ascendência (Lopes, N., 1942/2000, p. 125, 126):

“Menino caçador
Flecha no mato bravio
Menino pescador
Pedra no fundo do rio.

Coroa reluzente
Todo o ouro sobre azul
Menino Omnipotente
Meio Oxóssi, meio Oxum.

É, é, é, é... Quem é que ele é?
A, a, a, á... Onde é que ele está?
Axé, menino, axé!
Fara, Logun! Fara, Logun, fá!

Menino meu amor, minha mãe, meu pai, meu filho,
Toma teu axoxó, teu onjé de coco e milho
Me dá do teu axé que eu te dou do meu mulucum
Menino Omnipotente, meio Oxóssi, meio Oxum.”

O Quadro XI apresenta uma selecção de atributos práticos habitualmente usados na Umbanda no Culto do ‘Orixá Logun Edé’ (Albuquerque, V., 1988, p. 12-13), (Lopes, N., 1942/2000, p. 27-79, 161-172), (Maurício, G. & Barros, V., 2004, p. 135-142).

Quadro XI – Atributos Práticos do ‘Orixá Logun Edé’

TIPO DE ATRIBUTO	DESCRIÇÃO
Saudação	«Ou-Oriki-Olú-Alô-Riki»
Sincretismo	Santo Expedito
Dia da Semana	Terça-feira, quinta-feira e sábado
Cores	Azul, branco, turquesa, amarelo e rosa
Animal	Cavalo-marinho
Símbolo	«Abebé» de ‘Oxum’ e «Ofá» de ‘Oxóssi’
Elementos da Natureza	Matas e Águas dos rios, riachos, cachoeiras e lagos existentes nas matas
Dia da Festa	19 de Abril
Temperamento	Bondoso, sedutor, vaidoso, manhoso e feiticeiro
Comida	«Omolukum/mulukum»/feijão fradinho e ovos, «axoxó»/milho cozido e coco
Bebida	Vinho doce e espumante
O que pedir	Prosperidade, sucesso, amor, simpatia, união da família e dos irmãos
Significado	Amor, beleza e riqueza
Filiação	‘Oxóssi’ e ‘Oxum’

Quanto ao nome, ‘Logun’, parece ser uma abreviatura de ‘Ologun’, palavra que em ‘Iorubá’ significa ‘feiticeiro’. Este termo ao juntar-se ou ao aglutinar-se com, ‘Edé’, o nome da cidade ‘Iorubá’ em que se centrava o culto deste ‘Orixá’, terá originado as duas hipóteses, mais

frequentemente usadas, na escrita do seu nome ‘Logun Edé’ ou ‘Logunedé’ (<http://lourdesangola.blogspot.com/2013/03/logun-edel8.html>).

‘Logun Edé/Logunedé’ é uma divindade da pesca e da caça, tanto para os seguidores da Umbanda, como para os do Candomblé, sendo popularmente conhecido pela sua extrema beleza e personalidade contraditória, ora afável, ora sisuda. Além disso, ‘Logun Edé’ é o único Orixá que não possui qualidades, muito embora se possa converter no que quiser, eventualmente, devido ao facto, já referido, de acumular três energias distintas: a dele próprio, a de ‘Oxóssi’ e a de ‘Oxum’, o que acaba por representar a “tríade pai-mãe-filho” universalmente consagrada nas diversas religiões (Dias, J.F., 2012, p. 69-71), (<https://www.cademeusanto.com.br/logun-edel/>).

Num mito conta-se que o ‘Orixá Logunedé’ perde-se no caminho entre as casas de sua mãe, ‘Oxum’, e de seu pai, ‘Oxóssi’, sendo encontrado pelo velho “Orixá Omolu” que o ampara e protege. Com ‘Omolu’, ‘Logunedé’ aprende as artes da cura e da feitiçaria (<http://lourdesangola.blogspot.com/2013/03/logun-edel8.html>).

Num outro mito encontra-se, uma descrição bastante pormenorizada, da história de ‘Logun Edé’ dividida em três passos (<https://www.cademeusanto.com.br/logun-edel/>):

1. Quanto ao ‘Nascimento’ conta-se que apesar de ‘Oxum’ e ‘Oxóssi’, os pais do ‘Orixá Logun Edé’ se terem amado, não terão chegado a viver juntos, em virtude dos seus interesses e gostos serem muito diferentes. Assim, quando ‘Oxóssi’ soube da gravidez de ‘Oxum’, pediu-lhe permissão para cuidar do filho, visto desejar ensinar-lhe a sua arte para que ele também viesse a ser um exímio caçador e guerreiro. Inicialmente, ‘Oxum’ terá recusado essa proposta, porque não se sentia em condições de viver longe do seu filho, pelo que terão acabado por acordar que ‘Logun Edé’ passaria a viver metade do ano com a mãe e a outra metade com o pai.
2. Em termos da separação que terá ocorrido entre ‘Logun Edé’ e a sua mãe, conta-se ‘Oxum’ tinha uma grande desavença com ‘Obá’, a divindade das águas profundas e turbulentas, pelo que receosa do que ‘Obá’ poderia vir a fazer, ‘Oxum’ proibiu ‘Logun Edé’ de ir até ao fundo dos rios, lagos e mares. No entanto, ‘Logun Edé’, matreiro e desobediente, aproveitou-se duma distração de ‘Oxum’, foi até às profundezas dum rio e ‘Obá’, ao aperceber-se que a criança estava nos seus domínios, agitou as águas para que ‘Logun Edé’ se afogasse, sem que ‘Oxum’ o pudesse socorrer. Então, como única possibilidade, ‘Oxum’ suplica o auxílio de ‘Olorum’, que salva a criança mas, sem avisar ‘Oxum’, que ficou a pensar que o filho tinha morrido, entregou ‘Logun Edé’ a ‘Iansã’. Assim, ‘Logun Edé’

começou a permanecer seis meses com ‘Iansã’ e ‘Ogum’, o seu esposo, e os outros seis meses com ‘Oxóssi’, que nunca falava acerca da mãe, ‘Oxum’, ao filho, fazendo com que ‘Logun Edé’ esquecesse as lembranças que teria da mãe, enquanto crescia.

3. O reencontro de ‘Logun Edé’ com a sua mãe, ‘Oxum’, só terá acontecido porque ele tinha uma vaga lembrança de um rio e, em certo dia, ele resolveu ir procurá-lo. Ao chegar ao rio, ele viu uma belíssima mulher e, embebecido pela sua beleza, resolveu esconder-se atrás da vegetação para observá-la. A mulher era, nem mais nem menos, do que a ‘Orixá Oxum’, sua mãe, que ao aperceber-se que estava a ser observada, resolveu descobrir quem era o mirone e, imediatamente, o reconheceu como sendo o seu filho, ‘Logun Edé’. Emocionada, contou-lhe tudo o que se tinha passado, bem como a razão que motivara a sua separação. Enfim, apesar da vontade de ambos, ‘Logun Edé’ não podia ir morar com ‘Oxum’ pois, entretanto, ela tinha-se casado com ‘Xangô’, que não permitia que as suas esposas convivessem com qualquer outro homem, razão que justificou o facto de mãe e filho passarem a encontrar-se sempre às escondidas.

O ‘Logun Edé’ é, em geral, considerado o “Orixá Filho, por excelência”, por possuir em si, não só a sua própria natureza, mas também as naturezas, absolutamente definidas, da mãe, ‘Oxum Pondá’ e do pai ‘Oxóssi Inlé/Ibualama’, o que constitui a base do seu mistério: “ser um e ser múltiplo” (Lopes, N., 1942/2000, p. 187-189).

Para a bem conhecida “Ialorixá Mãe Menininha do Gantois”, o Terreiro «Ile Iya Omi Ase Iyamase», situado no Bairro da Federação, em Salvador, Brasil (Martins, C., 2004, p. 184), (Lopes, N., 1942/2000, 216 pp.), (<http://lourdesangola.blogspot.com/2013/03/logun-edé-18.html>):

“Logun é santo menino que velho respeita”.

3. ‘Orixá Regente do Escoamento da Água Revolta de Rios, Lagoas e Quedas de Água’:

- ‘Orixá Obá’/«Obà»/«Obáchi» (Martins, C., 2004, p. 43- 69), (Verger, P.F., 1997, p. 47-49), (Verger, P.F., 2002, p. 186-187):
 - A ‘Senhora do Rio «Obà», das Águas paradas e profundas de Lagoas, de Quedas de Água e da Turbulência provocada pela junção de dois rios’. ‘Mãe d’Água’.
 - A ‘Amazona Belicosa’, guerreira, forte, destemida e de temperamento apaixonado e irascível, que é não só da água barulhenta e do ar, mas também da terra e do fogo.
 - Protectora das viúvas, dos anciãos e dos órfãos pobres e desamparados.

- A ‘Justiceira, solucionadora das causas impossíveis e complicadas’, que só ajuda os injustiçados.
- ‘Terceira Mulher do Orixá Xangô’. Mulher enérgica, fisicamente forte e tão dedicada ao marido que, por amor e a conselho matreiro de ‘Oxum’, sacrifica uma orelha para lhe agradar. Perante o desgosto de ‘Xangô’, ‘Obá’ chora tanto, que as suas lágrimas formaram o Rio «Obà» e ela resolve retirar-se do mundo, passando a viver nos cemitérios, onde guarda as sepulturas dos mortos – Figura 9.



Figura 9 – Ilustração do ‘Orixá Obá’ (<http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Obá>).

O ‘Ponto Cantado’ em louvor do ‘Orixá Obá’, que se apresenta de seguida, constitui uma confirmação das suas características de enorme bravura:

“Obá, não tem homem que a enfrente,
Obá, a guerreira mais valente!
Obá, não sei, se me deixo mudo,
Obá, numa mão rédeas e escudo.

Obá, não sei, se canto ou não,
Obá, a espada na outra mão.
Obá, não sei se canto, ou se calo,
Obá, de pé sobre o seu cavalo...” → [Verso, a repetir 7 vezes]

‘Obá’/«Obà», nome Ioruba do rio que rege, é um ‘Orixá’ que gosta das águas revoltas dos rios, das águas com correntes fortes e das quedas de água, as quais são consideradas o seu principal elemento da natureza e o seu domínio de ação mais importante (Albuquerque, V., 1988, p. 56), (Etiquetas, M., 2008), (Verger, P.F., 1997, p. 47-49), (Verger, P.F., 2002, p. 187).

O Quadro XII apresenta uma selecção de atributos práticos habitualmente usados na Umbanda no Culto do ‘Orixá Obá’ (Albuquerque, V., 1988, p. 56), Martins, C., 2002, p. 43-78), (Maurício, G. & Barros, V., 2004, p. 151-153).

Quadro XII – Atributos Práticos do ‘Orixá Obá’

TIPO DE ATRIBUTO	DESCRIÇÃO
Saudação	«Obá, Obá Ya», «Obá Xiré»
Sincretismo Católico	Sta. Joana d’Arc
Dia da Semana	Quarta-feira e sábado
Cores	Vermelho
Animal	Galinha de Angola
Símbolos	Lança e escudo, Espada e leque
Elementos da Natureza	Quedas de água e turbulência da junção de dois rios
Dia da Festa	30 de Maio
Temperamento	Justiceiro, valoroso, guerreiro
Comida	Feijão fradinho, farofa de azeite e ovos
Bebida	Espumante
O que pedir	Justiça e força para lutar
Significado	Rainha guerreira e incompreendida
Filiação	‘Oxalá’ e ‘Iemanjá’

Quando ‘Obá’ se manifesta nos ‘Terreiros/Tendas’ tem sempre a mão a cobrir a orelha esquerda, ou usa um turbante, para esconder a falta da orelha e, se ‘Oxum’ se manifestar nessa ocasião, a tradição exige que as duas ‘Orixás’ lutem, sendo preciso intervir energicamente para separá-las. A dança de Obá é guerreira, brande um sabre numa das mãos e um escudo na outra e, em diversas lendas, conta-se que foi ela quem ensinou aos outros ‘Orixás’ a arte da guerra, a ‘Xangô’ a manejar o machado, a ‘Oiá/Iansã’ o manejo do chicote e a ‘Ogum’ o uso das suas ferramentas. Além disso, como ‘Obá’ é quem possui a chave que abre e fecha as portas de tudo o que está relacionado com os humanos, para que num ‘Terreiro/Tenda/Casa’ nunca falte dinheiro, não deve faltar o “Iguaro Oba”, o primeiro ‘iniciado de Obá’ do Terreiro. Como ‘Obá’ é um ‘Orixá’ do «Ile de Ocu», a casa dos mortos, e vive no cemitério, ela está sempre relacionada com tudo que é espiritual³⁵ (Etiquetas, M., 2008), (Martins, C., 2004, p. 137-177), (Verger, P.F., 1996, p.47-49, (Verger, P.F., 2002, p. 186-187).

- Devido à sua envergadura física, ‘Obá’ venceu uma luta com ‘Oxalá, Xangô, Orunmilá, Obaluaiê e Exu’ e, a seguir, ainda não satisfeita, desafiou ‘Ogum’, o mais forte dos ‘Orixás’ masculinos.

³⁵ Segundo (Martins, C., 2002, p. 79-80), na mitologia ‘Ioruba’, ‘Obá’ é a melhor, a mais forte das “amazonas guerreiras” e a “Grande Chefe da Sociedade Elecô”, uma sociedade feminina de guerreiras feiticeiras, onde os homens não entram, as “amazonas guerreiras”, ambidexas e sem polegares, que manejam com grande destreza todas as armas, com qualquer das suas mãos de quatro dedos cada. De realçar, é ainda o facto desta liderança do ‘Orixá Obá’ sobre a “Sociedade Elecô” a aproximar da chefe das ‘feiticeiras’, as ‘mulheres pássaros’, “Iami Oxorongá”, a “Iá Agô”, e faz de ‘Obá’ o principal ‘Orixá’ no “Culto de Gueledés”, ou seja, o culto de ancestrais femininos que voltam a «Aiê», a Terra, encobertas por grandes máscaras cheias de «Axé», força e magia.

‘Ogum’, como sabia que ela era poderosa, hábil e destemida, usou um truque. Com efeito, ele espalhou no chão uma massa viscosa, de milho e quiabo amassados, e atraiu ‘Obá’ para lutar naquele sítio. Conseqüentemente, a guerreira escorregou e, para além de perder a luta, ainda foi possuída à força por Ogum, que se tornou o seu inimigo principal.

- Xangô era um conquistador de terras e mulheres que vivia sempre de um lado para o outro. Em ‘Kossô’ fez-se rei e casou-se com ‘Obá’, mas ‘Xangô’ também se tinha casado com ‘Oíá e Oxum’, deixando as três guerrear-se pelo amor do rei. Para deixar ‘Xangô’ feliz, ‘Obá’ presenteou-o um cavalo branco que, ele gostou muito. Tempos depois ‘Xangô’ saiu para guerrear e levou ‘Oíá’ consigo. Seis meses se passaram e ‘Obá’, desesperada, foi consultar ‘Orunmilá’, que a aconselhou a oferecer um ‘iruquerê’ em sacrifício, isto é, um espantamoscas feito com um rabo de um cavalo, e colocá-lo no tecto da casa. ‘Obá’ encomendou o ‘iruquerê’ a ‘Eleguá/Exu’ e este, induzido por ‘Oxum’, cortou o rabo do cavalo branco de ‘Xangô’, que sangrou até morrer. Quando ‘Xangô’ voltou da guerra, não encontrou o cavalo e deparou-se com o ‘iruquerê’ amarrado no tecto da casa, reconheceu-o como o rabo do seu cavalo desaparecido e soube acerca da oferta feita por ‘Obá’, pelo que ficou extremamente zangado e repudiou-a.
- Como esposa de ‘Xangô’, ‘Obá’ sempre se sentiu a menos desejada pelo seu amado do que ‘Oxum e Iansã’. Esmerou-se em agradá-lo, com pratos cada vez mais cuidados, mas ‘Oxum’ era sempre a preferida e, um dia, ‘Obá’ perguntou a ‘Oxum’ qual o segredo da sua sedução. ‘Oxum’, que usava sempre um turbante na cabeça, contou-lhe que cortara a própria orelha esquerda e dera-a a comer a ‘Xangô’, colocando-a no ‘amalá’, a sua comida preferida à base de quiabo, e acrescentou que Xangô, ao comê-lo, se tinha perdido de paixão por ela para sempre. ‘Obá’ não hesitou, cortou a própria orelha e colocou-a no ‘amalá’ de ‘Xangô’, mas este ao ver ‘Obá’ com um ferimento na orelha, quis saber o que se tinha passado e ‘Obá’ contou-lhe o que fizera. Nesse momento, ‘Oxum’ tirou o seu turbante, mostrou as duas orelhas intactas a ‘Obá’ e desatou a rir. ‘Xangô’, zangado com a insensatez de ‘Obá’ e enojado por ver a orelha na sua comida, expulsou-a do seu palácio. Concomitantemente, ‘Obá’ chorou tanto e teve tanta raiva, que se transformou num rio revoltoso, uma eventualidade que costuma encontrar justificação no facto de, em África, no lugar onde se juntam os rios ‘Obá’ e ‘Oxum’, as águas serem muito revoltas e extremamente violentas.

Segundo algumas correntes da Umbanda, Obá forma com Oxóssi a linha de trabalho, que rege o conhecimento. Oxóssi representa o pólo positivo, que irradia o conhecimento e Obá o pólo negativo, que o concentra e absorve, ou seja, o ‘Orixá Oxóssi’ representa a

argúcia/sagacidade/esperteza e o ‘Orixá Obá’, a concentração. Outras correntes dizem que que ‘Obá’³⁶ também forma par com ‘Ogum’ na linha de trabalho da lei (Etiquetas, M., 2008).

Na Umbanda e no Candomblé o ‘Orixá Obá tem sempre uma representação feminina, cheia de energia, vida e força, que é temida e domina todos os outros Orixás, em virtude de ela ser capaz de derrotar qualquer um, desde que as disputas sejam justas, isto é, honestas e sem traições (https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble_tudo-sobre-oba/).

O arquétipo de ‘Obá’ é o de mulheres valorosas e incompreendidas, de tendências viris, em que as suas atitudes agressivas são consequência das experiências infelizes e amargas por que passou. Os seus insucessos resultaram, frequentemente, de ciúmes, um tanto mórbidos. Para compensar as suas frustrações amorosas, costumam obter sucessos materiais devido à sua avidez de ganho e ao cuidado para conservar os seus bens (Etiquetas, M., 2008), (Verger, P.F., 1997, p. 47), (Verger, P.F., 2002, p. 187), (<https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-oba/>).

3.2.3.2 – Orixás Regentes do Escoamento e Armazenamento da Água

No escoamento e armazenamento das águas pluviais consideram-se dois ‘Orixás que, para além de outras especificidades, têm a seu cargo a regência das águas dos oceanos a diferentes profundidades.

1. ‘Orixá Regente do Escoamento e Armazenamento da Água em Mares e Oceanos’:

- ‘Orixá Iemanjá’/«Yemanjá»/«Yemoja»/«Janaina»/«Dandalunda»/«Pandá»/«Kianda» (Lacerda, A., 1989, p. 71-73), (Vallado, A., 2002, p. 25-40), (Verger, P.F., 1997, p. 50-52), (Verger, P.F., 2002, p. 190-194):

³⁶ Várias correntes da tradição ligam ‘Obá’ a outros ‘Orixás’, pelo que se tem a considerar como qualidades desta guerreira destemida e muito ressentida (<https://ocandomble.com/2008/12/17/qualidades-do-orixa-oba/>):

- «Obá Gidê», com ligação a ‘Xangô’;
- «Obà Syió», com associação a ‘Xangô’ e a ‘Oyá/Yansã’;
- «Obà Lôdè», quando tem ligação às feiticeiras ‘Iyami’;
- «Obà Lóké», quando vem junto a “Oxóssi Odé”;
- «Obà Térà», quando vem junto a “Ogun”;
- «Obà Lomyìn», com ligação a ‘Oxalá’;
- «Obà Rêwá», quando vem junto a “Ewá”.

- ‘A Rainha das Águas do Mar, Deusa da Fecundidade e dos Oceanos’. ‘Mãe d’Água’.
- ‘A Grande Senhora dos Sete Mares’, saudada no Rio de Janeiro, numa das primeiras manifestações públicas, como:

“*Salve a Rainha do Mar – Senhora Dona Yemanjá*”.

- ‘Grande Mãe’ da generalidade dos Orixás, que se desdobra em amor e compreensão na educação e criação dos seus filhos.
- Rainha majestosa, imponente e bela, uma mulher de seios volumosos, numa representação de maternidade fecunda e nutritiva.
- “Mãe dos Filhos-Peixes”; literalmente, «Yemoja» quer dizer: ‘Mãe-peixe de água’.
- ‘Orixá Regente da Pesca’.
- ‘A Mãe que Passeia sobre as Ondas’, a ‘Deusa do Mar’ – Figura 10.



Figura 10 – Ilustração do ‘Orixá Iemanjá’

(<https://jornalluzdocaminho.files.wordpress.com/2011/02/iemanjc3a1.jpg>).

O «Oríki» de saudação e louvor ao ‘Orixá Iemanjá’, que se segue, destaca diversos dos seus atributos/características físicas e morais (D’Obaluayê, B., 2002, p. 217), (Verger, P.F., 2002, p. 191):

“Rainha das águas que vem da casa de Olokum.
Ela usa, no mercado, um vestido de contas.
Ela espera orgulhosamente sentada, diante do rei.
Rainha que vive nas profundezas das águas.
Ela anda à volta da cidade.
Insatisfeita, derruba as pontes.
Ela é proprietária de um fusil de cobre.
Nossa mãe de seios chorosos”.

Neste mesmo contexto, também se enquadra, perfeitamente, o ‘Ponto Cantado’ em louvor do ‘Orixá Iemanjá, que se apresenta de seguida:

“Retira a jangada do mar,
Mãe d’água mandou avisar
Que hoje não pode pescar
Pois hoje tem festa no mar.

E, e, e, e, e, e, Yemanjá
Ela é, Ela é a Rainha do mar.
Traz pente, traz espelho, o, o, o, o,
P’ra Ela se enfeitar, o, o, o, o,
Traz flores, traz perfumes
Enfeita todo o mar”.

O Quadro XIII apresenta uma selecção de atributos práticos habitualmente usados na Umbanda no Culto do ‘Orixá Iemanjá’ (Albuquerque, V., 1988, p. 58-60), (Lacerda, A., 1989, p. 89- 92), (Maurício, G. & Barros V., 2004, p. 161-164), (Vallado, A., 2002, p. 161-196).

Quadro XIII – Atributos Práticos do ‘Orixá Iemanjá’

TIPO DE ATRIBUTO	DESCRIÇÃO
Saudação	«Adô Fiabá», «Adô Fiabá Minha Mãe Iemanjá», «Odò Ìyá»
Sincretismo Católico	N. Sras. Graças, Navegantes, Conceição, Aparecida
Dia da Semana	Quinta-feira e sábado
Cores	Branco, azul claro, verde, rosa, prateado
Animal	Peixes
Símbolo	«Abébé», abano de prata
Elementos da Natureza	Oceano, mar, praia, águas salgadas
Dia da Festa	2 de Fevereiro e 15 de Agosto
Temperamento	Transparência e pureza, não confia muito em si
Comida	Peixe não amanhado, milho branco e arroz acompanhados de mel
Bebida	Espumante
O que pedir	Protecção para o lar
Significado	Grande mãe das águas salgadas e da maioria dos Orixás
Filiação	‘Olokum’ e ‘Naná’ ou ‘Oxalá’ e ‘Naná’

- Na mitologia “yorubá”/Ioruba, ‘Iemanjá’³⁷, nome significa ‘mãe dos filhos-peixe’, é filha de ‘Olokun’, o soberano dos mares. Ainda em criança ‘Olokum’ ofereceu-lhe uma parte do seu vasto domínio para ajudar ‘Iemanjá’ a fugir de todos os perigos que pudessem surgir.

³⁷ As qualidades de ‘Iemanjá’ variam significativamente consoante a nação de culto que seja considerada (D’Obaluayê, 2002, p. 218-220), (Vallado, A., 2002, p. 41-53). Nesta conformidade, passa-se a listar as qualidades de ‘Iemanjá’ usadas na liturgia do primeiro Terreiro Português, o “Terreiro de Umbanda Ogum Megê - TUOM”, (Albuquerque, V., 1988, p. 60):

- «Asaba/Saba», a mais velha de todas, rabugenta e traiçoeira, que anda a coxear e comanda as camadas mais profundas e antigas do Oceano;
- «Ogúnté», a segunda em termos de idade, belicosa e guerreira, nuns mitos considerada como a mãe e noutros como a esposa de ‘Ogum’, que sempre acompanha, defende e partilha as suas aventuras de guerra;
- «Aðyò», benéfica e feminina, saudada durante as obrigações rituais e que pode ser cultuada em alto mar e na beira das lagoas;
- «Atara Magba», jovem e muito vaidosa, um tipo semelhante a ‘Oxum’, que aprecia o luxo e o conforto e vive nas águas doces e frias do rio ou na confluência de dois rios;
- «Ìyámi Odo/Nodo», doce, feminina e vaidosa, às vezes confundida com a ‘Oxum’ das fontes, «Yeye Odo».

Entretanto, ‘Iemanjá’ cresceu e casou-se com ‘Oduduá’, com quem teve dez filhos ‘Orixás’, razão porque o seu nome também significa ‘Mãe de Todos Orixás’. A amamentação dos seus filhos fez com que seus seios ficassem muito volumosos, deixando-a envergonhada. Além disso, cansada do casamento, ‘Iemanjá’ resolveu abandonar ‘Oduduá’ e ir em busca da felicidade. Nessa fuga, encontrou e apaixonou-se pelo ‘Rei Okerê’. Porém, para ficar com ele, a ‘Rainha do Mar’ exigiu-lhe, como condição, que seus seios jamais fossem motivo de troça, o que ele concordou imediatamente. No entanto, conta-se que um dia, após beber demais, ‘Okerê’ começou a zombar dos seios de ‘Iemanjá’ e, ‘Iemanjá’ arrasada, fugiu. O ‘Rei Okerê’ ainda tentou seguir ‘Iemanjá’ para se desculpar, mas já era tarde. A ‘Rainha do Mar’ usou uma poção que o seu pai, ‘Olokum’³⁸, lhe tinha dado para, em caso de necessidade, escapar e transformou-se num rio que iria dar ao mar. Desesperado e com medo de perder a esposa, ‘Okerê’ transformou-se numa montanha, com o objectivo de impedir o avanço do rio, antes que chegasse ao mar. Mas, por sua vez, ‘Iemanjá’ pediu ajuda ao filho ‘Xangô’ e ele, com um raio, partiu a montanha ao meio, permitindo que a água do rio seguisse o seu curso e, dessa forma, ‘Iemanjá’ conseguiu chegar ao oceano e continuar a ser “Rainha do Mar” (Verger, P.F., 2002, p. 190-191), (<https://www.astrocentro.com.br/blog/espiritual/rainha-do-mar/>).

‘Iemanjá’ é o ‘Orixá’ mais popular no Brasil e em Cuba e é o único ‘Orixá’ que tem festas públicas³⁹ e feriados em sua homenagem, porque a ‘Rainha do Mar’ tornou-se a padroeira dos pescadores, aquela que decide o destino e ajuda todos os que enfrentam o mar.

³⁸ Genericamente bastante semelhantes, embora com um tipo de escrita ligeiramente diferenciada das já referidas seis qualidades de ‘Iemanjá’ cultuadas no TOUM, segundo (D’Obaluayê, B., 2002, p. 218-219) e (Verger, P.F., 2002, p. 190-192) de “Olokum nasceram” as sete qualidades de ‘Iemanjá’ que se seguem:

- «Yemaya Awoyó», a maior e mais velha de todas as qualidades, que usa as jóias de ‘Olokum’ e o arco-íris de ‘Oxumaré’, como coroa, vive no alto mar e repousa numa lagoa;
- «Yemaya Ogunte», a guardiã de ‘Olokum’ e mulher de ‘Ogum’, o Deus de guerra, que vive nas arribas da praia e é uma amazona terrível, severa, rancorosa e violenta;
- «Yemaya Maylewo/Maleleo», que se relaciona com as feiticeiras «Ìyámi-Àjé», tal como ‘Oxum’, e que vive no mato, num lago ou numa fonte, cuja água corre permanentemente, devido à sua presença;
- «Yamaya Asaba», de olhar insustentável, muito altiva, voluntariosa e perigosa, mulher de ‘Orunmilá/Ifá’ que ele expulsou por, na sua ausência, ela ter usado o oráculo de adivinhação;
- «Yamaya Konla/Akura», que vive na espuma originada pelo bater das ondas da praia-mar e com a roupa envolta em algas e lodo;
- «Yamaya Apará», a que dança de modo alegre e elegante e vive na água doce da confluência de dois rios, onde se encontra com ‘Oxum’;
- «Yamaya Asesu», a mensageira de ‘Olokum’, muito séria e lenta, que se esquece do que lhe for pedido e vive na água suja e agitada.

Em acréscimo, interessa notar que só se considerar a existência de uma única ‘Iemanjá’, o que muda com as chamadas qualidades de qualquer um dos ‘Orixás’ é o lugar aonde se encontra e o caminho que é necessário percorrer para o cultuar.

³⁹ No Brasil, o culto ao ‘Orixá Iemanjá’ começou a realizar-se publicamente, a partir do ano de 1952 (Lacerda, A., 1989, p. 73).

Com efeito, não só os pescadores pedem a proteção de ‘Iemanjá’ para que a pescaria seja farta e segura, mas também os familiares, de todos os que se aventuram no mar, pedem que a sua faina seja concluída sem perigo (Lacerda, A., 1989, p. 71-76), (Vallado, A., 2002, p. 163-167), (Verger, P.F., 2002, p. 192-194).

2. ‘Orixá Regente do Escoamento e Armazenamento da Água nos Oceanos Profundos’:

- ‘Orixá Olokum’/‘Olokun’/«Olôkum»/«Olóòkun» (Ligiéro, Z., 2004, p. 108), (Verger, P.F., 1997, p. 53-55), (Verger, P.F., 2002, p. 190-192), (<https://www.vetorial.net/~rakaama/o-olokun.html>):
 - Pai de ‘Iemanjá’.
 - Divindade da sabedoria insondável, Senhor das habilidades psíquicas, dos sonhos, da meditação, da saúde mental e da cura à base de água.
 - Em Benim, ‘Deus dos Oceanos Profundos’, onde já não há luz solar e se juntam a água e o fogo, provenientes da camada pastosa e/ou das lavas do manto e do núcleo terrestres.
 - Em Ifé, ‘Deusa do Mar’, casada com “Orunmilá”.
 - Divindade hermafrodita, metade humana, metade peixe, do tipo sereia ou de grande serpente marinha – Figura 11.



Figura 11 – Ilustração do Orixá Olokum (https://aguasdeolokun.files.wordpress.com/2015/05/11269150_393586430829013_477956579_n.jpg).

Como uma Oração/Prece que saúda e louva o ‘Orixá Olokum’ na sua vertente feminina, tem-se a considerar numa tradução para Português (<https://www.iqilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/orixa-olokun/>):

“Eu saúdo a Senhora dos Oceanos.
Eu saúdo a Senhora dos Oceanos cuja grandiosidade não me cabe entender.
Olokun, minha fé é tão grande
quanto a quantidade de água existente nos mares.
Da mesma forma
Permita que haja paz em meus caminhos!
Olokun, espírito imutável
A quem reverencio com muito respeito!
Axé, axé, axé!”

Em acréscimo, torna-se também interessante apresentar o poema da ‘Canção’ de ‘Gilberto Gil’, intitulado “Yá Olokun”, composto por ‘Mônica Millet’ e com música de ‘Fred Vieira’, publicado em 1991, por ‘Gege Produções Artísticas, seguinte (fonte: Musixmatch):

“Ribeira, eu peço licença
P’ra as águas do mar, olokum
Yê olokum, yá ollokum

São pontos de areia
Os destinos brilhando num só
Olokum
Yê olokum, yá olokum

As águas salgadas
Os homens sujaram o mar, olukum
Yê olokum, yá olokum

Vamos salvar o dique do tororó
Bahia de todos os santos
Sol e areia, êa, êa, êa

Perpetuar
Aqueles que nos dão
A maré vazia e também a maré cheia”

O Quadro XIV apresenta uma selecção de atributos práticos, habitualmente, usados na Umbanda no Culto do ‘Orixá Olokum’ (Ligiéro, Z., 2004, p. 108), (Verger, P.F., 1997, p. 53-55), (Verger, P.F., 2002, p. 190-192), (<https://www.vetorial.net/~rakaama/o-olokun.html>).

Quadro XIV – Atributos Práticos do ‘Orixá Olokum’

TIPO DE ATRIBUTO	DESCRIÇÃO
Saudação	«Kum Kum Bá Olokum» ou «Maferfun Olokun»
Sincretismo Católico	São Pedro, Neptuno no Panteão Romano
Dia da Semana	Sábado
Cores	Branco, verde-claro, azul claro e marinho e preto
Animal	Serpente marinha
Símbolo	Tridente, serpente marinha
Elementos da Natureza	Oceano profundo
Dia da Festa	27 de Junho
Temperamento	Misterioso e ameaçador
Comida	“Akará”, tiras de banana frita e porco frito
Bebida	Espumante
O que pedir	Prosperidade, boas pescas, ascensão política, ajuda mulheres que desejam ter filhos
Significado	Inconsciente coletivo, Memória pré-histórica do ser humano
Filiação	‘Orixá da Criação’

Na cultura africana, o ‘Orixá Olokum’ possui diferentes representações. Para certos povos ‘Ioruba/Yorubá’ apresenta ‘as características do sexo masculino, enquanto noutros locais, como na zona da cidade de ‘Ifé’, é do sexo feminino. No entanto, qualquer que seja a sua forma, ‘Deus ou Deusa’, o ‘Orixá Olokum’ é sempre representado com corpo metade peixe e metade ser humano. Além disso, na ‘Mitologia Africana’ crê-se que, enquanto o homem não conseguir compreender os verdadeiros mistérios escondidos no mais profundo do mar, será impossível desvendar com maior detalhe o ‘significado de Olokum’, isto é, o “Odú de Olokum”, um ‘Orixá’ muito respeitado tanto na Umbanda como no Candomblé. De facto, qualquer que seja a ‘Religião’ e/ou a ‘Mitologia Africana’ considerada, a história conta, sistematicamente, que foi sempre a partir das ‘Águas de Olokum’ que se deu a criação de toda a vida. Em particular, diz-se que, sozinho, ‘Olokum gerou Iemanjá’ e que as baleias trabalham para si, sendo as suas mensageiras. Por ser um ‘Orixá’ muito reservado e com um temperamento compulsivo e violento, ninguém ousa irritar ‘Olokum’, devendo ser, sempre, tratado com todo o respeito. Com efeito, ‘Olokum’ é considerado, em todas as nações das religiões Africanas, como o mais temido e perigoso dos ‘Orixás’ (Ligiéro, Z., 2004, p. 108), (<https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/orixa-olokun/>):

- Uma das histórias/lendas que se contam sobre a vida do ‘Orixá Olokum’ e demonstram quão grande pode ser a sua ira, é a história, que se repete nas mais diversas mitologias, do ‘grande dilúvio’, em que num acesso de fúria e de demonstração do seu poder contra ‘Olorum/Zambi’, ‘Olokum’ quase destruiu toda a humanidade com uma frenética agitação as águas dos Oceanos. Para conter ‘Olokum’ foi necessário prendê-lo e acorrentá-lo fortemente ao fundo do Mar.
- ‘Olokum’ é, também, o símbolo da saúde e da riqueza, ambas munidas duma energia tão misteriosa que, em geral, podem surgir e desaparecer com toda a facilidade. Este é um ‘Orixá’ que é cultuado em algumas Casas tradicionais, mas que não possui cânticos no ‘Xirê’/gira/sessão, nem tem “Iawos”/’Filhos de Santo’, feitos para este ‘Orixá’, embora ele seja homenageado durante as festas em honra de ‘Iemanjá’. Na ferramenta de ‘Olokum’ são representados dois espíritos:
 - ‘Acaro’, em representação da morte;
 - ‘Samugagawa’, em representação da vida.

Estas representações demonstram quão poderoso é o ‘Orixá Olokum’ que, conforme se costuma dizer, ocupa o segundo lugar do ‘Panteão Ioruba/Yorubá’, logo atrás de ‘Zambi/Olorum’.

Quanto a comunicação, ela “é, sempre e só”, realizada através de ‘Iemanjá’, não existindo qualquer outra forma de comunicação, com ou de ‘Olokum’. Além disso, interessa referir que o ‘Orixá Olokum’ “não faz cabeça das pessoas, ele somente se assenta”, razão por que todos aqueles que, provavelmente seriam ‘Filhos de Olokun’ são feitos como ‘Filhos de Iemanjá/Yemanjá’. Em suma, o ‘Orixá Olokum’ remete-nos para as “profundezas insondáveis do inconsciente coletivo”, aonde se considera que a “memória pré-histórica da humanidade” guarda as lembranças/recordações do tempo em que a humanidade ainda não estava na era do “*Homo Erectus*” e, muito menos, na do “*Homo Sapiens*” (Ligiéro, Z., 2004, p. 108), (Verger, P.F., 2002, p. 191-192), (<https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/orixa-olokun/>).

3.2.3.3 – Orixá Regente do Escoamento Subterrâneo da Água

No escoamento subterrâneo das águas pluviais tem-se a considerar um ‘Orixá’ que, para além de outras especificidades, tem a seu cargo a conclusão do ‘Ciclo da Água’, com a regência das águas subterrâneas e a subsequente ligação da fase de escoamento à de evaporação da água.

- ‘Orixá Regente do Escoamento e Armazenamento da Água Subterrânea’:

- ‘Orixá Xangô’/«Sangô»/«Sogbo»/«Kibuco»/«Sàngó» (Albuquerque, V., 1988, p. 43-50), (Verger, P.F., 1997, p. 33-36), (Verger, P.F., 2002, p. 134-141):
 - ‘O Orixá da Justiça, Senhor das Pedreiras, do Trovão e do Fogo do Céu’.
 - Senhor das Profundezas da Terra, bem como de tudo o que desta irrompe: Géiseres, fontes termais e vulcões, na qualidade de Aganju⁴⁰.
 - Rei da cidade Nigeriana de “Oyó”/«Ôyô».
 - Guerreiro forte, viril, violento, orgulhoso, apaixonado e justiceiro, por excelência.
 - Fogo, trovões e raios simbolizam ‘Xangô’, um ‘Orixá’ másculo, viril, agressivo, violento e justo, que atua em questões relacionadas com a justiça em toda a extensão da vida –
- Figura 12.

⁴⁰ Existem versões, em que «Aganju» e «Xangô» são entidades diferenciadas, isto é, «Aganju não é o Orixá Xangô». Nestes casos «Aganju» é considerado uma Divindade Primordial, um «Irawo», uma estrela, o fogo das entranhas geotérmicas da Terra/géiseres/fontes termais e/ou, ainda, as «Oke onine», montanhas de fogo/vulcões (Ebomi, A., 2013).

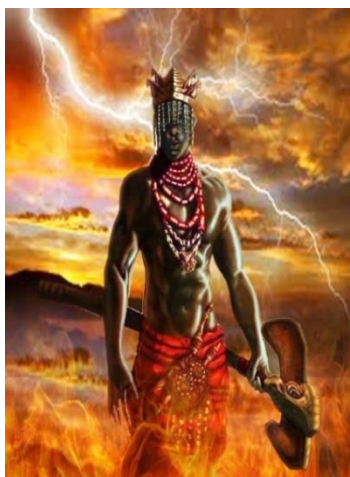


Figura 12 – Ilustração do Orixá Xangô (<https://i2.wp.com/umbandaeucurto.com/wp-content/uploads/2017/06/xangô.jpg>).

A saudação, que se segue, constitui um “testemunho da elegância, do garbo de Xangô e das suas maneiras galantes, com as quais seduziu Oiá-Iansã, a mulher de Ogum”, bem como da sua bravura e/ou valentia (Verger, P.F., 2002, p. 135, 136):

“Entre os clientes de Ogum, o ferreiro, havia Xangô,
que gostava de ser elegante,
a ponto de trançar os seus cabelos como os de uma mulher.
Havia feito furos nos lóbulos de suas orelhas,
onde usava sempre argolas.
Ele usava colares de contas.
Ele usava braceletes.
Que elegância!!!
Este homem era igualmente poderoso pelos seus talismãs.
Era guerreiro por profissão.
Não fazia prisioneiros no decurso de suas batalhas
(matava todos os seus inimigos).
Por essa razão, Xangô é saudado:
Rei de Kossô, que age com independência!”

Como ‘Ponto Cantado’ em louvor do ‘Orixá Xangô’, que versa não só o lugar onde se situa a sua morada, mas também a sua ligação a outros ‘Orixás’, num conjunto sincrético da ‘Umbanda’ com a ‘Religião Católica’, considera-se:

“Dizem que Xangô mora na pedreira,
mas não é lá a sua morada verdadeira...
Dizem que Xangô mora na pedreira,
mas não é lá a sua morada verdadeira...

Ele veio de tão longe, de uma cidade luz,
onde mora Zambi, Oxumaré e Jesus.
Ele veio de tão longe, de uma cidade luz,
onde mora Zambi, Oxumaré e Jesus.

O Quadro XV apresenta uma selecção de atributos práticos habitualmente usados na Umbanda no Culto do ‘Orixá Xangô’ (Albuquerque, V., 1988, p. 43-50), (Linares, R.A. &

Trindade, D.F., 1987, p. 17-59), (Maurício, G. & Barros, V., 2004, p. 126-130), (Molina, N.A., p. 17-60), (Tavares, I., 2001, p. 89- 145), (Verger, P.F., 1997, p. 33-36), (Verger, P.F., 2002, p. 134-141).

Quadro XV – Atributos Práticos do ‘Orixá Xangô’

TIPO DE ATRIBUTO	DESCRIÇÃO
Saudação	«Kawô, Kawô Kabecilé» Meu Pai Xangô
Sincretismo Católico	S. Jerónimo, S. João Baptista, Sto. António, Moisés
Dia da Semana	Quarta-feira
Cores	Vermelho e branco, castanho e grená
Animal	Carneiro
Símbolo	Oxé (machado de dois gumes), relâmpago
Elementos da Natureza	Tempestades, raios, trovões, montanhas e rochas
Dia da Festa	24 de Junho, 30 de Setembro
Temperamento	Generosidade e prepotência
Comida	Acarajé, rabada com quiabos
Bebida	Cerveja preta
O que pedir	Justiça
Significado	Senhor da Justiça, Pedreiras, Raios e Trovões e Fogo
Filiação	‘Oxalá’ e ‘Iemanjá’

Xangô, rei, conquistador, bonito, vaidoso e sensual que, segundo se diz, pouquíssimas foram as mulheres capazes de resistir ao seu encanto e aos seus dons, tanto que foi disputado por três das mais poderosas ‘Orixás’. Como referido, nas suas principais características conta-se a misericórdia, a justiça, a lealdade e o espírito guerreiro, com um arquétipo de conquistador justo, simbolizado pelo fogo, dos raios dos céus e pelo ímpeto da coragem, garra, vigor e dinamismo, tudo o que existe em ‘Xangô’ demonstra as características do elemento que o rege. Dominador das chamas e ‘Deus dos raios’, ‘Xangô’ controla sem piedade as forças do Universo e não há quem escape à justiça deste forte Orixá, porque os seus olhos alcançam tudo o que a alma expressa e, tentar enganá-lo, é tornar a ainda pior a sua ira, pois diz-se que quem escapa à condenação dos humana, nunca se livrará da justiça de Xangô. Em contrapartida, ele também é um grande protector e, como líder avança sempre à frente dos seus filhos e de todos os que buscam a sua orientação e segurança. Segundo a história, ‘Xangô’ era filho de ‘Bayani’ e marido de ‘Iansã’, a ‘Deusa dos ventos’, bem como de ‘Oxum’ e ‘Obá’. Como ‘Xangô’ tinha nascido para reinar, as suas lendas versam, principalmente, sobre o seu sentido de justiça (Tavares, I., 2001, p. 137-139), (<https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-xango/>):

- Em determinado momento os seus opositores terão recebido ordens expressas para destruir todo o exército de ‘Xangô’ e, mesmo, o próprio ‘Orixá’. ‘Xangô’, os seus ministros e os soldados estavam a perder a batalha e todos os seus homens estavam a ser executados, os corpos a serem destroçados e o poder do inimigo tornava-se cada vez mais forte e claro. Certo

dia, em que o Orixá Xangô meditava no alto de uma pedra, reflectia sobre a situação que estava a acontecer e elaborava planos para derrotar seu inimigo, observou a tristeza e, bateu com o seu martelo numa pedra que estava próxima. Esta acção provocou faíscas tão fortes que pareciam uma catástrofe e, quanto mais forte ele batia, maior era a força que as faíscas tinham para atingir os seus inimigos. Inúmeras foram as vezes que Xangô bateu com o seu machado nessa rocha e, os seus inimigos foram sendo vencidos, fazendo com que ele triunfasse e saísse vencedor. De facto, foi a força das faíscas que saíam do seu machado que aniquilou e venceu os inimigos. Após prender todos os que tinham sobrevivido à batalha, os ministros de Xangô clamaram por justiça e pediram a destruição completa dos opositores. Foi, então, que ‘Xangô’ terá proferido a célebre frase:

*- “Não!... De forma alguma faria isso, pois
o meu ódio não pode ultrapassar os limites da justiça.”*

E de seguida, ‘Xangô’, o ‘Orixá da misericórdia’ afirmou que os soldados apenas cumpriam ordens, pelo que só os seus líderes mereciam sofrer a sua punição, fúria e ira e, elevando o seu machado aos céus, ‘Xangô’⁴¹ gerou uma sequência de raios que destruíram todos os chefes inimigos, enquanto libertava os restantes guerreiros que, gratos, passaram a servi-lo com toda a lealdade.

- Outra história dos seus mitos conta que num treino de guerra, Xangô ateou fogo ao seu reino e, conforme as regras, ele teve de desafiar o seu melhor general para uma luta. Nessa luta, ‘Xangô’ terá saído derrotado, pelo que ainda segundo as mesmas normas, ele teve de pôr termo à sua vida, por ter cometido um erro que tinha causado muito sofrimento ao seu povo.

⁴¹ Na Baía, considera-se a existência de doze qualidades de Xangô (Albuquerque, V., 1988, p.48-49), (Verger, P.F., 1997, p.33), (Verger, P.F., 2002, p. 140):

- «Dadá/Baàyònni», Divindade das crianças, em especial dos recém-nascidos, que não baixa, irmão/irmã de «Sàngò», monarca bondoso e fraco que abdicou em favor do irmão. Orixá dos vegetais, cuja cabeça era enorme e balançava para os lados;
- «Obá Afonjá», o «Sàngò» da casa real de «Oyo» que foi para o Brasil;
- «Obalubé/Ọbà Olúgbẹ/Olú Egbẹ», chefe da comunidade, orgulhoso e intratável;
- «Ogodô/Godo Pa/Ọgòdo», o nome de «Sàngò» quando foi para o ‘território de Tapá/País de Tapa’, um guerreiro/soldado brutal;
- «Oba Kossô/Ọbà Koso», o rei de ‘Koso’, que se enforcou, pendurado numa árvore;
- «Jakutá/Sàngò Jakuta», o castigador dos malfeitores/vítimas, o ‘Senhor dos Meteoritos’, os «Edùn-àrá»;
- «Aganju», o filho mais novo e preferido, que herdou a fortuna do pai, e também o mais jovem e mais cruel dos «Sàngò», que “leva o coração na ponta da lança” e “comeu a mãe”;
- «Baru», o «Sàngò» que não come «àmàlà», nem quer saber de quiabos;
- «Oranian/Oloroke», o pai de «Sàngò», fundador do ‘Reino de Oyó’, situado na terra dos ‘Iorubas’;
- «Airá Intilé/Aira Intila», o «Sàngò» velho e ligado a ‘Oxalá’;
- «Airá Igbonam/Aira Igboná/Babá Bonã», o ‘Pai do Fogo’;
- «Airá Adjaosi/Aira Òsi», um «Sàngò» mais calmo e menos intelectual.

Então, logo de seguida, ‘Xangô’ enforcou-se, mas inexplicavelmente, o seu corpo desapareceu num buraco do solo, donde surgiu uma corrente de lava e ferro, que parecia simbolizar o fim da geração humana mas, repentinamente, seguiu-se o aparecimento de correntes e jactos de água, os ‘Géiseres’, que vieram representar a renovação da vida. Nesse momento, ‘Xangô’ foi consagrado ‘Orixá’, passando, na sua forma divina, a ser considerado filho de ‘Oxalá’ e de ‘Iemanjá’.

Enfim, ímpeto, impulso, ação, transformação e destruição são os elementos sempre presentes na mitologia do ‘Orixá Xangô’ e o seu elemento principal, o fogo, acompanha os seus filhos e filhas. Ambiciosos, os ‘Filhos de Xangô’ gostam de sucesso e fortuna, são inflexíveis, e agem com autoridade. Apesar disso, o elemento água também faz com que sejam, simultaneamente, bondosos, justos, misericordiosos, generosos e inteligentes. É fácil reconhecê-los, até mesmo pelo seu aspecto físico, bem característico. São pessoas de porte forte, que engordam facilmente e é tanta a sua auto-estima e energia que, mesmo com excesso de peso, não são pessoas sedentárias, lutando sempre pelas questões em que acreditam (<https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-xango/>).

3.3 – Considerações Finais

As religiões tradicionais Africanas passaram por diferentes fases do seu desenvolvimento. Inicialmente deverá considerar-se o período do chamado “Totemismo”, em que existia uma espécie de sistema regulador do relacionamento entre os vários grupos de indivíduos, que foi evoluindo dos clãs de indivíduos, para as tribos, acabando por se estender por extensões significativas do território Africano. Este «Totemismo» baseava-se na crença do ser humano descender dum “Totem”, um animal sagrado, bem como na reencarnação da alma dos mortos humanos para o corpo do “Totem” que, por sua vez, também foi evoluindo para o «Animismo», que considera a alma intimamente ligada não só aos animais e ao homem, com especial destaque para o «culto dos ancestrais», a «deificação dos antepassados» baseado na crença dos antepassados mortos poderem influenciar a vida das gerações posteriores, mas também a diversos objectos, em geral objectos rituais, a lugares e fenómenos da natureza com espíritos locais, os denominados «Génios do Sítio», e a feitiços que se podem acumular em objectos, pessoas e/ou grupos como invólucros invisíveis de poder ou energia, o chamado «nyama» (Gromiko, A., et. al., 1987, p. 54-63), (Tôrres, F., 1944, 114-231).

Em termos evolutivos das religiões Africanas tradicionais e sincréticas importa dar especial destaque à sacralização do poder do soberano, ocorrida na África a Sul do Deserto do Saara, que originou a instituição dos chamados «Reis Sacros», que reverencia a personalidade desses soberanos, reis, chefes de tribos e/ou «sobas» (Gromiko, A., et. al., 1987, p. 116), (Tôres, F., 1944, 134-136), de que o Orixá Xangô constitui um exemplo muito importante.

Por outro lado, no domínio da dita sacralização que teve lugar em muitas regiões Africanas, tem-se ainda a considerar a sacralização dos principais meios de subsistência, tais como o gado, as terras e as águas. Em particular, a água foi sacralizada, tendo em conta os diferentes tipos de formas e/ou reservatórios em que se pode apresentar (Gromiko, A., et. al., 1987, p. 127-132):

1. A sacralização das águas pluviais que, ao cair, se distribuíam pelas várias regiões;
2. A sacralização dos diversos reservatórios, grandes ou pequenos, tais como rios, lagos, nascentes, cachoeiras;
3. A sacralização das grandes extensões de água, com sejam os mares, os oceanos e/ou as cataratas e cascatas;
4. A sacralização das águas subterrâneas, tidas como as fontes de vida.

A sacralização dos principais meios de produção pertencentes à realidade quotidiana e, em especial, da água, como substância vital por excelência, fez com que o pensamento religioso Africano evoluísse e surgissem os diferentes Orixás regentes dos diversos fenómenos da Natureza, bem como dos vários meios de produção vitalmente importantes. Nesta conformidade, constata-se que no Panteão Africano existe uma predominância de Deuses, Divindades e/ou Deidades do género feminino cuja actividade protectora se relaciona com as diversas fases/processos de transformação do ciclo hidrológico, razão pela qual a denominação ‘Mãe d’Água’ é sistematicamente atribuída a todas elas, quer pertençam permanentemente ao género feminino, quer se apresentem na vertente feminina do seu carácter hermafrodita e/ou da sua natureza andrógina.

Em suma, interessa também salientar a existência do vasto leque de Deuses, Divindades e/ou Deidades no Panteão Africano, os ‘Orixás da Umbanda’, em apreço, cuja regência é atribuída e/ou se relaciona com cada uma das diferentes fases do ciclo da água, desde a evaporação da água contida nos diversos reservatórios terrestres, à sua precipitação sob a forma de chuva e neve, até ao escoamento das águas superficiais e subterrâneas, sempre no âmbito do movimento contínuo de transferência do ciclo hidrológico.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

A água, desde sempre compreendida como um bem essencial de propriedades, comportamento e importância únicas, é o meio/lugar onde a vida terá nascido, a fonte da vida. Se a água fica poluída, a vida torna-se difícil e se um dia faltar, a vida acabará por desaparecer.

Simbolicamente, a água sempre esteve associada à criação, à fecundidade e à maternidade, como elemento de purificação e regeneração contínua, que se perpetua no planeta Terra através dos sucessivos ‘Ciclos da Água’, isto é, consubstanciado nos três processos de transferência principais do ‘Ciclo Hidrológico’: ‘Evaporação, Precipitação e Escoamento’ das águas pluviais, para armazenamento e posterior recomeço do ‘Ciclo da Água’, por ação da luz e calor solares.

Em termos das origens da Umbanda e do chamado “Afrocentrismo” interessa dar especial relevo à convivência da comunidade Afro-negra com a sua história de sofrimento, como povo escravizado, bem como à sua corajosa luta pela libertação, pelo que a teologia Afro-negra não deverá basear-se unicamente na história do Cristianismo em África⁴². Assim, no domínio da teologia Afro-negra, mesmo a mais remota, deverá sempre ter-se em consideração toda a teologia que foi desenvolvida pelas comunidades Afro-negras nas Américas, a partir do século XVI, designadamente as que “tomaram formas sistemáticas” no século XX, quer nos Estados Unidos da América [E.U.A.], no final da década de 60, quer no Caribe e América Latina, na década de 80⁴³ (Leyva, P.A., p. 4).

Nesta perspectiva, também o “Afrocentrismo”, em termos de tipologia hermenêutica e da teologia Afro-negra actual, alicerçada na Bíblia, na história dos povos Afro-negros e na história do Cristianismo, poderá enriquecer os ‘Fundamentos da Umbanda’ e, mesmo, a anteriormente referida, definição de Umbanda, considerando-a como (Leyva, P.A., p. 4):

*“A reflexão da experiência histórica e transcendente
dos povos Africanos e dos seus descendentes
com a realidade Divina”.*

⁴² Mais de 70% dos maiores teólogos da Igreja Cristã, anterior ao séc. V, foram Africanos. De referir, são, por exemplo: Orígenes de Alexandria, Atanásio, Cipriano, Tertuliano, Agostinho de Hipona, bem como os três Papas Africanos: Victor I, 189-199, Melquíades, 311-314 e Gálsio I, 492-496 (Leyva, P.A., p. 4).

⁴³Embora, como referido, a Umbanda no Brasil remonte ao ano de 1908 e o seu primeiro organismo de carácter nacional, o Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda [CONDU], tenha sido criado no Rio de Janeiro a 12 de Setembro de 1971 (Cysneiros, I. & Omulubá, 1985, p. 105-111).

Em acréscimo, a teologia Afro-negra poderá ainda ser condensada nos três “blocos hermenêuticos” seguintes (Leyva, P.A., p, 4, 5):

- 1) “Teologia Afro-negra Cristã da Denúncia”, com especial ênfase na relação tripla de “Escravidão-Teologia-Igreja”, que avalia as ideias e as ações dos ‘Senhores brancos’ da época colonial na América. Neste bloco, o Afro-negro é visto, por um lado, como uma vítima da escravatura e da teologia oficial da Igreja e, por outro, como um lutador rebelde, o “*quilombola*”, que conseguiu a sua libertação devido à resistência oferecida pelos seus ancestrais⁴⁴;
- 2) “Teologia Afro-negra Cristã Macroecuménica”, que se esforça por mostrar e discutir a metodologia do ‘Sincretismo’, explicada em termos antagónicos de “permanência e ruptura” das ‘Religiões Africanas e Afro-Latino-Americanas’, em relação ao Cristianismo;
- 3) “Teologia Afro-negra da Autonomia”, em que o debate se centra na análise da realidade Afro-negra, sem que seja abandonada a reflexão sobre as relações “Escravidão-Igreja” e “Cristianismo-Religiões Afro-Brasileiras”, mas que aprofunda essa reflexão não definindo o Afro-negro como um subordinado, um sofredor e/ou um coitadinho, já que o Afro-negro nem sempre terá sido a vítima, nem o agente principal do sincretismo.

Ainda no contexto do “Afrocentrismo”, a avaliação da ideologia do sistema colonial deverá ter em consideração o seguinte (Leyva, P.A., p. 3):

- Quando a Igreja teve a possibilidade de ensinar o Catecismo, a Catequese foi genericamente uma “doutrinação de submissão”;
- A teologia Afro-negra Cristã tem vindo a esforçar-se por mostrar e discutir não só o ‘Sincretismo’ em relação ao Cristianismo, mas também a manutenção e as rupturas ocorridas nos conceitos fundamentais das religiões Africanas;
- A teologia Afro-negra, como instrumento de análise da sua realidade, define o Afro-negro como um ser humano que age e interpreta a Divindade e o mundo de acordo com o seu modo de pensar, isto é, com a sua própria lei.

Quanto à distribuição de características, particularidades e/ou atributos dos ‘Orixás do Panteão da Umbanda’, mais cultuados e conhecidos, relativamente aos três processos de transferência principais do ‘Ciclo Hidrológico’: ‘Evaporação, Precipitação e Escoamento’ das águas pluviais, para armazenamento e recomeço do ciclo da água, observa-se o seguinte:

⁴⁴ Como por exemplo, são de considerar os casos da Rainha Ginga, Zumbi, Shaca, Lumumba, Henri-Christophe, Marcus Garvey e Malcolm X, entre outros” (Leyva, P.A., p. 4).

- No ‘Processo de Evaporação da Água Superficial’, em geral, provocada pela luz e calor do Sol, a análise das características fundamentais dos diversos ‘Orixás da Umbanda permitiu que a selecção realizada recaísse num único ‘Orixá’’:
 - ‘Orixá Oxumaré’, por ser o ‘Senhor do Arco-Íris, da Evaporação da Água e o Mensageiro da Chuva’, avisa que a chuva vem de novo, muito embora algumas lendas tradicionais permitam denotar uma certa função coadjuvante de ‘Bessém/Euá’, a sua irmã gémea;
- No ‘Processo de Precipitação da Água’, que pode cair como granizo, neve, ou sob a forma de vários tipos de chuva, a selecção realizada centrou-se, principalmente, nos tipos de precipitação que a tradição protagoniza como característicos de cada um dos três ‘Orixás considerados’:
 - ‘Orixá Nanã’, por ser a ‘Grande Mãe da Lama Primordial e da Chuva Fina’;
 - ‘Orixá Éua’, por ser a ‘Senhora do Branco e da Lua Cheia’ que governa a ‘Chuva Contínua e Forte’, que provoca as ‘Enchentes dos Rios e Grandes Lagos’, o aparecimento de neblina, nevoeiro e orvalho, bem como a eventual queda de ‘neve e granizo’, para além de também ser a ‘Deusa do Rio «Yewa»;
 - ‘Orixá Iansã’, por ser a ‘Senhora dos Ventos, do Raio, das Tempestades e da Chuva Forte, associada à Tempestade, a que cumulativamente se associa o facto de ser a ‘Deusa do Rio Niger’;
- No ‘Processo de Escoamento da Água’, que vai abastecer os vários reservatórios terrestres e/ou infiltrar-se no solo, a análise efectuada permitiu-me escolher três ‘Orixás’, dois deles relacionados com Rios e o outro com a água existente nas Matas, a que se associam, por um lado, os Riachos e as Cachoeiras e, por outro, a Turbulência provocada pela junção desses dois rios, acrescida de mais três ‘Orixás’, dois dos quais relacionados com os Oceanos, isto é, com os grandes reservatórios de água que cobrem e dão a característica cor azul ao Globo Terrestre, a que se associa, para concluir, o ‘Orixá’ relacionado com as águas subterrâneas e o retorno à superfície e à atmosfera das águas pluviais que se infiltraram no solo terrestre:
 - ‘Orixá Oxum’, por ser a grande ‘Rainha das Águas Doces e das Cachoeiras’ e a ‘Senhora do Rio’ «Ôsun»;
 - ‘Orixá Logun Ede’, por ter herdado as características da sua mãe ‘Oxum’, embora mais relacionado com as ‘Águas Doces’ existentes nas ‘Matas’, o domínio do seu pai ‘Oxóssi’;

- ‘Orixá Obá’, por ser a ‘Senhora do Rio «Obà» e da Turbulência’, provocada pela junção de dois rios, o Rio «Obà» e o Rio «Ôsun»;
- ‘Orixá Iemanjá’, por ser a ‘Grande Rainha das Águas do Mar’, a ‘Senhora dos Oceanos’ e a incontestável ‘Deusa da Fecundidade’;
- ‘Orixá Olokum’, por ser a ‘Grande Serpente Marinha’, uma ‘Divindade Hermafrodita’, metade peixe, metade humano, que é cultuado como o ‘Deus dos Oceanos Profundos’ em Benim, e como a ‘Deusa do Mar’, em Ifé;
- ‘Orixá Xangô’, por ser o ‘Senhor do Trovão, do Fogo do Céu, das Pedreiras, das Profundezas da Terra e de Tudo o que desta irrompe’, donde se destaca o caso das ‘Águas Termiais’ e dos ‘Géiseres’ que, sob a ação da luz e calor solares, contribuem para a renovação do ‘Ciclo da Água’, perpetuando a ligação da fase de ‘Escoamento da Água’ à de ‘Evaporação da Água’, ou seja, a transferência da água da ‘Terra para o Céu’.

Nesta conformidade, pensa-se que foi plenamente cumprido o objectivo deste trabalho/dissertação que pretendia estabelecer um paralelismo entre as diversas fases do ‘Ciclo da Água’ e ‘Deuses, Divindades e/ou Deidades’ de ‘Religiões Africanas’, capazes de demonstrar o carácter Africano da Umbanda e o relacionamento de diversos ‘Orixás do Panteão Religioso da Umbanda’ com o ‘Elemento Água’ e com os ‘Processos de Transferência do Ciclo Hidrológico’. Este é, pois, um trabalho que contribui para a sistematização e aprofundamento do conhecimento da Umbanda, em particular, e da Ciência das Religiões, em geral.

Numa perspectiva de trabalho futuro considera-se bastante interessante, a continuação e o alargamento deste tema ao estudo sistemático comparado quer de outros Orixás do Panteão da Umbanda, quer de outras religiões e dos seus ‘Deuses, Divindades e/ou Deidades’, relacionando-os com as diversas ‘Forças da Natureza’ e/ou com cada um dos quatro ‘Elementos Básicos da Criação’:

‘Água, Ar, Fogo e Terra’.

Em acréscimo, tal como referido no âmbito dos ‘Principais Fundamentos da Umbanda’ e, mais precisamente, na ‘7ª Etapa de Progressão Evolutiva da Umbanda, a ‘Linha dos Orixás’, ainda se costuma adicionar um quinto elemento que, no domínio esotérico e/ou místico das antigas filosofias, toma a denominação genérica de ‘Quinta Essência’, ou seja:

‘Éter/Espírito’.

Também em termos de tipologia hermenêutica, o alargamento do estudo realizado a este quinto elemento contribuirá para o enriquecimento da Ciência das Religiões e, em particular, dos ‘Fundamentos da Umbanda’.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- Albuquerque, Virgínia (1988), *Trabalho de Fundamentos Religiosos e Práticas do Terreiro de Umbanda Ogum Megê – TUOM*, Lisboa: Publicação interna, 74 pp.
- Allégre, Claude; Reis, Maria João, trad. (1996). *Os Ciclos da Água*, Geografia. Lisboa: Inst. Piaget, Coleção: Perspectivas ecológicas; 13. Tit. orig.: Écologie des villes, écologie des champs, ISBN: 972-8245-97-1, 226 p. Retirado a 13/2/2017 em http://cvc.instituto-camoes.pt/images/stories/tecnicas_comunicacao_em_portugues/Geografia/Geografia%20-%20Os%20ciclos%20da%20agua.pdf.
- Barcellos, Mário César (2008). *Os Orixás e o Segredo da Vida: Lógica, Mitologia e Ecologia*, Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora, Ltda., 5ª Edição, revista e ampliada, ISBN 978-85-347-0303-1, 190 pp.
- Conhecer melhor o planeta Terra*, Planeta Terra, Wikipedia, em <http://www.explicatorium.com/cfq-7/planeta-terra.html>). Acedido em 13/02/2017.
- Cousins, L.S. (1997). *Buddhism*, Part 8 in *The new Penguin Handbook of Living Religions*, London: Edited by Hinnells, J.R., Published by the Penguin Books 1998, 2nd Edition, p. 369-444.
- Cysneiros, Israel/Omulubá (1985). *Umbanda – Poder e Magia (Chave da Doutrina)*, Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora, Ltda., 2ª Edição, 126 pp.
- DellaMonica, J., (1997). *O Mundo Encantado dos Orixás*, S. Paulo: Madras Livraria e Editora Ltda., 157 pp.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2008-2013, em <https://www.priberam.pt/dlpo/>. Acedido em 10-02-2017.
- D’Obaluayê, Batista (2002). *O Livro de Ouro dos Orixás*, Rio de Janeiro: Editora Império da Cultura Ltda., ISBN: 85-86896-20-9, 259 pp.
- Duarte, Paulo Araújo (1999, Março). *Dados sobre o Planeta Terra*, Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, em <http://planetario.ufsc.br/dados-sobre-o-planeta/>. Acedido em 13/02/2017.
- Ebomi, Alberto (2013/06). *Aganju Não É o Orixá Xangô*, em <http://www.juntosnocandomble.com.br/2013/06/aganju-nao-e-o-orixa-xango.html>. Acedido em 19/12/2017.
- Etiquetas, Margarita (10/7/2008). *Nana*, em <http://reino-de-oxum.blogspot.com/2008/10/nan.html>. Acedido em 7/12/2018.

- Ferreira Dias, João (2012). *Candomblé em Português: História, Organização, Teologia*. AŞewétà/ Publicações da CPCY – Comunidade Portuguesa do Candomblé Yorùbá, 2ª Edição Revista e Ampliada, ISBN: 978-989-97829-0-7, 197 pp.
- Fontenelle, Aluizio (1952). *A Umbanda Através dos Séculos*. Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, Ltda., 5ª Edição, 270 pp.
- Freitas, Byron Tôrres & Freitas, Wladimir Cardoso (1986). *Os Orixás e a Lei de Umbanda: Código Sacerdotal Umbandista e Afro-Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Eco, 3ª edição, Publicado pela Editora Mandarinô Ltda., CGC 34.026.245/0001 – Insc. 81.202.540, 125 pp.
- Gard, Richard A. (1981). *Budismo*. Lisboa: Editorial Verbo, Sousa, A.M.C. (Tradução), As Grandes Religiões do Mundo 6, Novembro 1981, 270 pp.
- Gomes, Ângela Maria da Silva, (2009), *Rotas e Diálogos de Saberes da Etnobotânica Transatlântica Negro-Africana: Terreiros, Quilombos, Quintais da Grande BH*, Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Geografia, do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, G633r, Belo Horizonte, Brasil, 218 pp. Retirado a 1/06/2019 em www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MPBB-8DVGBM.
- Gromiko, A., Ismaguilova, R., Kobichanov, Iú., Malik-Simoniam, K., Charevskaia, B., Chpajnikov, G.; Mélnikov, G., trad. (1987). *As Religiões da África Tradicionais e Sincréticas*. Moscovo: Edições Progresso, 328 pp.
- Husain, Shahrukh (1997/2001). *Divindades Femininas*. Köln: Evergreen-Taschen GmbH. Título original: *The Goddess*, Duncan Baird Publishers Ltd., 1997/2001, Tradução Portuguesa, ISBN: 3-82283-8, 184 pp.
- Kardec, Allan; Salvador Gentile, trad. (1982). *O Livro dos Espíritos*. Araras: Instituto de Defesa Espírita, 15ª edição. Título original: *Le Livre des Esprits*, Edição U.S.K.B. (1954), 414 pp.
- Lacerda, Ariomar (1989). *Yemanjá, a Rainha do Mar*. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora, Ltda., Coleção Sorte e Destino, 2ª Edição, CDD – 299.64, CDU – 299.6, 92 pp.
- Leyva, P.A. *Tipologia da hermenêutica afro-negra*, 6 pp. Retirado a 25/07/2016 em <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/viewFile/2198/2095>.
- Ligiero, Zeca (2004). *Iniciação ao Candomblé*. Rio de Janeiro: Nova Era, Coleção Iniciação, 8ª edição, ISBN 85-01-04067-3, 148 pp.

- Lima, Luís Filipe de, (1967). *Oxum: A mãe da Água Doce*. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora, Ltda., 2008, Coleção Orixás 6, ISBN 978-85-347-0401-4, 240 pp.
- Linares, Ronaldo António & Trindade, Diamantino Fernandes (1987). *Xangô e Inhaçã*. São Paulo: Tríade Editorial, Ícone Editora Ltda, Coleção Orixás, Volume II, 85 pp.
- Lopes, Nei (1942). *Logunedé: “Santo Menino que o Velho Respeita”*. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora, Ltda., 2000, Coleção Orixás 1, ISBN 85-347-0210-1, 216 pp.
- Martinez, José Carlos, *Nanã*, ilustração, em <http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Nanã>. Acedido em 7/12/2018.
- Martins, Cléo (2001). *Euá: A Senhora das Possibilidades*, Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora, Ltda., Coleção Orixás 4, ISBN 85-347-0249-7, 186 pp.
- Martins, Cléo (2002). *Obá: A Amazona Belicosa*, Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora, Ltda., Coleção Orixás 5, ISBN 85-347-0256-X, 196 pp.
- Martins, Cléo (2008). *Nanã: A Senhora dos Primórdios*, Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora, Ltda., Coleção Orixás 7, ISBN 978-85-347-0406-9, 185 pp.
- Martins, Júlia Ritez (2011). *Encantaria na Umbanda*, Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto [FFCLRP] da Universidade de São Paulo [USP], como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia, orientada pelo Prof. Dr. José F. Miguel H. Bairão, 117 pp. Retirado a 01/06/2019, em <https://pt.scribd.com/doc/267946291/encantaria-de-umbanda-pdf>.
- Maurício, George & Barros, Vera (2004). *Presenteie seus Orixás e Ecuruns (Exus, Pombagiras, Caboclos e Pretos Velhos)*. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora, Ltda., ISBN 85-347-0363-9, 185 pp.
- Molina, N.A. *Saravá Oxum*, Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, Ltda., RJ - 038331, 3ª Edição, 125 pp.
- Molina, N.A. *Saravá Xangô*, Rio de Janeiro: Editora Espiritualista, Ltda., RJ - 049410, 4ª Edição, 110 pp.
- Oliveira, José Henrique Motta de (2008). *Das Macumbas à Umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira*, Limeira, SP: Editora do Conhecimento, Ltda., 1ª edição, ISBN 978-85-7618-146-X, 153 pp.
- Pereira, Linconly Jesus Alencar (2012). *A Umbanda em Fortaleza: Análise dos Significados Presentes nos Pontos Cantados e Riscados nos Rituais Religiosos*, Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação da Faculdade de Educação da

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil, orientado pela Prof. Dra. Maria Zelma de Araújo Madeira, 142 pp. Retirado a 07/06/2019, em <https://www.radarciencia.org/umbanda/3/>.

Planeta Terra, Kerdna Produção Editorial, Ltda., em <http://planeta-terra.info/>. Acedido em 13/02/2017.

Pordeus Jr., Ismael (2009). *Portugal em Transe, Transnacionalização das Religiões Afro-Brasileiras: Conversão e “Performances”*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais de Lisboa, Coleção Breve – Antropologia, 2ª Edição, ISBN 978-972-671-233-6, CDU 2-4, Dezembro de 2009, 168 pp.

Portugal, Fernandes (1986). *Axé, Poder dos Deuses Africanos*. Rio de Janeiro: Editora Eco, 3ª edição, Publicado pela Editora Mandarino Ltda., CGC 34.026.245/0001 – Insc. 81.202.540, 132 pp.

Prebish Charles S., Keown Damien (2006). *Buddhism – The Ebook – An Online Introduction*, Copyright © 2006 by Journal of Buddhist Ethics Online Books, Ltd., 3rd. Edition, ISBN 0-9747055-6-X (ebook), 437 pp.

Primo, J. & Mateus, P., *Normas para Elaboração e Apresentação de Teses de Doutorado (Aplicáveis às dissertações, trabalhos de projecto e relatórios de estágio de Mestrado)*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia – Reitoria, Julho 2014, 52 pp., inclui apêndice com 9 pp., anexos com 23 pp.

Ramos Ventura, Pedro Paulo (2016). *Hermeneutica Negra*, 15pp. Retirado a 14/07/2016 em <http://www.adp.maculusso.com/artigos/hermeneutica.pdf>.

Renou, Louis (1980). *Hinduísmo*. Lisboa: Editorial Verbo, Silva, M.F. (Tradução), As Grandes Religiões do Mundo 3, Setembro 1980, 301 pp.

Ribeiro, José (1980). *Comidas de Santo e Oferendas*. Rio de Janeiro: Editora Eco, 118, 10.^a Edição, publicada pela Editora Mandarino Ltda., C.G.C. 34.026.245.0001/00 – Insc. 81.202.540, 123 pp.

Ribeiro, Josenilda Oliveira (2012). *Sincretismo Religioso no Brasil: Uma Análise Histórica das Transformações no Catolicismo, Evangelismo, Candomblé e Espiritismo*, trabalho apresentado à disciplina de história da cultura brasileira, para obtenção parcial de nota no curso de graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Pernambuco, CCSA, 29 pp. Retirado a 29/07/2016, em <http://estrategistas.com/wp-content/uploads/2013/06/Sincretismo-religioso-no-Brasil-Josenilda-Ribeiro.pdf>.

- Rivas Neto, F. (Arapiaga) (1950/1993). *Umbanda, o Arcano dos 7 Orixás*, S. Paulo, Brasil: Ícone editora, 1ª ed. revista, ISBN 85-274-0232-7, 237 pp.
- Rivas Neto, F. (Arapiaga) (1993). *Umbanda. A Proto Síntese Cósmica*, S. Paulo, Brasil: Ícone editora, 2ª ed. revista, ISBN 85-274-0257-2, 606 pp.
- Rivas Neto, F. (Arapiaga) (1996). *Fundamentos Herméticos de Umbanda (Fundamentos Cósmicos de Umbanda)*, S. Paulo, Brasil: Ícone editora, ISBN 85-274-0410-9, 322 pp.
- Rivas Neto, F. (Yamunisiddha Arhapiagha) (1989/2004). *Umbanda. A Proto Síntese Cósmica - Epitemologia, Ética e Método da Escola de Síntese*, S. Paulo, Brasil: Editora Pensamento-Cultrix LTDA., 3ª ed. Revista e ampliada, Copyright © 2002 F. Rivas Neto (Arhapiagha), 392 pp.
- Sampaio, Dilaine Soares (2007). *“De Fora do Terreiro”: O Discurso Católico e Kardecista sobre a Umbanda entre 1940 e 1965*. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brasil, 217 pp. Retirado a 31/05/2019 em www.ufjf.br/biblioteca/2011/04/20/biblioteca-digital-disponibiliza-teses-e-dissertacoes-para-consulta-bibliografica/.
- Santos, Mário Carmelo Barbosa (2009). *Sincretismo Afro-Católico entre Oxum e Nossa Senhora do Carmo*, Dissertação de Mestrado, Recife: Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, CDU 299.6, 114 pp. Retirado a 29/07/2016 em http://www.unicap.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=454.
- Santos, Orlando José (1993). *O Ebó no Culto dos Orixás*. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora Ltda., Série Orò – Vol. 3, ISBN 85-347-0017-6, 140 pp.
- Santos, Thiago Lima (2009). *A História e a Construção da Identidade Religiosa Afro-Brasileira*, Goiânia, UFG-Campus II: Sociabilidades Religiosas, Mitos, Ritos e Identidades: XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, ISBN 978-58-7103-564-5, 25-27 Maio 2009, 7 pp.
- Saraceni, Rubens (2004). *Código de Umbanda*, S. Paulo, Brasil: Madras Editora, Lda., ISBN 85-7374-907-5, 570 pp.
- Serrão, Luís (2003). *O Livro da Água*. Paço de Arcos: Edimpresa Editora, Lda., Coleções Unibanco, ISBN: 972-611-873-5, 208 pp.
- Silva, W.W. da Matta e Mestre Yapacani (2009). *Umbanda de Todos Nós*, S. Paulo, Brasil: Ícone editora Ltda., 13ª ed., ISBN 978-85-274-1027-4, 349 pp.

- Stuart, Ossie (1997). *African Diaspora Religion*, Part 20 in *The new Penguin Handbook of Living Religions*, London: Edited by Hinnells, J.R., Published by the Penguin Books 1998, 2nd Edition, p. 690-727.
- Sweet, James H.; Nunes, João Reis, trad. (2007). *Recriar África: Cultura, Parentesco e Religião no Mundo Afro-português (1441-1770)*. Tit. Orig.: Recreating Africa: Culture, Kinship, and Religion in the African-Portuguese World, 1441-1770 (2003; University of North Carolina Press). Lisboa: Edições 70, ISBN 978-972-1283-2, 350 pp.
- Tavares, Ildásio (1940/2001). *Xangô*. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora, Ltda., 2001, Coleção Orixás 2, ISBN 85-347-0211-X, 152 pp.
- Teixeira, Francisca Niédja Barros (2009). *Imposição de Mãos: Um Estudo de Religiões Comparadas*. Dissertação apresentada como requisito parcial final para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, Linha de Pesquisa Tradição Judaico-Cristã Cultura e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Brasil, 95 pp. Retirado a 31/05/2019 em <https://www.radarciencia.org/umbanda/3/>.
- Teixeira, José Manuel (1991). *Magia Negra em Casa de Gente Ilustre*. Lisboa: Edições «O Outro Mundo», Depósito legal n.º 50223/91, 96 pp.
- Tôrres, Flausino (1944). *Religiões Primitivas*. Lisboa: Edições Cosmos, Vol. I, Biblioteca Cosmos, Direcção do Prof. Bento de Jesus Caraça da Universidade Técnica de Lisboa, N.ºs 56/57, 3^a Secção – Números 4/5 – Filosofia e Religiões, b) Religiões, 260 pp.
- Trindade, Diamantino Fernandes/Hanamatan (1991). *Umbanda e sua História*. São Paulo: Ícone Editora, 2^a edição, ISBN: 85-274-0184-3, 152 pp.
- Vallado, Armando (2002). *Iemanjá, a Grande Mãe Africana do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora, Ltda., ISBN 85-347-0246-2, 260 pp.
- Verger, Pierre Fatumbi; Nóbrega, Maria Aparecida da Nóbrega tradutora (1997). *Lendas Africanas dos Orixás*. Salvador: Corrupio, 4^a ed., CDD 299 63, 91 pp.
- Verger, Pierre Fatumbi; Nóbrega, Maria Aparecida da Nóbrega tradutora (2002). *Orixás, Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador: Corrupio, 6^a ed., CDD 299 63, 295 pp.
- Vieira, Isabela, (8/11/2016). *Umbanda Patrimônio Imaterial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Agência Brasil, publicado em 8/11/2016.
- Weightman, Simon (1997). *Hinduism*, Part 5 in *The new Penguin Handbook of Living Religions*, London: Edited by Hinnells, J.R., Published by the Penguin Books 1998, 2nd Edition, p. 261-309.

Xavier, Dr. Fritz (1985). *Iansã – Sua Vida, Sua Glória*. Rio de Janeiro: Editora TecnoPrint S.A., Coleção Espiritualismo, EDIOURO 70971, 119 pp.

Zimbres, Eurico (2011, 23 de Março). Ciclo Hidrológico, *meioambiente.pro.br*. Retirado a 13/02/2017 em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ciclo_hidrol%C3%B3gico.

https://aguasdeolokun.files.wordpress.com/2015/05/11269150_393586430829013_477956579_n.jpg. Acedido em 27/11/2018.

<https://filosofiaimortal.blogspot.com/2015/01/deuses-indianos-significado-e-simbolismo>.

Acedido em 30/08/2019.

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/11/umbanda-e-declarada-patrimonio-imaterial-do-rio.html>.

Acedido em 2/07/2019.

<https://i2.wp.com/umbandaeucurto.com/wp-content/uploads/2017/06/xangô.jpg>. Acedido em 28/11/2018.

<https://img.elo7.com.br/product/zoom/F96E6C/quadro-de-iansa-quadro-de-iansa.jpg>. Acedido em 28/11/2018.

<https://i.ytimg.com/vi/7C4vDaROWGM/maxresdefault.jpg>. Acedido em 28/11/2018.

<https://jornalluzdocaminho.files.wordpress.com/2011/02/iemanjc3a1.jpg>. Acedido em 28/11/2018.

http://lourdesangola.blogspot.com/2013/03/logum-edede_18.html. Acedido em 16/02/2019.

http://maemartadeoba.com.br/a%20umbanda/oxumare/Oxumare_arquivos/image001.jpg.

Acedido em 28/11/2018.

<https://ocandomble.com/2008/12/17/qualidades-do-orixa-oba/>. Acedido em 20/03/2019.

<https://ocandomble.com/2011/06/03/vodun-dan>. Acedido em 24/02/2019.

www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/Ewã.jpg. Acedido em 28/11/2018.

<http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Iansã>. Acedido em 3/12/2018.

<http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Obá>. Acedido em 3/12/2018.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Umbanda>. Acedido em 16/06/2019.

<https://religionofworld.blogspot.com/2017/03/umbanda-e-declarada-patrimonio.html>. Acedido em 2/07/2019.

<https://umbanda.wordpress.com/2007/05/15/oxumare/>. Acedido em 2/12/2018.

<https://www.astrocentro.com.br/blog/espiritual/rainha-do-mar/>. Acedido em 3/12/2018.

<https://www.cademeusanto.com.br/logun-edede/>. Acedido em 16/2/2019.

<https://www.iqulibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/orixa-olokun/>. Acedido em 3/12/2018 e 11/09/2019.

<https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-oxum/>.

Acedido em 3/12/2018.

<https://www.iquilibrio.com/blog/espiritualidade/umbanda-candomble/tudo-sobre-xango/>.

Acedido em 4/12/2018.

<https://www.vetorial.net/~rakaama/o-olokun.html>. Acedido em 11/09/2019.

ÍNDICE REMISSIVO

ÍNDICE REMISSIVO

- África, 66: Central, 23, 66; Costa Atlântica, 23; Costa Ocidental, 23, 66, Costa Oriental, 23; Moçambique, 23; regiões culturais, 23.
- Africano (a/s), 30: carácter, raiz(es), 12, 64; crenças de escravos, 23; escravos, 23; grupos étnicos de povos, 23, 75; negro, povo, 23; povo escravizado, 110; povo Nagô, 75; povo do Daomé, 75; tradições e religiões, 23, 107, 108.
- Afrocentrismo: Teologia Afro-negra, 110; avaliação da ideologia do sistema colonial, com uma ‘doutrinação de submissão’, sincretismo e rupturas com conceitos básicos das religiões Africanas e modo de pensar próprio, 111.
- Água: estados físicos, sólido/gelo, líquido, gasoso/nuvens, 16; doce, subterrânea, 16.
- América Latina, 66.
- Angolas, 23.
- Animismo, 107.
- Aspectos Práticos Dominantes na Umbanda: Templo/Tenda/Centro/Terreiro, Organização Sacerdotal, Funcionamento de Rituais, 47-57.
- Atabaques: «Rum»/maior, «Rumpi»/médio, «Lé»/mais pequeno, 43.
- Atributos Práticos do Orixá: Euá, 77, Iansã, 81, Iemanjá, 98, Logun Edé, 90, Nanã, 73, Obá, 94, Olokum, 101, Oxum, 86, Oxumaré, 69, Xangô, 105.
- Bantos: Angola(s), Benguela, Cabinda, Congo, África Central, 23.
- Brasil, 22, 24, 27-33: colonos brancos, Senhores brancos, proveniência escravos negros, 22-24.
- Brasileira: cultura, identidade, indivíduos, miscigenação, multiculturalismo, 23.
- Budas/Buddhas e Bodhisattvas, 60.
- Budismo, 12, 57.
- Caboclo das Sete Encruzilhadas: 25-27, 35.
- Candomblé: ‘Cinco Linhas de Trabalho’, 34, 62, 66; seguidores 91.
- Captura de escravos: áreas, 22-23.
- Carácter animista, 66.
- Católicos: Senhores, 22; Catolicismo, 12, 24; Deus, intérpretes das Sagradas Escrituras, detentores do conhecimento teológico, 22.
- Centro Espírita: José de Souza, 25.
- Chuva: falta de, 12; lama, 19; chuva fina, contínua, forte, 71-84.
- Ciclo da Água/Hidrológico: fases/estádios/etapas, 12-13, 17-19, 67-107; processos de transferência, 18-19, 67; etapas de purificação, 17; agente modelador, erosão, transporte e deposição de sedimentos, 17-20.
- Colonos brancos: 22.
- CONDU- Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda: Órgãos Fundadores, 3º Congresso Brasileiro do Espiritismo da

- Umbanda, Instituições para ‘promover a caridade e a ajuda, publicação da obra ‘Fundamentos de Umbanda, Revelação Religiosa, 29-31.
- Cristianismo, 57, 66, 110-111.
- Cristianizados, 22.
- Culto dos Ancestrais, a deificação dos antepassados, de objectos, de lugares e fenómenos da natureza, com espíritos locais, os «Génios do Sítio», e feitiços em objectos ou pessoas com poder e energia, os «nyama», 107-108.
- Culto dos Gueledés: principal Orixá, 94.
- Cultos Afro-Brasileiros, 23.
- Definição de Umbanda, 35, 110.
- Deuses: Deidades, Divindades, 12; Higia/ Deusa Grega, Salus/ Deusa Romana, 19; Deuses Iorubas da Água, 67.
- Diabos: 62.
- Diáspora: Luso-Africana, 22-24, 58.
- Elementos Básicos da Criação: 113.
- Entidades Espirituais: Entidades/Guias/ /Espíritos desencarnados/comunicam por Mediuns, Mensageiros dos Deuses/ /Exus/homens, Pomba-Giras/mulheres, Caboclos, Pretos-Velhos, Irês/Ibejis, 60-61, 66-67.
- Equivalências entre: ‘Orixás’ e “Santos Católicos”, 59; ‘Orixás e “Budás/Buddas/ /Bodhisattvas”, ‘Orixás’ e “Deuses Hindus”, 60.
- Escoamento da Água: Orixás Regentes, 18, 67, 84-107, 112-113.
- Escolas/Terreiros/Tendas/Casas, 26-28, 30, 33-34, 48, 61, 66.
- Espiritismo de Allan Kardec: linhas espíritas, espíritos atrasados, 24-29, 33, 67.
- Evaporação da Água Superficial: Orixá Regente, 67-71, 112.
- Evapotranspiração: 18.
- Estrutura da Terra: Atmosfera, Nuvens, Hidrosfera, Litosfera/Crosta, Biosfera, Manto, Núcleo, 16.
- Euá/«Ewá/Yewa», Ninfa das águas, Intermediária entre o Céu e a Terra, Senhora da Chuva Contínua que provoca as enchentes dos rios e dos grandes lagos, Senhora do rio e da lagoa «Yewa», Grande Guerreira, Senhora do Segredo do Encanto e da Magia, Reino dos Mortos, 76-79, 112.
- Falange: Cada uma das ‘Sete Linha de Trabalho da Umbanda’ divide-se em ‘Sete Falanges’; cada ‘Falange’ divide-se em ‘Sete Subfalanges’; cada ‘Subfalange’ divide-se em ‘Sete Bandas’; cada ‘Banda’ divide-se em ‘Sete Legiões’; cada ‘Legião’ divide-se em ‘Sete Sublegiões’; cada ‘Sublegião’ em ‘Sete Povos’, 62.
- Feiticeiras e bruxas, 31.
- Fenómenos da Natureza: Forças da Natureza e Orixás regentes dos meios vitais de produção, 66, 107-108.
- Fórmulas Práticas: Procedimentos Básicos, 43-44; Ritos/Rituais de Terreiro, 45-47.

- Funcionamento de Rituais: Sequência Prática de Rituais, Instrumentos e Materiais, 52-57.
- Fundamentos Complementares: Profissão de Fé, Credo Umbandista, 38-39; Poder Expresso da Divindade/Deidade, 39-42; Fórmulas Práticas, 43-47.
- Globo Terrestre: 16-17.
- Guias/entidades: Candomblés, “baixo-espiritismo”, “Macumbas”, “Batuques do Rio Grande do Sul”, 24, 26, 32, 61.
- Guiné: Africano, Alta, Baixa, 22-23; Golfo da, Nigéria, Benim, 23.
- Hinduísmo: 57, 60, 64.
- Hino da Umbanda: 40.
- Ialorixá Mãe Menininha do Gantois: Terreiro «Ile Iya Omi Ase Iyamase», 92.
- Iansã/«Oiá-Iansã/Oya Yánsàn»: Senhora dos Ventos, Raios, Tempestades e Chuva Forte, Mulher Búfalo, Senhora das Almas, Primeira mulher de Xangô, Senhora do rio Niger, Mãe de nove filhos, 59, 79-84, 112.
- Iemanjá/«Yemanjá/Yemoja/Janaina/Danda lunda/Pandá/Kianda»: Rainha das Águas do Mar, Deusa da Fecundidade e dos Oceanos, Grande Mãe dos Orixás, 59, 96-100, 113.
- Incorporação: 67.
- Infiltração da água: Lençóis freáticos, rios subterrâneos, 19.
- Instrumentos e Materiais: Comidas e Bebidas, Defumadores, 53; Colheita e Trituração/Maceração de Ervas, 53-55;
- Vestes Rituais, 55; Guias Ritualísticas, 55-56; Métodos de Adivinhação, Jogo de Búzios/‘Delogum’, Jogo de Ifá/«Opelê», Jogo da «Abulosa»/Alubaça/Cebola, Jogo do Obi/Noz de Cola, 56-57.
- Irmãs precursoras da Umbanda em Portugal: Fernanda e Georgete que trabalharam no ‘Centro da Vó Teresa’ no Brasil até 1968, em Portugal, de 1975 a 1998, sem abrir Terreiro, atendiam consulentes com ‘Guias/Entidades de Umbanda: Fernanda com ‘Vovô Ambrósio’ e/ou ‘Pai Embalê’ e Georgete com ‘Vovó Cipriana’ e/ou ‘Pai Pena Vermelha’, 31-32; mais tarde, o filho biológico Fernando abriu no Cacém e depois em Cortesia e Assafora o ‘Terreiro Pai Oxalá e Mãe Iemanjá’, 32.
- IRPH-Instituto Rio Patrimônio da Humanidade: estudos, mapeamento dos ‘Terreiros da Umbanda’ com a ‘Tenda Espírita Vovó Maria Conga de Aruanda’ no primeiro lugar da lista, 30-31.
- Iorubas, 67.
- Karma: Leis do Karma, Leis de causa e efeito, 57, 64.
- Logun Edé/Logunedé/«Olòdùgùn Ede»: “Orixá Métamétá”, Senhor do Lago Azul/«Uáji», Príncipe dos Orixás Yorubá, Príncipe das Matas, Caçador Encantado, Feiticeiro e Mago Poderoso, 89-92; “Orixá Filho, por excelência”, 92.

Mãe d'Água, todos os Orixás femininos ou que apresentem vertente feminina: 68, 72, 76, 79, 85, 92, 97, 108.

'Mãe Tina: Albertina, Mãe de Santo 'Olga de Alaketu', 'Nilson', 'primeiro Terreiro de Candomblé em Portugal', 34

Médium: 26, 28, 31.

Mina: Escravos, Nordeste Brasileiro, 23.

Miscigenação: Multiculturalismo, 23.

Nanã/Nanã Buruku/«Nàná Búkùú/Nàná Brukung/Brukung»: Grande Mãe da Lama Primordial/Barro/Criação/Homem, Chuva Fina, Senhora da Vida e da Morte, Pântanos, Águas Paradas, Poços e Lagos Artificiais, Grande Avó dos Orixás, 72-76, 112.

Natureza/Tipo andrógina(o), macho e fêmea: 68, 89.

Obá/«Obà/Obáchi»: Senhora do rio «Qbà», das Águas Paradas de Lagoas, Quedas de Água e da Turbulência provocada pela junção de dois rios, Terceira Mulher de Xangô, por amor de quem sacrificou uma orelha, Orixá do «Ile de Ocu/Iku/Casa dos Mortos», 92-96, 113.

Olokum/«Olôkum/Olòòkun»: Divindade hermafrodita, metade peixe, metade homem, Pai de Iemanjá, Deus dos Oceanos Profundos, em Benim, Deusa do Mar, casada com Orunmilá/Senhor da Adivinhação, em Ifé, Orixá tão poderoso que se pensa ocupar o segundo lugar do Panteão Ioruba/Yorubá e os que seriam

'Filhos de Olokum são feitos como Filhos de Iemanjá', 100-103, 113.

Organização Sacerdotal: 'Babalawô', Sacerdote/Sacerdotiza/Pai de Santo/Mãe de Santo/«Babalorixá/Yalorixá», 51, 55; Pai Pequeno/Mãe Pequena/«Yakêkêê», «Oxogum», «Alô-Oxogum», «Ya-Bassé»/«Iabacé/Aiabá/Iabá», Curimbeiro/Ogã Atabaqueiro, Ogã/Alabê, Médium/Cavalo/Burro/Aparelho, 50-51, 56; Médium Iniciante, Médium em Desenvolvimento, Médium de Trabalho, Cambono, 52, 56.
«Oríkì»: 'Oxumaré', 68-69; 'Nanã', 72; 'Iansã', 80; 'Oxum', 86; 'Logun Edé', 89-90, 92; 'Iemanjá', 97; 'Olokum', 100-101; 'Xangô', 104.

Orixá(s)/«Orisha(s)»: da Água/da Água na Umbanda, 13, 41, 46-47, 49, 51, 53-54, 57, 59-60, 63; Culto dos, 23; Panteão de, 66; da Umbanda, 13, 66; Zambi/Olorum, 36, 39, 47, 59, 66; Ifá, 36-38, 56, 63-64; Oxalá, 59-60, 62-63; Yemanjá/Iemanjá, 59, 62; Nanã/Nanã Buruku, 59; Omulu/Obaluaiê, 59, 24; Oxumaré, 59; Iroko, 59; Tempo, 59; Xangô, 59, 62; Iansã/Yansã/Oiá/Oyá, 59, 62; Obá, 59; Oxóssi, 59, 62; Ossain, 59; Ibeji/Irês, 59; Oxum, 60, 63; Yewá, 59; Ogum, 59, 62; Exu, 59.

Orixá Regente/Orixá Maior/Grande Orixá, Tipo de Linha de cada uma das Sete Linhas de Trabalho da Umbanda, 64.

Oxum/«Ôsun/Aziri/Yalodé/Ìyálódòde»: A Rainha e Sereia das Águas Doces, das

- Cachoeiras e do rio «Ôşun», «Yara», Segunda Mulher de Xangô, Senhora da Fecundidade, Deusa/Orixá do Amor, Regente do Oráculo dos Búzios e com Mão de Jogo, 85-88, 112.
- Oxumaré/«Òxumaré/N'Tyana/Dambalah»: Serpente Dan», Senhor do Arco-Íris, Senhor de Evaporação da Água, Mensageiro da Chuva, Movimentos Cíclicos, Cachoeiras e Minas de Ouro, 68-71, 112.
- ‘Pai de Santo’ Rui Manuel Marques Saraiva: ‘Terreiro’ «Ilê d’Ôşun», 34.
- Panteão(ões): Ioruba/«Yorubá», 57, Religioso Africano da Umbanda, 13-14; de Orixás, 13; de Deuses Africanos, 13, 66; Católico, 58.
- Paralelismo entre as diversas fases do Ciclo da Água e Orixás da Umbanda, 13, 67-107, 111-113.
- Península Ibérica e Ilhas Atlânticas: 23.
- Perispírito: 67.
- Perspectivas de Trabalho Futuro: 113.
- Plano Astral: 67.
- Plantas de Uso Corrente em ‘Terreiros’ no Brasil: 54.
- Poder Expresso da Divindade/Deidade: Cânticos, Pontos Cantados, Hino da Umbanda, 39-40; Canção, 101; Símbolos, Pontos Riscados, 41-42, 44.
- Pontos Cantados: 39, 40, 46, 46-47, 48-49, 69, 72-73, 77, 80, 86, 90, 93, 97-98, 104.
- Pontos Riscados, 41-42, 44.
- Precipitação da Água, água vaporizada passa a líquido, chuva: Orixás Regentes, 71-84, 112.
- Principais Fundamentos da Umbanda: Um Deus Único, 35; Trindade, 36; Progressões Evolutivas, 36-37; Sete Tendências, 37-38.
- Princípios Práticos da Umbanda: Aspectos Práticos Dominantes na Umbanda, 47-57; Sincretismo, 47, 57-61; Sete Linhas de Trabalho na Umbanda, 47, 61-62.
- Procedimentos Básicos, procedimentos, instrumentos e termos básicos: Adjá, Assentamento, Aruanda/Céu, Atabaques/«Rum/Rumpi/Lé», Bater Cabeça, Calunga Grande, Calunga Pequena, Defumação, Descarrego, Obrigações, Oferendas/Ebós, «Oríkì»/elogio/saudação, Pontos Cantados, Pontos Riscados, 43-44.
- Processo de Reafricanização: retorno à “pureza das raízes Africanas”, 64.
- Processo de Renascimento, 64.
- Processos de transferência principais: Evaporação, Precipitação, Escoamento, 18-19.
- Progressões Evolutivas: Seis Linhas/ /Etapas, 36-37; 1ª Linha dos Devotos, orientações de entidades doutrinadas, 36; 2ª Linha Sacerdotal, Babalorixá/Ialorixá, desenvolvimento, Filhos de Fé/Iniciados, 36; 3ª Linha das Almas, Seres do Plano Astral, 36; 4ª Linha do Desenvolvimento, Entidades que se manifestam nos Filhos

- de Santo/Sacerdote para engrandecimento humano, 36; 5ª Linha do Oriente, Leis do Karma, Reencarnação e Evolução, 37, 57, 61; 6ª Linha das Encarnações Humanas e Divinas, 37; 7ª Linha dos Orixás, Forças Cósmicas/Seres Divinizados, 37.
- Qualidades do Orixá: Euá, 77; Iansã, 81; Iemanjá, 98-99; Nanã, 71; Obá, 96; Oxum, 88, Oxumaré, 68; Xangô, 107.
- Quinta-Essência: Éter/Espírito, 113.
- Ramificações da Umbanda: 34.
- Reis Sacros: soberanos, reis, chefes de tribos/«sobas», 108.
- Reinos de renascimento: 64.
- Religiões: Africanas: 24, 57, 64.
- Reservatórios: oceanos, glaciares polares, rios, lagos, pântanos, 19.
- Ritos/Rituais de Terreiro: Sessão Doutrinária e de Culto, Sessão de Cura e Desobsessão, Sessão de Exu/Sessão do Povo da Rua, Sessão dos Compadres, Sessões Comemorativas, Sessão de Prece aos Descarnados, Romarias, 45-47.
- Sacralização da Água: fonte de vida, 108.
- Sacralização dos principais meios de subsistência: tais como o gado, as terras e as águas, sejam elas pluviais, em reservatórios, grandes ou pequenos, como rios, lagos, nascentes, cachoeiras, mares, oceanos, cataratas e cascatas, bem como as águas subterrâneas, 108.
- Santos Católicos: 57-59.
- Século XIX: 24.
- Século XX: 25.
- Senegâmbia: 23.
- Sequência Prática de Rituais: Reforço do Exu Guardião da Casa/Terreiro/entrega de oferendas/comida ritual/«Padê/Padé» na Tronqueira, ‘abertura do ritual’/quei-ma de ervas/‘ponto cantado de defu-mação’, 52; ‘abertura dos trabalhos’/toques/«Adjá/Adejá»/‘Pontos de Abertura da Sessão’, tocados/‘Atabaques’ e cantados em louvor todas ‘Entidades’/do ‘Povo da Rua’ até ao ‘Orixá’/‘Pontos da Tradição, 52-53; descida de ‘Entidades’, final da ‘Sessão’/‘Chefe do Terreiro’/pontos a agradecer a ‘Orixás’ e ‘Entidades’, 53.
- Sete Linhas de Trabalho da Umbanda/ /Vibrações Originais/Tronos de Deus/ /Tronos Energéticos: Oxalá/Orixalá/Jesus Cristo, Fé/Religiosa, branco; Yemanjá/ /Orixás femininos/Nossa Senhora das Graças, Geração/Povo de Água, Prateado/ /Azul claro; Oriente/Oxum, Amor, Rosa/ /Dourado; Oxóssi, Conhecimento/ Caboclos, Azul-Turqueza; Xangô, Justiça, Vermelho e Branco; Ogum, Lei, Azulão; Africana/Omulu/Ifá/Iorimá/Ibeiji/Iori, Evolução/Almas, Branco e Preto, 61-62.
- Sete Tendências: Sete Raios regentes da vida/Sete Linhas da Umbanda, 37; Primeiro Raio, Alento Criador, 37; Segundo Raio, A Vida, a Paz e a Sabedoria, 37; Terceiro Raio, Poder

- Transformador, 37; Quarto Raio, Poder de Manutenção da Vida, 38; Quinto Raio, Harmonia, Justiça e o Ajustamento entre o Homem e Deus, 38; Sexto Raio, Amor e Devoção, 38; Sétimo Raio, disciplina de realização, 38.
- Sincretismo: Aceitação várias religiões de base, Africanismo, Panteão de Deidades/ /Orixás, Forças cósmicas da Criação, Seres Vivos e Ancestrais, 57; Hinduísmo e Budismo, Plenitude da vida, Leis do Karma, Reencarnação, Evolução, 57-58, 60; entre Orixás e Budas/Buddhas e Bodhisattvas, 60; entre Orixás e Deuses Hindus, 60; Cristianismo, citações bíblicas, normas de culto, paralelismo entre Orixás e Santos Católicos, Santos, Nossa Senhora e Jesus Cristo, 57-59.
- Símbolos: Pontos Riscados, Triângulo, Círculo, Sol, Lua, Estrela de Cinco Pontas, Pilão, Arco e Flecha, Coração, Espada, Machado, Cruz, Tridente, 41-42.
- Sistemas de crenças: Cultos e ritos religiosos, 24.
- Sociedade Elecô: Grande Chefe da, “amazonas guerreiras”, 94.
- Sudaneses: Haussais, Jeje, Keto, Nagô, «Yorubá»/Ioruba, grupos étnicos/nações/ /povos, 23.
- Tendas/Templos/Terreiros: Primeiro Terreiro de Umbanda, Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, sete novos Templos, expansão por diversos Estados Brasileiros, 26-31.
- Templo/Tenda/Centro/Terreiro: Tronqueira, Canjira/Casa de Exus, Cruzeiro das Almas/Casa das Almas, Firmeza/Assentamento de Ogum, Congá/Gongá, Peji, Salão, Assistência/Estado, Quarto de Camarinha, Quarto de Santo, Cozinha de Santo, Casa de Matanças, 48-50.
- Teologia Afro-negra em três blocos hermenêuticos: Teologia Afro-negra Cristã de Denúncia, Teologia Afro-negra Cristã Macroecuménica e Teologia Afro-negra da Autonomia, 111.
- Totemismo: Ser humano descenderia dum “Totem”, animal sagrado, 107.
- Trindade: Tríplice Aspecto, 35-36; Zambí/Energia, 36, 59; Oxalá/Vida, 36, 59; Ifá/Consciência, 36, 59.
- Umbanda: Origens, 22-34; Aspectos históricos no Brasil, 24-31, Transnacionalização, Início em Portugal, 31-34, Definição, 35; Bases/Fundamentos, 35-57; Princípios Fundamentais, 35-38; Fundamentos Complementares, 38-47; Princípios Práticos, 47-62; Aspectos Dominantes, 48-57; Sincretismo, 57-60; Linhas de Trabalho, 60-62; século XXI, ‘Património cultural do Rio de Janeiro’, ‘Prefeito Eduardo Paes’, publicado na lista ‘Patrimónios Imateriais do Rio de Janeiro’, 30-31.

UEUB-União Espiritualista de Umbanda do Brasil: I Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, *Jornal de Umbanda*, “actividades isoladas”, segundo ‘Congresso de Umbanda’, 27-29; *Estado Novo no Brasil, Era Vargas, Redemocratização, Ditadura Militar*, 28-29.

Virgínia de Albuquerque: *Primeira Mãe de Santo da Umbanda em Portugal*, 130 ‘primeiro Terreiro’, iniciação na Umbanda das quatro primeiras mulheres em Portugal: Mariazinha, Conceição, Mariana, Albertina, 33-34, ‘Terreiro de Umbanda Ogum Megê’-TUOM, Terreiro em Polina, 34.

Woodrow Wilson da Mata e Silva/Mestre Yacapani: *Umbanda Esotérica*, 28, 34; *Escola Iniciática da Corrente Astral do Aumbhandan, Tenda Umbandista Orien-*

tal, Bíblia da Umbanda, Umbanda de Todos Nós, 28; *Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino, Faculdade de Teologia Umbandista, Francisco Rivas Neto/Ara-piaga*, 30.

Xangô/«Sangô/Sogbo/Kibuco/Sàngó»: *Rei da cidade Nigeriana de «Oyó/Ôyó, Orixá da Justiça, Senhor do Trovão, do Fogo do Céu, das Pedreiras, das Profundezas da Terra e de tudo o que dela irrompe, tais como Vulcões, Géiseres, Fontes Termas*, 103-108.

Zambi/Olorum: *Um Deus Único, Deus Supremo, Deus Criador, Energia*, 35-36, 59.

Zélio: *Zélio Fernandino de Moraes, Zélio de Moraes*: 25-30.